

Nelly Barreto Moreira da Silva

**“A LITERATURA DE ESTADOS NO SÉC. XVI E  
O ESPELHO DE CASADOS (1540) DO DR. JOÃO DE BARROS”**



Folha de rosto da edição de 1540.

Exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto 2010

Nelly Barreto Moreira da Silva

**“A LITERATURA DE ESTADOS NO SÉC. XVI E  
O *ESPELHO DE CASADOS* (1540) DO DR. JOÃO DE BARROS”**

Dissertação de Mestrado em Estudo Literários,  
Culturais e Interartes – Ramo de Estudos Românicos  
e Clássicos – Culturas Ibéricas, elaborada sob a  
orientação da Professora Doutora Zulmira Santos e  
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade  
do Porto.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto 2010

**Contraher matrimonio con una muger cosa es muy fácil;  
mas subtentarlo hasta en fin téngolo por muy difícil,  
y de aquí es que todos los que se casan por amores  
viven después con dolores.**

**Fray Antonio de Guevara**

***Libro primero de las epístolas familiares – 1541***

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, Prof. Zulmira Santos, pela amizade, pela sua disposição em me atender nas horas incertas e também pelas gratificantes aulas, onde me inspirei para este trabalho.

Agradeço do fundo do meu coração aos meus pais, aos meus irmãos, ao meu marido e ao meu filho Rui Miguel, pela compreensão, apoio e carinho.

Aos amigos que estiveram ao meu lado nesta fase significativa da minha vida, em especial a minha querida amiga Marília, os meus mais sinceros agradecimentos.

E não posso deixar de lembrar a todos os professores que me acompanharam nesta Universidade e que contribuíram de forma decisiva na minha formação acadêmica.

## ÍNDICE

|                                                                          |             |
|--------------------------------------------------------------------------|-------------|
| I. O Autor e a Obra                                                      | pág. VI     |
| II. Casamento e literatura de estados no século XVI                      | pág. X      |
| 1. Os “espelhos” de educação feminina                                    | pág. X      |
| 2. O “ <i>Espelho de Casados</i> ”: a “forma” das pautas comportamentais | pág. XV     |
| III. Tema e Argumentação                                                 | pág. XVII   |
| IV. Conclusão: A “harmonia conjugal”                                     | pág. XXVIII |
| V. Referências Bibliográfica                                             | pág. XXX    |
| VI. Critérios de Edição de Texto                                         | pág. XXXI   |
| A. Aspectos gerais: apresentação do texto                                | pág. XXXII  |
| B. Vogais e Consoantes                                                   | pág. XXXII  |
| C. Aspectos morfológicos                                                 | pág. XXXII  |
| D. Diacríticos                                                           | pág. XXXIII |
| E. Maiúsculas e pontuação                                                | pág. XXXIII |
| VII. <i>Espelho de Casados</i>                                           | pág. 1- 110 |

## I. O AUTOR E A OBRA

Tributário de uma literatura de carácter e objectivos doutrinários, que muito se desenvolveu ao longo do século XVI, *Espelho de Casados* é uma espécie de tratado que tem como tema o louvor do casamento. Impresso pela primeira vez no Porto, em 1540, escolhe um registo de características predominantemente normativas, na medida em que visa orientar o comportamento masculino, em sociedade, examinando as vantagens e desvantagens de tomar o estado de “casado”, incorporando, deste modo, o amplo filão de literatura de comportamento social, tão desenvolvido em contexto humanista.

Escrito por João de Barros, doutor em leis, leigo mas instruído em teologia, autor perspicaz, crítico da vida e conhecedor do comportamento humano, muito pouco se sabe da biografia deste ilustre cidadão portuense, homónimo do bem mais conhecido historiador das *Décadas* e também autor do livro de cavalaria *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522)<sup>1</sup>. Como referem Tito de Noronha e António Cabral, no estudo introdutório da segunda edição do *Espelho de Casados*, preparada conforme o original de 1540 e datada de 1874:

Do autor do *Espelho de Casados* são raras as notícias que se encontram, e muitos o confundem com o seu homónimo, João de Barros, autor das *Décadas*, o que já motivou o reparo de Manoel Severim de Faria, que diz, tratando deste último “Uns afirmam que é de Braga, confundindo (pode ser) seu nome com o do Doutor João de Barros, autor da *Descrição de Entre-Douro-e-Minho*, que dela foi natural”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Na muito útil obra sobre os impressores portugueses da segunda metade do século XVI, Gomes de Brito ainda aventa a hipótese de que pudesse tratar-se da mesma pessoa: “Como estamos no terreno resvaladio das supposições e das probabilidades, seja-nos permitido aventurar a suposição de que este dr. João de Barros possa ser o proprio homonymo do auctor das *Decadas*, com quem alguma vez foi confundido, e que em 1540 deu a lume na cidade do Porto o *Espelho de Casados*, impresso por Vasco Dias Tanco de Frexenal. Dr. João de Barros ou nasceu no Porto ou em Braga, e vivia ainda em 1553, mas, se como informa Barbosa Machado, elle foi do Desembargo do rei D. João III, e seu escrivão da camara, não seria impossivel que, fixando residência, por tal facto, era Lisboa, adquirisse para sua habitação a casa onde Manoel João estabeleceu a sua officina” (BRITO, José Joaquim Gomes de - *Noticia de livreiros e impressores de Lisboa na 2ª metade do século XVI*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1911, p. 32, nota 27).

<sup>2</sup> BARROS, João de - *Espelho de Casados*, 2ª edição, conforme a de 1540 (por Tito de Noronha e António Cabral), Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, fl. 3. O exemplar consultado encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Sobre o lugar de nascimento do autor, Diogo Barbosa Machado, na sua fundamental *Bibliotheca Lusitana*, a primeira grande obra de referência bibliográfica editada em Portugal, que reúne as biografias de um imenso conjunto de autores até meados do século XVIII, explicita duas origens diferentes, sem deixar transparecer preferência por nenhuma em particular: “João de Barros natural do Porto, como escreve o Ilustríssimo Cunha. Hist. Ecles. de Braga, parte 2, cap. 35, nº 5, ou de Braga como afirma o douto antiquário Manoel Severim de Faria Dic. Var. Hist, fol. 23.”<sup>3</sup> Mais tarde, Inocêncio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, reafirma estas referências sobre o lugar de origem do escritor: “João de Barros (2º) Doutor em Leis, do Desembargo del-rei D. João III, e seu escrivão da Câmara. Foi natural do Porto ou de Braga, e apenas se sabe que ainda vivia em 1553.”<sup>4</sup>

Só em 1874, no referido estudo introdutório da segunda edição de *Espeelho de Casados*, Tito de Noronha e António Cabral defendem a tese da naturalidade de Braga ou do lugar de Barros, uma freguesia do concelho de Vila Verde, entre o Douro e o Minho, a aproximadamente dezassete quilómetros da capital do Minho, de onde procederia o seu apelido. Relativamente à formação académica e curricular do autor e do seu legado, escassas são as informações que nos chegam através de Diogo Barbosa Machado:

Estudou Jurisprudência Civil na Universidade de Coimbra, saindo tão eminente nesta Faculdade, que depois de ser ouvidor do Arcebispado de Braga, e Escrivão da Câmara del Rei D. João III pelos anos de 1546 e 1547. Desembargador dos agravos em 1549. E não do Paço, como diz Nicol. Ant. Bib. Hisp., tom. I, p. 497, vol. 2, a quem o mesmo Príncipe cometeu, juntamente com o Doutor Rodrigo Monteiro, que servia de Almotace mor, e os vereadores da cidade de Lisboa a incumbência de rever as Tábuas velhas, e ordenar outras novas para beneficio dos seus vassallos ... Compôs

Espeelho de Casados – Porto por Vasco Dias do Frexenal, 1540.

Descrição de entre Douro e Minho, M.S...

Dos Nomes próprios de todas as Províncias de Espanha, M. S.

Livro das Escrituras Autenticas e bens do Mosteiro de Pedroso...

<sup>3</sup> MACHADO, Diogo Barbosa - *Bibliotheca Lusitana: historia, critica, e cronológica, na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, reprodução da edição princeps de 1741-1759, revista por Manuel Lopes de Almeida, Coimbra, Atlântida, 1965-1967, Vol. II, p. 609.

<sup>4</sup> SILVA, Inocêncio Francisco da - *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1972, Vol. III, p. 323.

Carta escrita ao Cardeal D. Henrique<sup>5</sup>

Das obras citadas, *Espelho de Casados* é a única que foi impressa e, pelas escassas informações que possuímos, deverá ter sido pouco divulgada. Incorpora o restrito grupo de obras editadas no Porto, no século XVI, circunstância que certamente se explica por viver nesta cidade, podendo assim “controlar” a impressão da obra que, ao tempo, não esqueçamos que estamos em 1540, se revelava ainda uma tarefa complicada, sobretudo quando grande parte dos impressores não era de nacionalidade portuguesa<sup>6</sup>. A investigação recentemente levada a efeito nesta área<sup>7</sup>, permitiu que chegássemos a um conjunto de informações importantes sobre o impressor do *Espelho de Casados* que ajudam a contextualizar as fornecidas por A. Anselmo na *Bibliografia de obras impressas em Portugal no século XVI*<sup>8</sup>. Benito Real Costas que estudou pormenorizadamente a questão, elaborou uma breve biografia de Vasco Dias Tanco, dito de Frexenal, porque natural de Fregenal de la Sierra, na Estremadura espanhola, onde terá nascido nos últimos anos do século XV. Curiosamente as primeiras notícias que sobre ele foram encontradas remontam à sua estadia no Porto, em 1540, justamente a data da impressão do *Espelho de Casados*, trabalhando para o Cabido. O seu testamento e algumas das suas obras permitem acreditar que esteve em Itália, na altura do saque de Roma, em 1528, e em Bolonha, na coroação de Carlos V, em 1530. Estabelecido em Sevilha, trabalha com outros impressores, passa depois por Saragoça e Lisboa, encontrando-se, em 1538, em Braga, colaborando com o impressor Francisco Correia<sup>9</sup>. Em 1540, muda-se para o Porto, e aqui imprime, para além do *Espelho de Casados*, as famosas *Constituições Sinodais do bispado do Porto* ordenadas por Frei Baltazar

<sup>5</sup> MACHADO, Diogo Barbosa - *Bibliotheca Lusitana: historia, critica, e cronológica, na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente*, reprodução da edição princeps de 1741-1759, revista por Manuel Lopes de Almeida, Coimbra: Atlântida, 1965-1967, Vol. II, p. 609.

<sup>6</sup> ANSELMO, António Joaquim - *Bibliografia de obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa: Of. Gráfica da Biblioteca Nacional, 1926.

<sup>7</sup> REAL COSTAS, Benito, *Producción y comercio del Libro en Santiago 1501-1553*, Madrid: Calambur, Biblioteca Litterae, 2007, pp. 60-107.

<sup>8</sup> ANSELMO, A. J., ob. cit., p. 312, nºs 1072 e 1073.

<sup>9</sup> Sobre Francisco Correia e a sua actividade em Lisboa (parece nada saber-se sobre a sua actividade no Porto)

v. ANSELMO, A. J., ob. cit., p. 126 e ss.

Limpo. Chegará a Santiago, onde se envolverá em várias publicações ligadas ao cabido, em 1543:

En este cabildo [del 26 de febrero de 1543] los d[ic]hos s[eñ]ores dixerón por quanto elolos los dias passados avían mandado al senõr canónigo P[edr]o Maldonado, obrero de la d[ic]ha santa igl[es]ia, q[ue] diese y pagase a Vasco Diaz de Frexenal çiento e diez d[ucado]s de oro <sup>10</sup>

Em Santiago, Vasco Tanco de Frexenal imprimirá 1000 breviários, passando depois a Orense, onde trabalha, em 1543, na impressão das *Constituciones Sinodales* do bispo Francisco Manrique de Lara e na *Historia e Profecia de la sibila Eritrea* do professor de gramática Toríbio Ruiz. O conhecimento do impressor e do seu constante trabalho para diferentes cabidos permite perceber que se tenha encarregado da obra de alguém que, como o Doutor João de Barros, estava ligado ao Arcebispado de Braga e ao Cardeal D. Henrique. Mesmo assim, e apesar do esforço que fizemos, não conseguimos saber mais sobre esta figura que se define como: “ (...) cidadão da cidade do Porto”. Se consideramos cidadão como residente, poderemos, com alguma probabilidade, depreender que era nesta cidade que morava e exercia a sua profissão, em 1540, como deixa perceber quando escreve: “Os procuradores de quanta arrogância e adulação usam com as partes, ainda que dou em meu escudo mas não deixarei de o dizer (...)”<sup>11</sup> ou ainda “Eu vi muitos processos e demandas sobre casamentos clandestinos entre pessoas baixas, e os mais se ordenavam por romarias, que parece ser feitas a esse fim”<sup>12</sup>. Na obra, que provavelmente funcionou também como a fonte de Diogo Barbosa Machado, também menciona ter estudado Direito em Coimbra com o propósito de seguir a vida sacerdotal, facto que não se veio a concretizar, optando posteriormente pela vida de casado: “ (...) minha intenção e desejo era seguir a Igreja e não ser casado e esta foi a causa por que vindo nós

<sup>10</sup> REAL COSTAS, Benito, *ob. cit.*, p. 60.

<sup>11</sup> BARROS, João de - *Espelho de Casados*, 2ª edição, conforme a de 1540 (por Tito de Noronha e António Cabral), Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, [Fol.XLVIIv]; e, SILVA, Nelly Barreto Moreira da - “A Literatura de Estados no séc. XVI e o *Espelho de Casados* (1540) do Dr. João de Barros”, Porto: ed. da autora, p. 82 (a partir deste momento passaremos a citar o texto de *Espelho de Casados* pela edição a seguir transcrita, localizando sempre o fólio correspondente da edição de Tito de Noronha e António Cabral).

<sup>12</sup> *ibid*, p. 74 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLIIv ]

ambos dessa terra a estudar, eu me passei aos cânones (...)”<sup>13</sup>. Assumindo-se como conhecedor do direito civil e canónico, o Doutor João de Barros, como tem sido designado para evitar a confusão com o muito mais conhecido autor das *Décadas*, acentua este facto nos múltiplos exemplos que cita, apelando à erudição nas leis humanas e divinas:

A duodécima qualidade que há-de ter o bom casamento é que se faça segundo as leis divinas e humanas, quero dizer que não seja com parenta nem afim, nem comadre, nem afilhada segundo dizem os cânones sagrados.<sup>14</sup>

No decorrer do texto do *Espelho de Casados*, também se apresenta como sabedor da filosofia de Aristóteles e Platão, circunstância que, em contexto humanista, poderá provar a sua sensibilidade aos saberes da Antiguidade clássica, traduzindo uma familiaridade provavelmente normal num jurista: “Diz Platão que a mulher e o homem foram juntamente feitos e que a mulher deseja tornar-se a perfeição em que antes era, posto que isto é falso. Mas, por isso, são menos continentes e menos sofridas, segundo diz Aristóteles.”<sup>15</sup>. Cremos que a continuação da investigação poderá, talvez, conduzir a resultados mais satisfatórios que, a escassez do tempo, não permitiu, por agora, adiantar.

## II. CASAMENTO E LITERATURA DE ESTADOS NO SÉCULO XVI

### 1. Os “espelhos” de educação feminina

Ao longo do século XVI entra progressivamente em crise a visão medieval do mundo onde prevalecia a convicção generalizada da “simpleza” ou ignorância e a debilidade do sexo feminino e o casamento era visto como um remédio para a concupiscência carnal.

---

<sup>13</sup> *ibid*, p. 10 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. Iv ]

<sup>14</sup> *ibid*, p. 101 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LIX ]

<sup>15</sup> *ibid*, p. 21 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. VIII ].

Maria de Lurdes Correia Fernandes, na sua obra *Espelhos, Cartas e Guias, Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica*, salienta o: “ (...) desprezo pelo “estado” do casamento, do ponto de vista dos valores espirituais, bem como a visão depreciadora do mesmo aliada à representação negativa das influências femininas (...)”<sup>16</sup>, acrescentando outro dos grandes motivos: “ (...) para os cultivadores do amor cortês o desprezo pelo casamento relacionava-se grandemente com o carácter obrigatório deste”<sup>17</sup>, no sentido em que o “casamento” como forma de relação entre famílias passava, quase sempre, pela questão patrimonial.

Como é sabido, a problemática da “perfeição dos estados” foi muito discutida ao longo da Idade Média, sobretudo na Baixa Idade Média, promovendo um debate que privilegiava a virgindade e a castidade sobre qualquer outro estado, na pauta da perfeição religiosa e espiritual. Em data já avançada no século XVI, em 1583, Fray Luís de León, em *La Perfecta Casada* sublinhará a qualidade “noble y sancto” do estado de casados, equacionando ainda um filão temático que atravessará a literatura doutrinária ibérica de Quinhentos:

Y, lo que sobre todo es, hizo del casamiento, que tratan los hombres entre sí, significación y sacramento sanctísimo del lazo de amor con que Él se ayunta a las almas, y quiso que la ley matrimonial del hombre con la mujer fuese como retrato e imagen viva de la unidad dulcísima y estrechísima que hay entre Él y su Iglesia; y así ennobleció el matrimonio con riquísimos dones de su gracia y de otros bienes del cielo. (...) De arte que el estado de los casados es estado noble y sancto, y muypreciado de Dios (...)”<sup>18</sup>.

Na primeira metade do século XVI, como mostrou Maria de Lurdes Correia Fernandes, a circulação do colóquio de Erasmo *Uxor Mempsigamos*, tradução castelhana editada em 1527, a carta *Letra para Mosén Puche, valenciano, en la qual se toca largamente, como el marido com la muger y la muger con el marido se han de haber. Es letra para dos recién casados*, datada de 1524 e posteriormente incluída no *Libro Primero de las Epístolas Familiares* (Valladolid, 1539-1541) de Fray Antonio de Guevara, o *Norte de los Estados*

<sup>16</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Espelhos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica: 1450-1700*, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995, p. 20.

<sup>17</sup> *ibid*, p. 21.

<sup>18</sup> LEÓN, Fray Luis de - *La Perfecta Casada*, Ed. Espasa-Calpe, Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003, p. 13.

(Sevilla, 1531) de Francisco de Osuna, a par dos textos de Luis Vives sobre a educação feminina, sobretudo o *De Institutione Feminae Christianae* (1523)<sup>19</sup>, mas também, como complemento, o *De Officio Mariti* (1528), e naturalmente, o conhecimento das fontes clássicas do tipo do *De mulieribus virtutibus*, incluído nos *Moralia* de Plutarco, enforma uma atmosfera doutrinária que enquadra o *Espelho de Casados* que, tanto quanto se sabe, é a primeira obra impressa escrita em português integralmente dedicada ao tema do casamento, examinando as suas vantagens e desvantagens.

Tendo em conta o contexto ibérico, parece possível afirmar que, na Península, circularam sobretudo textos que procuravam veicular modelos de comportamento feminino, tendentes a demonstrar que a perfeição podia ser atingida em todos os estados e, neste sentido, o casamento aparecia como um dos “patamares” em que era necessário encontrar fórmulas que evidenciassem a sua aptidão para a “perfeição”, discutindo uma aparente menoridade na senda do mais perfeito caminho para a salvação, ao mesmo tempo que procuravam dotar este “estado”, em que assentava a organização social, de um conjunto de regras e saberes que, contribuindo para o tornar prestigiante, almejavam torná-lo um lugar de paz e concórdia e não de disputas e dificuldades<sup>20</sup>. Com efeito, estes textos, normalmente redigidos por moralistas e humanistas, sensíveis a um programa de perfeição “devota”, possuíam uma função exemplar, doutrinária e didáctica, pretendendo combater a ignorância com conselhos precisos para a orientação das práticas religiosas dos cristãos, destacando a importância da vida e a conduta moral e conjugal dos casados.

Alguns escritores humanistas espanhóis do século XVI, como Juan Luis Vives y fray Luis de León, muito lidos na Europa e nas colónias espanholas da América, propuseram nas suas obras dotar as mulheres de um nível de educação mais amplo que o costumeiro nessa época, embora continuassem a privilegiar a

<sup>19</sup> Publicado em Anvers, em 1524, e objecto de inúmeras traduções e edições.

<sup>20</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Reconstructions des images du couple dans la péninsule Ibérique aux XVIe et XVIIe siècles, Histoire, économie et société* (2002), Volume 21 - Numéro 21-2, pp. 133-144. SERRA, Pedro - *Da figura histórica à voz anónima. Aproximação aos exempla femininos no discurso moralístico sobre o casamento (sécs. XVI-XVII) e Humanista*, (2001) Volume 1, pp. 98-118. FERNÁNDEZ GARCÍA, María Nieves - *Para una lectura de La perfecta casada. In Homenaje a Fray Luis de León (1527-1591). IV Centenario de su muerte*. Madrid: Editorial Revista Augustiniana, 1991. 287-313.

castidade e a virgindade como valores essenciais: eram partidários de ensiná-las a ler, a dominar a técnica de trabalhos manuais, a preparar aprazíveis refeições e a tocar algum instrumento musical; também defendiam que aprendessem a doutrina cristã e praticassem as virtudes marianas da castidade, obediência, ocupação do ócio e piedade. A ideia da importância de educar todas as mulheres, independentemente da sua posição social, foi uma das mudanças mais importantes na atitude da sociedade perante o sexo feminino, mesmo que, nos países do sul da Europa, tal atitude se restringisse, muitas vezes, à aristocracia ou à burguesia endinheirada.

Com as publicações de Erasmo<sup>21</sup> ou de Luis Vives, sobretudo com *De institutione feminae christianae*, obra traduzida para castelhano, em Valência, em 1528, inicia-se uma mudança qualitativa protagonizada pela ideia humanista de fomentar a educação pessoal<sup>22</sup>, acreditando na possibilidade de “melhorar” a qualidade “humana”, num universo que separava a “Feritas” da “Humanitas”, se bem que a função cultural das mulheres parecesse centrar-se, preferentemente, na procura da virtude. A mulher devia ser educada para o casamento ou para o convento. Luis Vives defendia que as mulheres deviam saber ler mas só deviam ler determinadas obras: “ (...) veloz es el pensamiento de la mujer y tornadizo por lo común, y vagoroso y andariego, y no sé bien a dónde le trae su propia lubricada ligereza (...)”<sup>23</sup>. Entre as leituras recomendadas para o género feminino figuravam, como figurarão durante muito mais tempo, os Evangelhos – embora, como se

<sup>21</sup> Não apenas o colóquio já citado, mas também um conjunto de textos que, embora mais vocacionados para a educação masculina, acentuavam a importância de educar desde cedo: *De pueris instituendis* (1529), *De civilitate morum puerilium* (1530). V. OSÓRIO, Jorge Alves, «Erasmo, a cortesia e a piedade», *Revista da FLUP, Línguas e Literaturas*, «Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs XVI-XVIII», 1993, pp. 7-22.

<sup>22</sup> «La santidad de tus costumbres y el entusiasmo que tu espíritu muestra hacia los estudios sagrados me impulsan a escribirte algunas normas sobre la educación de la mujer cristiana, tema tan necesario como el que más, pero del que nadie se ha ocupado hasta nuestros días aunque la diversidad y abundancia de genios y escritores es enorme. En efecto, ¿qué cosa hay tan necesaria como instruir en la virtud los espíritus de aquéllas que son nuestras compañeras inseparables en cualquier trance de la vida? La benevolencia permanece segura entre las personas buenas, en cambio no es duradera entre las malas. No sin motivo dice Aristóteles que aquellas ciudades en las que se presta poca atención a la instrucción de las mujeres se ven privadas de una considerable parcela de su felicidad» VIVES, Juan Luis - *La formación de la mujer cristiana (De institutione feminae christianae) traducción, introducción y notas por Joaquín Beltrán Serra, València, Ajuntament de València, 1994. Introducción a los libros de Juan Luis Vives sobre la educación de la mujer Cristiana dedicados a la serenísima Doña Catalina de España, Reina de Inglaterra*, p. 27.

<sup>23</sup> VIVES, Luis - *De la mujer cristiana*, ed. cit. p.53.

sabe, depois de Trento, o acesso a traduções, para além dos Salmos, se tornasse muito problemático –, as vidas de santos, o Antigo Testamento e alguns autores clássicos. Não deviam ler livros de cavalarias nem romances sentimentais que, por veicularem duvidosos exemplos de comportamento, foram criticamente visados por quase todos os moralistas e autores humanistas do século XVI, antes e depois de Trento.

Em Espanha, a obra *La Perfecta Casada*<sup>24</sup> de Fray Luis de León, (Salamanca, 1583), dirigida à sua prima, María Varela Osorio, descreverá, em anos posteriores ao *Espelho de Casados*, um modelo de esposa exemplar, estabelecendo os deveres e atributos da mulher casada nas relações familiares, nas tarefas quotidianas e no amor a Deus<sup>25</sup>. Inspirada em fontes clássicas, como também fez o Doutor João de Barros, esta obra serviu como "Bíblia" para a educação das mulheres, apresentando-nos o casamento como uma instituição social e um sacramento religioso (procriação da raça humana e glorificação de Deus), com um carácter dicotómico claro, integrado por dois elementos complementares de funções determinadas e maioritariamente opostas: o marido e a mulher, numa clara hierarquização da estrutura familiar: é o marido que manda e a mulher que obedece, se bem que à mulher sejam consagradas responsabilidades específicas.<sup>26</sup> Este moralista qualifica a mulher de: “ventanera, visitadora, callejera, amiga de fiestas, enemiga de su rincón, de su casa olvidada y de las casas ajenas curiosa, pesquisidora de cuanto pasa, y aun de lo que no pasa inventora, parlera y chismosa, de pleitos revolvedora, jugadora también, y dada del todo a la risa y a la conversación y al palacio con lo demás”<sup>27</sup>, na sequência de

<sup>24</sup> LEÓN, Fray Luis de, ob. cit.

<sup>25</sup> LEÓN, Fray Luis de, *La Perfecta Casada*, ed. cit, p. 25: «De manera que el hombre que acertare con una mujer de valor, se puede desde luego tener por rico y dichoso, entendiendo que ha hallado una perla oriental, o un diamante finísimo, o una esmeralda, o otra piedra preciosa de inestimable valor. Así que ésta es la primera alabanza de la buena mujer, decir que es dificultosa de hallar”.

<sup>26</sup> “E, também neste aspecto, é bastante ilustrativo o *Espelho de Casados* – que se apresenta como uma espécie de “caixa de ressonância” das perspectivas que a época vinha consagrando –, confirmando-nos a importância que se reconhecia à relativa complementaridade entre marido e mulher.” (FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Espelhos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica: 1450-1700*, Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1995, p. 142).

<sup>27</sup> LEÓN, Fray Luis de, *La Perfecta Casada*, ed. Cit, p. 73.

uma tradição da “malícia das mulheres” que lhes atribuía um conjunto de defeitos tradicionalmente explorados no teatro e nas sátiras<sup>28</sup>.

## 2. O “*Espelho de Casados*”: a “forma” das pautas comportamentais

Do ponto de vista da sua natureza textual — um tratado de natureza argumentativa que recorre frequentemente a *exempla* como forma de persuasão privilegiada —, o *Espelho de Casados* incorpora um filão conhecido, embora tenha a particularidade de, no caso português, ser uma obra única para o seu tempo, na medida em que se apresenta como um “espelho”, isto é, um texto que assumidamente pretende criar uma pauta para o estado de “casados”, discutindo as vantagens e desvantagens do casamento e concluindo pela necessidade de optar por ele, em nome da “ordem social” e da “proles”. A designação do texto como “espelho” prende-o ao filão de literatura de “espelhos” de finais da Idade Média e do século XVI, de que o *Espejo de la vida humana* (1468), do escritor humanista D. Rodrigo Sánchez de Arévalo, pode constituir um modelo na meditação sobre a condição humana. A literatura de “espelhos” era, aliás, uma tipologia textual que propunha modelos de conduta a observar em estados diversos. Por exemplo, os “espelhos de príncipes”, tão divulgados desde os finais da Idade Média, traçavam pautas de conduta para aqueles que detinham as responsabilidades do governo, analisando as formas adequadas de exercício do poder.

O *Espelho de Casados* encaixa-se, como antes se disse, no momento de transição da Idade Média para a Idade Moderna e reflecte aspectos tanto do humanismo como de uma visão medieval da sociedade. É de destacar que Maria de Lurdes Correia Fernandes aponta o Doutor João de Barros como o precursor, em Portugal, na defesa da mulher perante esta tradição misógina medieval: “ (...) a primeira “defesa” da mulher contra alguns ataques misóginos de âmbito europeu havia sido já empreendida por outro jurista, o Dr. João de Barros”<sup>29</sup>. Encontramos, assim, neste tratado, o João de Barros humanista que propunha o retorno às

<sup>28</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Cartas de sátira e aviso: em torno dos folhetos Malícia das mulheres e Conselho para bem casar de Baltasar Dias, Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 1, 2004, pp. 161-181.

<sup>29</sup> FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Literatura Moral e Discursos Jurídicos em torno dos «privilégios» femininos em Portugal*, Revista da Faculdade de Letras, «Línguas e Literaturas», Porto, XVII, 2000, pág. 417.

virtudes da antiguidade, através do estudo dos textos antigos (citando muitas vezes Platão, Aristóteles, Sêneca...) e que tece uma dura crítica a esta característica de acento medievalizante da sociedade do seu tempo, a aversão às mulheres, mas, que, por outro lado, continua a valorizar, como era comum no seu tempo, apesar da defesa do casamento, a superioridade do estado religioso e, essencialmente, da virgindade. Entrar em religião continuava a ser o caminho mais directo para atingir a perfeição, circunstância que faz que não nos surpreenda o facto do autor do *Espelho de Casados* ponderar optar por “entrar em religião” e que dedicar a obra ao Cardeal Infante D. Henrique.

Convém, no entanto, destacar que João de Barros escreve antes do Concílio de Trento<sup>30</sup>, aproximando muitas vezes os escritores profanos aos livros sagrados, como, por exemplo, quando refere: “Assim como Platão, a quem todos chamam divino, em cuja escritura se acha quase todo o Evangelho de São João I, *in princípio erat verbum*.”<sup>31</sup> Em outras ocasiões, a doutrina preconizada não era a mesma que posteriormente foi aceite, referindo passagens que poderiam ofender as “versões” sequenciais a Trento:

Joana de Inglaterra foi de tanto saber que alcançou ser Papa em Roma, depois de Leão IV, e houve nome João VII, e empenhou de um seu familiar, e indo para igreja, a tomaram no caminho as dores, e ali pariu e morreu (...)<sup>32</sup>

Como afirma Adriano Properi, mostrando como muito se altera depois do Concílio de Trento, e não deixa de ser curioso que o tratado seja dedicado ao Cardeal Infante D. Henrique que, mais tarde, haveria de ser o principal responsável pela aceitação e prática dos decretos tridentinos: “Ma la disciplina fu, allora come sempre, un misto di persuasione e di repressione, di premi e di

<sup>30</sup> Segundo Pontes de Miranda, antes do Concílio de Trento, quatro eram os elementos formadores do casamento, todavia a inobservância dessas formas não levava à nulidade do casamento:

- consentimento dos esposos, que se mostrava como a essência do casamento;
- cópula entre os esposos, pois o consentimento embora absolutamente necessário para constituir o casamento, não era suficiente para torna-lo indissolúvel;
- o consentimento precedente ao definitivo, já referido, e que se continha nas promessas de casamento que, por exemplo, nos costumes germânicos, eram condições essenciais para a validade das núpcias;

- bênção nupcial, pois em todo casamento cristão deveria ser previamente anunciada a bênção pelo padre no momento da sua celebração”. MIRANDA, Pontes de - *Tratado de Direito de Família*, vol. II, 1ª ed., São Paulo, Bookseller, 2001, p. 63.

<sup>31</sup> *ibid*, p. 32 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XV].

<sup>32</sup> *ibid*, p. 64 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXXV].

punizione”<sup>33</sup>. Os tempos antes de Trento revelam-se, em muitos aspectos das referências à “doutrina cristã”, bastante diferentes da atmosfera instaurada pelo Concílio, mesmo antes de este ter terminado. Não pode esquecer-se que os ventos da Reforma avassalavam a Europa não apenas em termos de controvérsia religiosa, mas também em guerras constantes.

Por outro lado, tratando-se de um jurista, é de assinalar que tenha escrito em língua vulgar e não em latim, embora a natureza do texto, um tratado que pretendia assumidamente “doutrinar”, no sentido de “ensinar”, procurando examinar os vários aspectos de uma questão, possa também explicar que assim tenha sido. O autor faz deste tratado um manual onde, assumidamente, pretende regular condutas, optando por um registo discursivo corrente, onde define as regras e conselhos para o sucesso das uniões conjugais, a partir duma visão ingénua, mas realista, da sexualidade e do pecado, opondo o celibato ao casamento e tendo como horizonte os ditames da Igreja Católica, ainda pré-tridentina, delineando o perfil desejado da mulher e o seu lugar na sociedade, defendendo o sexo feminino a partir duma perspectiva moral e da estabilidade do casamento.

### III. TEMA E ARGUMENTAÇÃO

Composto por quatro partes, o *Espelho de Casados* apresenta, na primeira, doze argumentos contra o matrimónio, designadamente os defeitos das mulheres, referidos numa suposta carta que recebe de um amigo de Salamanca, explicando as razões que o fazem decidir a não casar e continuar no estado laical, motivos baseados nos argumentos misóginos, mais correntes nas primeiras décadas do século XVI<sup>34</sup>, onde os debates sobre o casamento partiam, quase sempre, da sua oposição ao celibato, principalmente pelos defeitos e vícios das mulheres,

<sup>33</sup> PROSPERI, Adriano - *Tribunali della coscienza. Inquisitori, confessori, missionari*, Torino, Einaudi, 1996, pp. XI- XII.

<sup>34</sup> V. FERNANDES, Maria de Lurdes - *Cartas de sátira e aviso: em torno dos folhetos Malícia das mulheres e Conselho para bem casar de Baltasar Dias*, Península. Revista de Estudos Ibéricos, nº 1, 2004, pp.161-181.

nomeadamente, a ignorância, inconstância e incontinência da natureza feminina e da sua influência nefasta.<sup>35</sup> O que resta da obra versa sobre a resposta do autor ao seu amigo espanhol, explicando-lhe as razões a favor do casamento, defendendo as mulheres de uma forma clara, destruindo os preconceitos existentes e dando conselhos para bem casar. Examinando a “sintaxe” da obra, pode dizer-se que, logo no início, o frontispício do livro nos apresenta, de uma forma clara e concisa, o objectivo final da obra: convencer os homens de que, apesar de tudo, vale a pena casar:

### ***ESPELHO DE CASADOS***

Em o qual se disputa copiosamente quão excelente proveitoso e necessário seja o casamento e se metem muitas sentenças, exemplos, avisos e doutrinas e dúvidas necessárias para os casados e finalmente os requisitos que há-de ter o casamento para ser em perfeição e a serviço de Deus.<sup>36</sup>

No prefácio, João de Barros explica os motivos que o levaram a escrever este compêndio, citando, através de exemplos, personagens ilustres da antiguidade como Aristóteles, São Bernardo, São Jerónimo, entre outros, para justificar a transmissão do saber como um dever dos detentores do conhecimento para com aqueles que não sabem:

(...) porque como diz São Paulo: a todos somos devedores, em outra parte diz São Jerónimo que cada um há-de oferecer a Deus das primícias de seus trabalhos e, por isso, eu que fui da profissão de casados me pus a este trabalho para que assim soubessem algumas cousas que lhes tocam, que pelos livros profundos estão derramadas (...) <sup>37</sup>,

dedicando a sua obra ao Cardeal Infante Dom Henrique, Arcebispo da cidade de Braga, para se proteger da censura dos leitores a que pudesse vir a estar sujeito - “(...) e querendo-o trazer a lume, temia eu os detractores”<sup>38</sup> -, na esteira de um

---

<sup>35</sup> Na sequência de um filão de larga tradição que, em Portugal, pode encontrar-se, por exemplo, em o *Orto do Esposo* ou em o *Boosco Deleytoso*.

<sup>36</sup> *ibid*, p. 2 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. I ].

<sup>37</sup> *ibid*, p. 3 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. Iv ].

<sup>38</sup> *ibid*, p. 3 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. II ].

tópico paratextual de larga fortuna até finais do século XVIII<sup>39</sup>. Na Introdução, o autor justifica o título da obra com a necessidade que todos temos de imitar os bons exemplos a modo do espelho de Sócrates<sup>40</sup>:

Por isso, como quer que hũa das principais cousas em que os homens se mudam, e às vezes mal, é quando casam, eu quis compilar este livro em que se vissem a modo do espelho de Sócrates, e assim lhe chamei Espelho de Casados (...)<sup>41</sup>,

sempre dentro dos ensinamentos da Igreja Católica: “E, por isso, a intenção me recebam e se a obra tal não for, me perdoem, a qual eu começo. Em nome de nosso Salvador Jesus Cristo e da gloriosa Virgem Santa Maria, sua mãe, e do bem-aventurado Senhor São Domingos, meu padroeiro, a quem peço enderece minha pena em seu serviço e proveito dos leitores (...)”<sup>42</sup>

Tanto quanto se sabe, é nesta obra que o termo humanista aparece referido pela primeira vez em Portugal, reflectindo o contexto cultural europeu, conceito que, o *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, significa “(...) todo aquele que é versado no conhecimento das línguas e literaturas antigas, sobretudo gregas e latinas, sem excluir porém o hebreu”, embora as definições mais rigorosas pareçam apontar para um perito nos “studia humanitatis”:

Os humanistas zombam das leis e chamam aos nossos doutores bárbaros, porque os não entendem. Por isso, eu tomando de tudo um pouco, quis compilar este tratado para os que não sabem em linguagem a modo das disputas e argumentos que se fazem em latim por direito, pondo primeiro as razões falsas e contrárias e depois as verdadeiras e depois responder às falsas e concluir como costumam os argumentadores.<sup>43</sup>

Como humanista, seguindo a antiguidade greco-latina como modelo de sabedoria, João de Barros recomendava aos jovens que, em vez de perderem tempo a ler as aventuras dos livros de cavalaria, argumento que se viria a tornar num “tópico”, sempre que se referiam alguns dos “perigos” da ficção em prosa, se dedicassem à leitura das proezas autênticas da história da humanidade, na lição

---

<sup>39</sup> CAYUELLA, Anne - *Le paratexte au siècle d'or: prose romanesque, livres et lectures en Espagne au XVIIe siècle*, Genève: Lib. Droz, 1996.

<sup>40</sup> O espelho simboliza o auto-conhecimento que recomendava Sócrates, que exortava a seus discípulos a olhar-se no espelho todas as manhãs e a célebre frase: «conhece-te a ti próprio».

<sup>41</sup> *ibid*, p. 6 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. III ].

<sup>42</sup> *ibid*, p. 8 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. IVv ].

<sup>43</sup> *ibid*, p. 6 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. IIIv ].

aprendida certamente em Cícero e Tito Lívio, da História como mestra da vida, que o Humanismo revalorizou no sentido de repositório de modelos de conduta:

Quando os mancebos começam a ter entendimento do mundo, gastam o tempo em livros mui desnecessários e pouco proveitosos para si nem para outrem, assim como na fabulosa história de Amadis nas patranhas do Santo Grial nas sensaborias de Palmeirim e Primalião e Florisendo e outros assim, que haviam mester totalmente exterminados, que já de nenhuma cousa servem onde há tantos outros de que se pode tirar proveito, assim como de Santo Agostinho e de São Jerónimo e de Séneca e para passar o tempo em mores façanhas que as de Esplandian, leiam a Lívio, Valério, Curcio, Suetónio, Eutrópio e outros muitos historiadores, onde se acharam maiores façanhas proveitosas para os que desejam saber, e ainda avisos e mui necessárias doutrinas.<sup>44</sup>

A Primeira Parte da obra, como já foi referido, trata de uma suposta carta de um presumível amigo do autor, datada de 1529 (onze anos antes da impressão do tratado), onde desaprova e rejeita o casamento, não por preferir a vida religiosa, mas por receio do compromisso e da servidão que implica o ter esposa, optando, por este motivo, pela vida de solteiro:

Eu não quero dizer que hei-de ser frade nem creio que já ninguém me chegara a isso, porque por meus pecados o não mereço. Mas para ser casado, posto que o casamento seja santo e bom, digo Senhor que nunca determinei de o ser, nem o desejei, nem é de minha condição, porque quanto mais nele cuido, maiores inconvenientes para mim vejo.<sup>45</sup>

Nessa carta, apresenta, assim, doze razões que desfavorecem o casamento dos homens, expondo, em primeiro lugar, as responsabilidades do matrimónio: “(...) porque não há maior carga que ver-se um homem casado”<sup>46</sup>, e explicita melhor o seu ponto de vista, citando um exemplo da antiguidade: “Dizia Marco Aurélio, queixando-se dele, que trinta e seis anos fora solteiro que lhe pareceram dias e seis que fora casado lhe pareceram seiscentos”<sup>47</sup> e, mais adiante, acrescenta “(...) assim o que casa nunca acabará de contar quantas fortunas lhe sucederam depois de casado com a mulher, com os filhos, com a fazenda, com os criados, com as necessidades e com outras diversas fortunas e trabalhos”<sup>48</sup>, sendo a carga

<sup>44</sup> *ibid*, p. 7 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. IV ].

<sup>45</sup> *ibid*, p. 10 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. IV ].

<sup>46</sup> *ibid*, p. 11 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. IV ].

<sup>47</sup> *ibidem*.

<sup>48</sup> *ibid*, p. 11 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. II ].

mais pesada a mulher, destacando alguns dos seus defeitos, como possuir a beleza ou fealdade: “(...) assim o casado sempre anda em grande perigo com sua mulher, em que se é mui formosa corre risco por ser desejada e cousa é mui difícil de guardar aquilo que muitos desejam, e sendo muito virtuosa não é ainda segura, porque Séneca diz que até assim podem desfalecer. Se a mulher é feia também não carece de trabalho, porque não pode ser maior que viver contra sua vontade.”<sup>49</sup> ou a inveja/ostentação: “(...) há algumas que como vêm a outra hũa jóia nova não duram nem sossegam até que os maridos lhe dêem outra tal”<sup>50</sup>.

João de Barros contesta e reprova, na Terceira Parte do tratado, cada um dos argumentos apresentados contra o casamento e contra as mulheres, respondendo, neste caso, ao seu amigo de Salamanca, que a riqueza não traz alegria e o contentamento, que sente quem casa bem, vence todas as riquezas do mundo. Explica que ter mulher dá muito menos trabalho que não a ter, pois ela é tudo numa casa: “(...) porque ela tem ofício de despenseiro, ofício de tesoureiro, ofício de guardar a casa, ofício de criar os filhos, ofício de mandar fazer as cousas miúdas, e outras para as quais o homem há mister muitas pessoas a que bem o pague.”<sup>51</sup>. Também alega, como razão religiosa, que mais vale casar já que é muito pior viver com remorsos e em pecado mortal ao desejar e usar a mulher alheia. A segunda razão contra o casamento é por não ver a morte dos filhos já que “ (...) não há amor que vença o do pai (...)”<sup>52</sup>, referindo muitos exemplos da antiguidade. Ao que João de Barros contrapõe, que mesmo sendo uma situação triste e dolorosa, o tempo cura tudo, e o Evangelho proclama que os devemos deixar partir para o Reino dos Céus: “ (...) mas os filhos, quando nos falecem, devemos dar graças ao Senhor Deus.”<sup>53</sup>

A terceira é a escravidão, porque “ (...) não há cousa mais de estimar que a liberdade, a qual se não vende bem por todo ouro do mundo (...)”<sup>54</sup> e, casando, o marido tem de estar sempre pronto a cumprir o dever de conjugal para com a esposa, o que ilustra através deste peculiar exemplo:

---

<sup>49</sup> *ibidem*.

<sup>50</sup> *ibidem*.

<sup>51</sup> *ibid*, p. 55 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXX ].

<sup>52</sup> *ibid*, p. 12 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. IIv ].

<sup>53</sup> *ibid*, p. 56 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXXv ].

<sup>54</sup> *ibid*, p. 15 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. IVv ].

Conta Pedro de Palude no IV das Sentenças que um cavaleiro tudesco jejuara toda a Quaresma e em véspera de Páscoa lhe rogou sua mulher que se chegasse a ela e ele disse que já não tinha senão aquele dia que o não havia de quebrar. Foi em ela tal sentimento que bem como fora de si faltou com um irmão que tinha em casa, incitando-o ao pecado e como ele não quisesse ela desesperada tomou hũa faca e o degolou. Acudindo o marido disse ela: Tu me fizeste fazer isto e, por isso, tu o fizeste.<sup>55</sup>

E acrescenta o citado amigo, contra o casamento, alguns aspectos jurídicos, tais como não poder dispor dos bens livremente, da responsabilidade solidária perante as dívidas, pelo facto de estar casado, referindo especificamente o caso português: “(...) mas aqui em Portugal, se um passa mal, lá vai a fazenda do outro. E a fortuna de um é a mesma do outro”<sup>56</sup>. Também refere a questão do adultério e da sua penalização por parte da Igreja que permite o afastamento do marido, mas proíbe-o de voltar a casar, dado o casamento ser indissolúvel:

Pode também o juiz eclesiástico, a requerimento da mulher ou de seu ofício contra tais maridos e contra suas mancebas, proceder com censuras de excomunhão, por razão do pecado (...) e pelo adultério a Igreja os aparta quanto a cama e viver, mas não que fique nenhum deles livre para se poder casar com outra.<sup>57</sup>

O autor da obra contesta este argumento, referindo que, ao casar, se está a servir a Deus e, por isso, o casamento é liberdade, e em casa todos somos reis. Responde à questão da infidelidade do marido, dizendo que ela traz muitas vezes como consequência a discórdia, o desentendimento e a má vida conjugal, o que traz à mulher sofrimento e tristeza e, consequentemente, desejos de vingança: “E, por isso, os maridos devem escusar e guardar-se de cometer tal erro contra suas mulheres porque não há cousa que lhe dê maior nojo, e que pior suportem”<sup>58</sup>. Por outro lado, também relata o caso das mulheres que consentem a infidelidade do marido: umas, como estratégia para que eles se sintam culpados, outras, como forma de assegurar a descendência quando elas próprias não conseguem fazê-lo.

O quarto fundamento contra o matrimónio é a “simpleza” ou ignorância da mulher: “(...) Salomão diz que o homem se deve apartar da pessoa que tem

<sup>55</sup> *ibid*, p. 16 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. V ].

<sup>56</sup> *ibidem*.

<sup>57</sup> *ibidem*, p. 17 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. V ].

<sup>58</sup> *ibid*, p. 61 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXXIV ].

pouco saber, para que não se faça semelhável a ela, pois o filósofo nas políticas diz que o conselho da mulher é inválido e fraco. E Platão duvidou se ajuntaria a mulher com os homens, se com os brutos”<sup>59</sup>, acrescentando outros defeitos, tais como a coscuvilhice, a ira, a indiscrição, a inconstância, a simulação, entre outros. Evoca, ainda, o recurso a bruxarias para enfeitiçar os maridos. Na reprovação deste fundamento, João de Barros aponta os defeitos das mulheres, contudo, justifica-os, saindo em defesa do sexo feminino e referindo vários exemplos de mulheres cultas.

No quinto argumento da carta, o suposto amigo refere, ainda, que as mulheres são inconstantes: “Terêncio diz que quando queremos não queremos e queremos quando não queremos, o que lhe contente agora lhe aborrece depois”<sup>60</sup>, e acrescenta, justificando:

Que a pessoa que não é constante nem tem firmeza em suas obras, não tem crédito nem reputação, nem se pode fiar dele cousa de substância. É mui suspeita a todo segredo, porque logo o há-de descobrir que não é em sua mão encobri-lo. A inconstância das mulheres as faz não ser verdadeiras e as faz de duas línguas, e de duas faces, e de dois corações.<sup>61</sup>

Contradizendo, o autor argumenta que elas não têm culpa já que são os homens que fazem que elas sejam assim: “(...) e, por isso, não nos devemos espantar das mulheres as quais por se guardarem de nossos enganos não é muito que nos enganem.”<sup>62</sup>

A sexta razão contra o casamento é que para a grande maioria das mulheres é muito difícil a abstinência sexual e como nesta vida tudo se descobre, o autor da carta alerta “(...) que a boa fama é tesouro inestimável (...)”<sup>63</sup>. Alega que as mulheres provocam, seduzem e enganam os homens, tanto as solteiras como as casadas. Ilustra com uma série de histórias de maridos enganados e de filhos de adúlteras que não conheciam o pai verdadeiro. João de Barros responde, alegando muitos dos deveres dos maridos já que considera a incontinência o

<sup>59</sup> *ibid*, p. 18 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. VI].

<sup>60</sup> *ibid*, p. 20 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. VII].

<sup>61</sup> *ibidem*.

<sup>62</sup> *ibid*, p. 66 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXXVII].

<sup>63</sup> *ibid*, p. 21 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. VIII].

fundamento mais forte contra o casamento. Aponta que, em grande parte, os homens são os culpados da concupiscência carnal das mulheres, já que as seduzem, ameaçam, forçam, enganam até obterem o que desejam e depois as abandonam: “(...) a malícia dos homens é tanta e tão subtil para enganar as mulheres que não lhe devemos pôr toda a culpa, pois os homens têm dela tanta parte”<sup>64</sup>. Também culpa os maridos que gastam o sustento da família com outras mulheres, obrigando às esposas a procurar outros que as sustentem:

E quando as mulheres isto sentem, ordenam de se prover doutro que as proveja (...). E o homem que muitas mulheres tem, há-de satisfazer com a fazenda, comer, e vestir, e quando a mulher vê tamanho desbarato, vinga-se e também do marido e, por isso, é também sua a culpa.<sup>65</sup>

Assim critica e repreende o comportamento dos casados pois são: “(...) os homens menos castos e menos continentes que as mulheres (...) porque são de compleição mais quente na qual mais a luxúria reina”<sup>66</sup>, indicando-lhes que devem amar as esposas e cumprir com as suas obrigações em casa e devem saber manter a autoridade e o respeito para servir de exemplo, o que funcionaria como um espelho para que as esposas os imitassem, destacando o papel do marido como educador da esposa. Adverte, porém, para o perigo do abuso de poder com proibições sem razão aparente, como o caso dos maridos ciumentos: “eles são mui ciosos, como há muitos que se queimam disso, tanto que o causam às suas mulheres, porque as têm guardadas que não vão a janela nem a porta, nem a igreja, nem a folgar, e dos ventos as guardam e se temem”<sup>67</sup>, chegando alguns ao exagero: “ (...) porque há tais que em todo um ano não deixam sair a mulher nem para igreja e dizem estes que a mulher não há-de sair fora de casa senão quando casa e quando morre”<sup>68</sup>, e aconselha: “O marido não há-de ser mui cauteloso nem recatado porque, como diz Salomão, o que muito munge tira sangue e quem muito corrige, ofende”<sup>69</sup>, finalizando este tópico com as seguintes palavras: “(...) em conclusão digo que é tacha mui grande ser o homem cioso e com isso dá causa a

<sup>64</sup> *ibid*, p. 69 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXXIX ].

<sup>65</sup> *ibidem*.

<sup>66</sup> *ibid*, p. 77 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLIV ].

<sup>67</sup> *ibid*, p. 71 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLv ].

<sup>68</sup> *ibid*, p. 72 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLI ].

<sup>69</sup> *ibid*, p. 72 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLI ].

sua mulher para que faça o que não deve.”<sup>70</sup> Na sequência dos princípios preconizados por Luís Vives, na obra editada em latim, em 1528, *De officio mariti*, o autor também critica os maridos ausentes, seja por trabalho ou por vadiagem, como um dos maiores perigos para a integridade matrimonial: “Quando un hombre toma la decisión de contraer matrimonio, debería organizar su vida de tal modo que se redujeran al mínimo los motivos que le hicieran emprender viajes”.<sup>71</sup>

Reitera o dever do marido de acompanhar a esposa aos eventos sociais porque: “(...) ir a mulher aos convites e romarias com pessoas estranhas é perigo, porque sempre a mulher vem com alguma novidade”<sup>72</sup>, e alerta para terem cuidado com as pessoas que visitam a casa: “(...) e para isso olhará o homem de sua casa pelas mulheres que lá entrarem desconhecidas, para que lhe não aconteça como a Plebério com Celestina. Nem se fie o marido muito em compadres, nem em hóspedes (...)”<sup>73</sup>, reprovando o costume de França e de Inglaterra de beijar as mulheres na cara, quando as cumprimentam porque: “(...) os abraços e beijos são sinal de adultério.”<sup>74</sup>

A sétima razão contra o casamento é a discórdia entre o marido e o adúltero que decorre do fundamento anterior “(...) porque como Platão diz não há cousa que cause mais discórdia que hũa mulher de muitos desejada”<sup>75</sup>, o que pode provocar grandes desgraças:

(...) assim como o marido pode por si matar o adúltero e adúltera, sendo compreendidos em tal auto, assim pode para isso levar parentes seus e amigos que o ajudem sem terem nenhuma pena, onde se segue revolta no povo, maiormente quando são pessoas de qualidade e o homem não somente por amor de si, mas por amor da República para a qual também nasceu.<sup>76</sup>

<sup>70</sup> *ibid*, p. 73 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLII].

<sup>71</sup> VIVES, Juan Luis - *De officio mariti* (Los deberes del marido), traducción, introducción y notas por Carme Bernal, Valencia, 1994, Capítulo VIII, «La ausencia del marido», p. 191.

<sup>72</sup> *ibid*, p. 74 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLIIv ].

<sup>73</sup> *ibidem*.

<sup>74</sup> *ibid*, p. 75 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLIII].

<sup>75</sup> *ibid*, p. 25 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. Xv ].

<sup>76</sup> *ibidem*.

João de Barros assegura que o segredo está na escolha acertada da mulher, tema de ampla repercussão que, entre outros, D. Francisco Manuel de Melo glosará na *Carta de Guia de Casados* (1651), e no respeito pela doutrina da Igreja, no que se refere a evitar o pecado, pois: “(...) o verdadeiro Matrimónio há-de ser puro e limpo de toda mácula (...) e para não haver nenhuma discórdia quando cada um se quer casar devia bem olhar pela condição daquela com que se quer ajuntar.”<sup>77</sup>. Na obra citada, Vives tinha acentuado a importância da escolha de mulher, tendo mesmo consagrado um capítulo a esta importante questão que continuará a ser um tema importante ao longo do século XVII: “Capítulo II: sobre la elección de esposa”.

O oitavo argumento apontado para não querer casar, muito parecido ao anterior, é o de evitar ter de viver com a mulher adúltera, já que, se o marido quiser deixá-la, não pode, pois, conforme a doutrina católica, o casamento é para toda a vida, referindo que: “(...) não pode ser maior inconveniente, porque deseja o marido tomar a vida que deixou e já não pode ”<sup>78</sup>, e se quiser proibi-la, ainda pior, o fruto proibido é o mais apetecido e ela continuará a prevaricar. Para refutar este argumento, o autor apela ao arrependimento do adúltero, ao perdão do cônjuge e a consequente reconciliação. Explica as práticas e costumes de alguns povos onde é consentida a morte por adultério, e outros onde os adúlteros eram duramente castigados, salientando o caso português: “Cá em Portugal é mais áspera a pena e os maridos mais duros que muitos as matam e outros as acusam até a morte pela lei que o permite, mas como disse não sem pecado no qual a lei civil não pode dispor.”<sup>79</sup>

A nona razão contra o casamento diz respeito aos defeitos e manhas das mulheres, designadamente a malícia, mas também apontam-se outros vícios: “Outros dizem que há na mulher sete propriedades: santas na igreja, diabos na casa, anjos na prática, bufos na janela, pegas na porta, cabras na horta, enfadamento na cama”<sup>80</sup>, contudo, ressalva no fim que existem exceções à regra: “(...) e tudo o que digo não se entende das boas e virtuosas, senão pelas outras,

<sup>77</sup> *ibid*, p. 77 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XLIV ].

<sup>78</sup> *ibid*, p. 26 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XI ].

<sup>79</sup> *ibid*, p. 80 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XLVIv ].

<sup>80</sup> *ibid*, p. 28 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XIIv ].

porque por elas se deve reear o casamento.”<sup>81</sup> Outro dos inconvenientes em casar, seguindo o autor da carta, seria o homem ser pobre: “(...) o que é pobre não pode suportar as grandes cargas do matrimónio para manter sua mulher e criar seus filhos (...)”<sup>82</sup>; ou ser doente: “(...) se o marido é enfermo mui asinha, abreviara sua vida porque não há cousa que mais impeça ao doente e ao são que o uso da mulher (...)”<sup>83</sup>, ou, ainda, velho: “E sendo o marido velho, que maior doença pode ser?”<sup>84</sup>

Procurando uma síntese, João de Barros sublinha que os homens têm defeitos muito maiores que os das mulheres:

Se no mundo há mulheres palreiras, mudáveis, néscias, vãs, também nos homens se podem achar citas mesmas tachas muito em abundância e ainda de vantagem das mulheres. Quem faz agora homicídios? Furtos? Traições, alvoroços, pelejas, falsidades, demandas, roubos, forças e outros males sem conto? Senão os homens e não as mulheres. Toda idade é mais pronta a fazer mal que bem, porque não há nenhum que não erre ou peque.<sup>85</sup>

Em jeito de conclusão que possa servir como fecho da argumentação exposta, destaca as virtudes das mulheres e explica que errar é humano, justificando, desta forma, todas as fraquezas apontadas pelo seu amigo na carta e sublinhando sempre os defeitos apontados se revelam bem maiores nos homens. Recorre, ainda, ao argumento da riqueza da mulher ou à falta dela, que explica, através dum singular exemplo:

Um Rei tinha um filho perguntado por que não o casava, disse que uns lhe ofereciam filhas formosas, outros generosas, outros muito ricas e que nenhum lhe oferecia filha virtuosa que, por isso, não o podia casar. O amor honesto depende do coração e não do ganho. Assim que casar com mulher rica é mui grande trabalho e com pobre é muito maior, segue-se logo que assim devemos fugir de casar com mulher rica como com mulher pobre, e que hũa e outra devemos escusar.<sup>86</sup>

<sup>81</sup> *ibid*, p. 29 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XIII ].

<sup>82</sup> *ibidem*.

<sup>83</sup> *ibid*, p. 29 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XIIIv ].

<sup>84</sup> *ibid*, p. 30 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XIIIv ].

<sup>85</sup> *ibid*, p. 81 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XLVIv ].

<sup>86</sup> *ibid*, p. 31 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XIVv ].

A pobreza do homem não deve ser motivo válido para não casar, dado que com o dote e com a ajuda da mulher, se esta for poupada e governar bem a casa, pode chegar a enriquecer. O segredo estará na escolha duma mulher com princípios. Por último, o suposto autor da carta evoca outra série de argumentos apresentados no direito antigo imperial, ou não fosse João de Barros um jurista de formação, citando o Imperador Teodósio:

(...) só se a mulher fosse adúltera, homicida, plagiária que é vender o filho ou servo alheio, feiticeira, violadora dos sepulcros, ladroa, sacrílega, ou que vai aos convites sem licença do marido, ou ficar de noite fora, ou for aos teatros, ou ordenar a morte ao marido, ou traidora. Em todos estes casos era lícito ao marido repudiar sua mulher (...) <sup>87</sup>,

e terminando a carta, reitera a condenação e recusa do casamento, optando pela vida de celibatário. Barros reprova este motivo, recordando que os antigos tinham muitos maus costumes como, por exemplo, os mouros e egípcios que podiam casar com várias mulheres, os árabes que podiam ter uma mulher em comum com todos os parentes, ou o caso de outras culturas em que se admitia o adultério para poder procriar e, por isso, eles receavam o casamento. Porém, defende este sacramento em contraposição à vida de solteiro já que é uma vida “(...) perigosa, inútil, desgostosa, sem ordem, sem polícia, cousa por todos ou pelos mais nunca aceiteada. E portanto conclusivamente havemos de ter o casamento ser cousa excelentíssima.” <sup>88</sup>

O autor dedica a Segunda Parte do tratado à continuação da apologia do casamento, frisando a importância de casar bem, sendo este indissolúvel e o adultério condenado, e apresentando os doze argumentos seguintes: 1) conservar a espécie humana, pois nenhum ser vivo é imortal: “(...) nenhuma cousa mais deseja o homem que perpetuar-se. O que não pode ser senão por seus filhos e por sua geração” <sup>89</sup>, acrescentando que: “(...) o matrimónio é semente da geração humana.” <sup>90</sup>; 2) por amor a Deus, que foi quem criou este sacramento; 3) pela glória e alegria que proporciona: “Grande glória é ao marido ver sua mulher como lhe tem governada a casa e concertada e regida, como lhe aparelha o comer, como

<sup>87</sup> *ibid*, p. 31 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XV ].

<sup>88</sup> *ibid*, p. 89 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LIV ].

<sup>89</sup> *ibid*, p. 35 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XVII ].

<sup>90</sup> *ibid*, p. 35 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XVIIv ].

lhe cria os filhos, como lhe aproveita a fazenda, como descarrega ao marido dos cuidados e os toma sobre si”<sup>91</sup>; 4) por seguir o exemplo dos antepassados, já que eles também casaram; 5) por seguir os modernos, dado que, todos casam, e se não fosse esta uma boa experiência muitos não voltavam a casar duas ou mais vezes; 6) pela importância de depois da morte, deixar o testemunho, através da descendência: “(...) que cousa possuem no mundo os homens mais doce que a geração pela qual de si deixam longuíssima memória (...)”<sup>92</sup>, destacando o interesse de ter muitos filhos já que são a maior riqueza e a maior fonte de amor, onde é evidenciada a natureza do amor paterno relativamente ao materno: “ (...) e por esta razão de perpetuação os pais amam grandemente a seus filhos e mais que a si mesmo. E o pai ama mais fortemente e a mãe mais docemente (...)”<sup>93</sup>; 7) pela honra: uma boa mulher ajuda a formar um marido honrado e cita o provérbio: “(...) donde és homem, donde é minha mulher”<sup>94</sup>; 8) pela íntima e profunda amizade e a partilha de cumplicidades que nasce da união dos bem casados:

Não há cousa onde mais se conserve a amizade que entre o marido e a mulher, porque se vê por experiência que por mais nojo que um homem tenha, se conforta com sua mulher. E em as fadigas e infortúnios não há outro maior socorro que o da mulher: se o homem perde a fazenda, consolasse com sua mulher; se lhe morre o filho? Também se consola com ela; se adoecer, outro tanto (...)”<sup>95</sup>.

E relata exemplos de mulheres que deram a vida pelos seus maridos ou morreram de amor; 9) pela defesa e honra da República: “Do matrimónio nascem os bons cidadãos, porque os bastardos, às vezes, não são tão fiéis, e em direito são havidos por pessoas indignas e incapazes (...)”<sup>96</sup>; 10) pela ajuda da mulher ao marido em casa, pois, “(...) para se bem governar e preparar hũa casa é necessária, para olhar e prover cousas miúdas e outras que o marido não pode.”<sup>97</sup> e na doença: “(...) onde não há mulher, ali geme o enfermo (...)”<sup>98</sup>, definindo os deveres do marido e da mulher: “Convém ao marido negociar, tratar, ganhar,

<sup>91</sup> *ibid*, p. 36 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XVIII ].

<sup>92</sup> *ibid*, p. 39 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XIXv ].

<sup>93</sup> *ibid*, p. 39 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XX ].

<sup>94</sup> *ibid*, p. 41 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XXI ].

<sup>95</sup> *ibid*, p. 42 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XXII ].

<sup>96</sup> *ibid*, p. 46 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XXIV ].

<sup>97</sup> *ibid*, p. 47 (BARROS, João de, *Espejo de Casados*, ed. cit.[Fol. XXV].

<sup>98</sup> *Ibidem*.

defender, demandar, e fazer outras cousas que são necessárias para manter sua casa, e à mulher convém guardar tudo e mandar concertar sua casa, ter o comer e a mesa prestes a seu marido (...)”<sup>99</sup>, sendo a mulher ideal a que se dedica à casa e ao marido e invoca a complementaridade do casal: “E nisto há-de haver tanta advertência que um não se impeça no ofício do outro, nem um faça mingua para o ofício do outro (...)”<sup>100</sup>; 11) o respeito à “polícia”, isto é, às boas maneiras, referindo que a vida perfeita consiste em casar ou entrar em religião: “A vida política e perfeita consiste em um de dois estados: casar ou entrar em religião, e o que não tem hũa vida destas, é visto viver sem ordem (...)”<sup>101</sup>; 12) finalmente, evoca razões morais, valorizando o casamento como um meio privilegiado para evitar o pecado.

Na quarta e última parte do tratado, são explicados os doze requisitos prévios e indispensáveis que deve reunir um bom casamento, já que a escolha da mulher certa evitará o adultério e o casamento é um contrato de união para toda vida, onde, depois de assumido, não é válido o arrependimento. Estas condições são relativamente igualitárias entre homens e mulheres:

O homem que se há-de casar sisudamente, há-de especular mui bem a condição e qualidades da mulher e o dote que lhe prometem, a natureza, criação e parentes, e então escolher e discernir o que melhor lhe estiver. E o mesmo pela mulher digo. E se então não achar o homem cousa de sua vontade e proveito de que se satisfaça, pudera esperar, que quando não se casar sua hora lhe virá, porque o que se há-de fazer hũa só vez, não há-de ser precipitadamente e sem bom conselho.<sup>102</sup>

Em primeiro lugar, defende que o homem deve ter a idade conveniente para casar: não pode ser nem muito novo nem muito velho e explica os respectivos inconvenientes: a dificuldade dos novos de governar-se e dos velhos de procriar. Relativamente à idade da mulher, também deverá ser semelhante à do homem, de forma a ter costumes parecidos, designadamente, o grau de instrução, defendendo que: “A semelhança é causa de muito amor, porque as idades têm diversos instintos e cousas a que mais se inclinam e segundo são as idades assim

<sup>99</sup> *Ibidem*.

<sup>100</sup> *ibid*, p. 48 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXVv ].

<sup>101</sup> *ibid*, p. 48 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. XXVI ].

<sup>102</sup> *ibid*, p. 90 (BARROS, João de, *Espeelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LIIV].

se querem as cousas convenientes a elas.”<sup>103</sup> Seguidamente, aponta a riqueza do homem, já que ele deverá ser capaz de sustentar a mulher e a casa, entendendo que a saúde é outra das condições para que o homem deva, ou não, casar. Mesmo sendo a favor do casamento, João de Barros afirma que, se existir uma doença prolongada e incerta, o homem deve abster-se de casar:

O que é enfermo logo deve presumir se será sua enfermidade longa ou curável e aconselhar-se com médicos, porque se tiver enfermidade longa e incerta assim como lepra, ética, tísica, engurria e outros semelhantes, que comumente se curam mal, antes não devia casar (...) <sup>104</sup>

Para um bom casamento também é importante que nenhum dos dois tenha filhos de outras uniões, já que podem originar discórdia: “porque algumas vezes os filhos do primeiro matrimónio vêm a discordar com os do segundo”<sup>105</sup>. Mas João de Barros refere isto como um conselho e não como algo que reprove radicalmente.

A quinta condição é a virgindade da mulher: o primeiro amor para a mulher é inesquecível e impediria uma feliz união. Com o homem isso não acontece, uma vez que lhe desagrada essa primeira experiência. Fala do caso das viúvas que devem viver a honrar a memória dos seus maridos: “(...) grande é a virtude da viúva honesta que vive na honra do marido que deixou com que teve os primeiros amores (...)”<sup>106</sup>; pelo contrário, os viúvos devem procurar uma nova mulher que possa responsabilizar-se pela casa. Destaca, como requisitos, as qualidades necessárias que deve possuir a mulher: que seja rica e de bom dote; de igual condição social e riqueza porque a disparidade traz muitos inconvenientes; a mediana formosura: “(...) se a mulher é mui formosa é desejada e se é mui feia desapraz (...)”<sup>107</sup>; e que seja uma pessoa conhecida, pois se se sabe tudo sobre ela e dos seus costumes não haverá engano possível. O nono requisito é que os nubentes não sejam impotentes e, no caso de algum deles o ser, a Igreja permite

<sup>103</sup> *ibid*, p. 93 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LIV ].

<sup>104</sup> *ibid*, p. 95 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LV ].

<sup>105</sup> *Ibidem*.

<sup>106</sup> *ibid*, p. 96 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LVI ].

<sup>107</sup> *ibid*, p. 98 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LVII ].

que se separem: “os inábeis não podem casar e casados se devem apartar”<sup>108</sup>. A boa criação e os bons costumes, tanto da mulher como do homem, também constituem um fundamento de base para o bom casamento e, sobretudo, a escolha da mulher deve radicar nestes princípios. A última condição que o autor impõe é que o casamento não seja com parente, por consanguinidade ou afinidade, segundo proclamam as leis da Igreja. Ao terminar o tratado, João de Barros admite a eventual existência de outras razões e requisitos, destacando sempre a importância dos princípios da Igreja.

#### IV. CONCLUSÃO: A “HARMONIA CONJUGAL”

Embora algumas das conclusões a que chegámos já tenham sido expostas por estudos anteriores, sobretudo pelo trabalho de Maria de Lurdes Fernandes, *Espelho Cartas e Guias*, a leitura repetida e atenta que fizemos, para proceder à actualização do texto do *Espelho de Casados*, contextualizada por bibliografia recente, permitiu chamar a atenção para alguns dos aspectos “inovadores” do tratamento a que o Doutor João de Barros submeteu o tema, examinando “juridicamente” a argumentação favorável e desfavorável, como se de uma quase “acareação” se tratasse, na medida em que o texto visava, fundamentalmente, “convencer” o seu “presumível” destinatário, um elemento do sexo masculino, de que o casamento é estado a “privilegiar”, não tanto face à “virgindade”, mas sim, e este aspecto parece de relevar, face ao estado de solteiro, tido, verdadeiramente, como uma “ameaça” à ordem social, visto que coloca o mancebo, ou o homem menos jovem, em situações presumivelmente desestabilizadoras, o texto alinha um conjunto de argumentos, escorados em “autoridades”, que apresentam as razões contra, quase antecipando, por estas, as que se alinharão como a favor.

Deste modo, a obra dispensa um inventário muito completo de argumentos e, ao sabor da época, um extenso leque de “exempla” que fazem dela, cremos, a fonte, nem sempre citada, de muitos textos posteriores. Claro que a

---

<sup>108</sup> *ibid*, p. 100 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. LVIII ]).

“lição” das fontes paulinas, mas também a da harmonia conjugal, ou da “amizade” entre os “casados” remontava a textos anteriores que, do ponto de vista social e cultural, procuravam contribuir para uma sociedade harmónica, onde cada um cumprisse a sua função. No *Leal Conselheiro*, D. Duarte já havia tratado o tema nos capítulos 44, 45 e 46, respectivamente, “Das maneiras de amar”, “Como se devem amar os casados” e “Como as boas mulheres devem requear melhor seus maridos”. No entanto, em nossa opinião, o doutor João de Barros procura participar num conjunto de orientações que, antes de Trento, procurava fazer disseminar a ideia de que o casamento era um estado “vantajoso”, sem acentuar demasiadamente a submissão da mulher ao marido. Não deixa de ser interessante que, em relação ao adultério, por exemplo, o autor seja muito menos severo do que o serão autores posteriores, na medida em que procura explicar que o adultério feminino tem motivações que podem prender-se com o “hábito”: “(...) porque o marido que sempre tem na cama, em que o não aborrece, ao menos às vezes se enfadara pelo muito costume que não a cousa tão prezada que não aborreça pelo muito uso, porque a muita familiaridade causa menosprezo.”<sup>109</sup>

De muitos pontos de vista, o doutor João de Barros sublinhava as dimensões “humanas” das mulheres, em sentido humanista, isto é na relação da “Feritas” com a “Humanitas”, mostrando que, desde que educadas, não fariam grande diferença dos homens e, por isso, poderiam ser companheiras para a fortuna e o infortúnio. O modelo parece, nesse sentido, um pouco mais “tolerante”, para usar uma expressão do século XX, que alguns dos que se lhe seguirão, mais moldados por Trento e pelas suas implicações. Talvez por isso, a obra não tenha tido grande fortuna editorial. Os tempos mudaram logo a seguir...

---

<sup>109</sup> *ibid*, p. 24 (BARROS, João de, *Espelho de Casados*, ed. cit.[Fol. X ]).

## V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### BIBLIOGRAFIA ACTIVA

- BARROS, João de - *Espelho de Casados*, Porto: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1540.
- BARROS, João de - *Espelho de Casados*, 2ª edição, conforme a de 1540, publicada por Tito de Noronha e António Cabral, Porto: Imprensa Portuguesa, 1874.

### BIBLIOGRAFIA PASSIVA

### DICIONÁRIOS E REPERTÓRIOS BIBLIOGRÁFICOS

- ANSELMO, António Joaquim - *Bibliografia de obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Of. Gráfica da Biblioteca Nacional, 1926.
- ESTEVES, João Manuel Pereira; RODRIGUES, Guilherme - *Diccionario histórico, chorographico, heráldico, biographico, bibliographico, numismático e artístico*, Lisboa: João Romano Torres - Editor, 1904-1915.
- MACHADO, Diogo Barbosa - *Bibliotheca Lusitana: historia, critica, e cronológica, na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, reprodução da edição princeps de 1741-1759, Vol. II, revista por Manuel Lopes de Almeida, Coimbra, Atlântida, 1965-1967.
- MACHADO, José Pedro - *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Publicações Alfa, 1991.

- SILVA, Antonio de Moraes - *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa: Typographia de António José da Rocha, 1858.

- SILVA, Innocêncio Francisco da - *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1972 (23 vols.).

VIEIRA, Domingos, *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa*, Porto, Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871 -1874.

## ESTUDOS

- BLOCH, R. Howard - *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*, Rio de Janeiro: editora 34, 1995.

- BRITO, José Joaquim Gomes de - *Noticia de livreiros e impressores de Lisboa na 2ª metade do século XVI*, Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1911.

- CARVALHO, José Adriano de Freitas - *Pais e nobres I – Cartas de Instrução para a Educação de Jovens nobres (Séculos XVI-XVIII)*, Porto: Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, Gráfica Maiadouro, 2009.

- CAYUELLA, Anne - *Le paratexte au siècle d'or: prose romanesque, livres et lectures en Espagne au XVIIe siècle*, Genève: Lib. Droz, 1996.

- D. DUARTE - *Leal conselheiro. Edição crítica, introdução e notas de Maria Helena Lopes de Castro*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998 [1435-1438].

- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Cartas de sátira e aviso: em torno dos folhetos Malícia das mulheres e Conselho para bem casar de Baltasar Dias*, Península. Revista de Estudos Ibéricos, nº 1, 2004.

- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Espelhos, cartas e guias: casamento e espiritualidade na Península Ibérica: 1450-1700*, Porto: Instituto de Cultura Portuguesa, 1995.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Literatura Moral e Discursos Jurídicos em torno dos “privilégios” femininos em Portugal*, Revista da Faculdade de Letras, “Línguas e Literaturas”, Porto: XVII, 2000.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia - *Reconstructions des images du couple dans la péninsule Ibérique aux XVIe et XVIIe siècles, Histoire, économie et société*, Volume 21 - Número 21-2, Porto, 2002.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, María Nieves - *Para una lectura de La perfecta casada. In Homenaje a Fray Luis de León (1527-1591). IV Centenario de su muerte*. Madrid: Editorial Revista Augustiniana, 1991.
- GUEVARA, Antonio de - *Libro primero de las epístolas familiares*, Edición digital (Edición digital basada en la edición de Madrid, Aldus, 1950-1952), Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000.
- LEÓN, Fray Luis de - *La Perfecta Casada*, Ed. Espasa-Calpe, Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2003.
- MARAVALL, José Antonio - *El mundo social de "La Celestina"*, Madrid: Ed. Gredos, (Biblioteca Románica Hispánica. Estudios y ensayos), 1968.
- MELO, D. Francisco Manuel – *Carta de Guia de Casados*, Ed. Maria de Lurdes Correia FERNANDES, Porto: Campo das Letras, 2003.
- MIRANDA, Pontes de - *Tratado de Direito de Família*, vol. II, 1ª ed., São Paulo: Bookseller, 2001.
- OSÓRIO, Jorge Alves - *Erasmus, a cortesia e a piedade*, Revista da FLUP, Línguas e Literaturas, “*Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs XVI-XVIII*”, 1993.
- PROSPERI, Adriano - *Tribunali della coscienza. Inquisitori, confessori, missionari*, Torino, Einaudi, 1996.

- REAL COSTAS, Benito - *Producción y comercio del Libro en Santiago 1501-1553*, Madrid: Calambur, Biblioteca Litterae, 2007.
- RICO, Francisco – *El texto del “Quijote” Preliminares a una ecdótica del Siglo de Oro*, Universidad de Valladolid, Barcelona: Centro para la Edición de los Clásicos Españoles, 2006.
- SARAIVA, António José - *História da Cultura em Portugal: Renascimento e Contra-Reforma*, volume 1, Lisboa: Gradiva, 2000.
- SCHWARTZ, Stuart B. - *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*, tradução Denise Bottman, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SERRA, Pedro - *Da figura histórica à voz anónima. Aproximação aos exempla femininos no discurso moralístico sobre o casamento (sécs. XVI-XVII)*, eHumanista: Journal of Iberian Studies, ISSN 1540 5877, Vol. 1, 2001.
- TELLES, Célia Marques - *A edição de um manuscrito bilingue Espanhol/Português*, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 1995, p. 267-269, in *Anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições em co-edição com a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário*. Apresentação Cecília Almeida Salles e Philippe Willemart, Annablume, 1995.
- VIGIL, Mariló - *La vida de las mujeres en los siglos XVI y XVII*, Madrid: España Editores, 1986.
- VIVES, Juan Luis - *De officio mariti (Los deberes del marido)*, traducción, introducción y notas por Carme Bernal, València : Ajuntament de València, 1994.
- VIVES, Juan Luis, *La formación de la mujer cristiana (De institutione feminae christianae)* traducción, introducción y notas por Joaquín Beltrán Serra, València, Ajuntament de València, “Introducción A Los Libros De Juan Luis Vives Sobre La Educación De La Mujer Cristiana Dedicados A La Serenísima Doña Catalina De España, Reina De Inglaterra”, 1994.

## CRITÉRIOS DE EDIÇÃO DE TEXTO

A ideia da modernização do texto quinhentista *Espelho de Casados*<sup>110</sup>, em particular no que diz respeito à ortografia e à pontuação, surgiu com o objectivo de torná-lo mais legível e acessível ao leitor actual, como forma de enriquecimento das fontes da literatura de estados do século XVI, com o objectivo de divulgar um texto pouco conhecido. Já Inocêncio, no seu *Dicionário Bibliográfico*, anotava a sua raridade:

(...) obra raríssima, e de que ainda não pude ver algum exemplar. Consta-me porém, que na livraria que foi de Joaquim Pereira da Costa existe um, faltar de folhas; o qual, provavelmente em atenção a essa circunstância, foi no respectivo inventário avaliado em 1600 reis. Se algum aparecesse completo, não faltaria bibliomaniaco que por ele desse 12.000 reis, e tal vez mais.<sup>111</sup>

Deste modo, decidimos empreender o trabalho de modernização tendo como base a edição de 1540, neste momento bem mais acessível, porque digitalizada pela Biblioteca Nacional, e a respectiva leitura diplomática efectuada pela edição de Tito de Noronha e António Cabral (Porto, 1874), que apresenta o exemplar de 1540, sublinhando a difícil leitura, sobretudo em virtude das muitas abreviaturas que os autores procuraram decifrar. Embora os autores desta edição tenham procedido a uma leitura que nos pareceu sempre muito fiel ao original, tivemos sempre em conta as duas edições, procurando uma modernização geral que tornasse o texto mais acessível ao leitor contemporâneo. Recordando Francisco Rico, no estudo introdutório à edição do *Quijote* de 2006, muitas vezes o que se entende por “estado língua” da época, sobretudo no século XVI, corresponde bem mais à opção de “escrita” do impressor/editor que do autor<sup>112</sup>. Pensamos, contudo, que este trabalho só ficará completo, depois de anotada a edição, identificando autores e fontes.

---

<sup>110</sup> Com base no exemplar restaurado da 2ª edição do livro *Espelho de Casados*, de João de Barros, conforme a de 1540, realizada por Tito de Noronha e António Cabral, no Porto, em 1874.

<sup>111</sup> SILVA, Inocêncio Francisco da - *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1958-1960, Vol. III, p. 323.

<sup>112</sup> RICO, Francisco - *El texto del “Quijote” Preliminares a una ecdótica del Siglo de Oro*, Universidad de Valladolid, Barcelona: Centro para la Edición de los Clásicos Españoles, 2006.

De qualquer modo, a transcrição do texto, com o intuito de modernizar a sua apresentação sem, na medida do possível, desvirtuar as características da língua da época, foi feita de acordo com os seguintes critérios de edição de texto:

#### **A. Aspectos gerais: apresentação do texto**

- Conservadorismo gráfico, p. ex. hũa, cousa, mui

#### **B. Vogais e Consoantes**

- Normalizámos a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma actual: vogal seguida de e ou de o, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de m ou n. Assim, grafámos discrição em vez de discriçam, mãe em vez de mãi.
- Modernizámos a grafia dos diversos ditongos: -eo, -ao, -aes, -oes. Por exemplo: aconteceo - aconteceu
- Modernizámos a nasalação, ex: quam – quão
- Alteração (u) - (v) e (f) - (s) – p. ex. fe difputa – se disputa

(ç) – (c), (y) - (i)

- Modernizámos o uso do h, de acordo com a norma actual. Eliminámo-lo em posição inicial (como na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ser - he > é - ou no artigo indefinido: hum > um e huma > uma), em posição intervocálica (como em sahir > sail) e nos chamados dígrafos helenizantes, como th (theologia > teologia); acrescentámo-lo contudo em posição inicial nalgumas formas do verbo haver.
- Simplificámos as consoantes dobradas e eliminamos as consoantes mudas. Ex. enxemplos – exemplos.

#### **C. Aspectos morfológicos**

- Unimos e separámos as palavras de acordo com o uso moderno. Ex: com tudo – contudo
- Preservámos formas arcaicas como por exemplo: defesa; fermosa, simpleza, quasi, mui, cousa.
- Mantivemos formas alternantes que possam traduzir alguns aspectos do estado da língua na época: hũa, algũa.

#### **D. Diacríticos**

- Modernização da acentuação.
- Aglutinação ou separação de algumas palavras, de acordo com o uso actual. Ex: hade - há-de.
- Introdução de hifenização segundo critérios actuais, ex: vê-se.

#### **E. Maiúsculas e pontuação**

- Modernizámos moderadamente a pontuação, respeitando as pausas essenciais do discurso.
- Uniformizámos e modernizámos, com a coerência possível, o uso das maiúsculas e minúsculas com a norma actual.

ESPELHO  
DE  
CASADOS

PELO  
DOCTOR JOÃO DE BARROS

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO, CONFORME A DE 1540

PUBLICADA  
POR  
TITO DE NORONHA e ANTONIO CABRAL

PORTO  
IMPRESA PORTUGUEZA  
Rua do Bonjardim, 181  
—  
MDCCLXXIV

274. a. 14.

Folha de rosto da edição de 1874.<sup>113</sup>

<sup>113</sup> BARROS, João de - *Espelho de Casados*, 2.<sup>a</sup> edição, conforme a de 1540, publicada por Tito de Noronha e António Cabral, Porto: Imprensa Portuguesa, 1874.

*ESPELHO DE CASADOS*

Em o qual se disputa copiosamente quão excelente proveitoso e necessário seja o casamento e se metem muitas sentenças, exemplos, avisos e doutrinas e dúvidas necessárias para os casados e finalmente os requisitos que há-de ter o casamento para ser em perfeição e a serviço de Deus. Novamente composto pelo Doutor João de Barros cidadão da cidade do Porto.

## PROÉMIO

Ao Sereníssimo Príncipe e Ilustríssimo Senhor, o senhor Infante Dom Henrique, Arcebispo e Senhor da mui antiga cidade de Braga, primaz das Espanhas, o Doutor João de Barros, humilde servidor de

S. A. S.

Escreve Aristóteles, Sereníssimo Senhor, que todos os homens naturalmente desejam saber para algum fim. E diz São Bernardo que uns desejam isto para os terem por sabedores, outros para adquirir, outros para ensinar, outros somente para saber. Os primeiros não são perfeitos sábios, porque participam da vanglória que não convém ao sabedor. Por isso, escrevia o Rei dos Brâmanes a Alexandre que Deus era pronto para lhe dar sua ciência, mas vê-se, não era disposto para receber, porque era soberbo. Os segundos também não podem ser, porque ao sabedor não convém ser avaro. Diz São Jerónimo a Paulino que, indo Crato estudar, Atenas lançou no mar grande suma de ouro, dizendo que antes queria que o ouro se emergisse que não que o emergisse, dando a entender que se não podia possuir a riqueza com a virtude. Os terceiros que querem ensinar não podem se não forem primeiro mui ensinados, porque, como diz São Paulo, como pregara que não fure o que é ladrão. Os outros que o desejam somente para saber podem ser perfeitos sabedores. Destes foi o bom Catão que dizia que antes queria ser bom que parecê-lo. Destes há muitos que quiseram saber para este fim, mas não tiveram tempo de estudar por alguns casos ou seus pais os não ocuparam no estudo e para estes quis eu compilar este breve tratado, porque, como diz São Paulo: a todos somos devedores, em outra parte diz São Jerónimo que cada um há-de oferecer a Deus das primícias de seus trabalhos e, por isso, eu que fui da profissão de casados me pus a este trabalho para que assim soubessem algumas cousas que lhes tocam, que pelos livros profundos estão derramadas, e querendo-o trazer a lume, temia eu os detractores. Outras vezes, de amigos importunado estava suspenso, mas deitando-me onde pararia, ocorreu-me, Vossa Sereníssima Alteza, debaixo de cujas velas estarei seguro de leitores, que há malévolos. E posto que a obra não seja digna de tamanho defensor, aceitando-a V. A., posto que seja a primícia do enfadamento das noites de inverno, do princípio de minha

mancebia enfadado de outras cousas de minha profissão, como superfluidades que lançam as árvores novas, será dar-me ousadia para tirar a lume outras em latim que tenho começadas, e esta assim pequena V. A. receba em serviço benignamente, porque não menos é próprio aos príncipes receber as cousas pequenas que dar as grandes, como dizia Artaxerxes, Rei de Pérsia, ao qual como um rústico desse um púcaro de água, ele alegremente a tomou e bebeu, não olhando o dom, mas a vontade do que a dava. Nosso Senhor Jesus Cristo conserve a vida e R. estado de V. A. por longos anos para amparo e remédio tão certo como é de seus súbditos. Da Cidade do Porto, a vinte e dois de Fevereiro de MDXXIX, o Doutor João de Barros.

## INTRODUÇÃO

### Introdução e declaração do presente livro para os leitores

Sócrates, filósofo, entre muitas doutrinas que dava a seus discípulos para viverem virtuosamente, muito os admoestava que cada um tivesse um espelho em que às vezes se olhasse para que, vendo nele sua forma mais excelente que todas as outras criaturas, tivessem vergonha de fazer obras desconformes a ela do qual aviso fútil e mui grande eles se aproveitaram que além de saírem mui doutos na Filosofia eram em bons costumes mui doutrinados. Grande contentamento deve ter o homem, porque Deus o fez racional, são, entendido e senhor de todas as cousas, e, por isso, Platão dava graças a Deus, o qual posto que criasse animais, aves, peixes e outros de grandíssimas forças e diversos instintos, ao homem fez absoluto senhor de tudo e a ele deu maior excelência. A nenhuma deu o juízo e saber dele e em final o fez levantado para o céu e todas as outras criaturas prontas para a terra. Se considerassem os homens quanto de Deus receberam em os fazer homens e com isto olhassem a si mesmos, conforme ao conselho de Sócrates, haveriam vergonha de se deformarem e fazer obras desconformes à sua pessoa, e quando se faz o contrário é porque os tais não têm o espelho, nem usam dele, nem se querem conhecer, porque é cousa dificultosa. Muito deve procurar o homem de se conhecer para quanto é o que vale, o que pode, o que tem, como vive, o que sabe e com isso ser juiz de si mesmo. Quando os homens fazem mudança de seu estado e pessoa são louvados se acertam, e mui tachados se erram, e por tanto além de todo seu parecer e de seus amigos haviam de ter espelho se pudessem dos negócios e cousas que haviam de fazer. Por isso, Demétrio admoestava al Rei Ptolomeu que continuasse a ler livros do regimento da República e governança militar, porque o que os conciliários lhe não ousassem dizer achasse nos livros escrito. Quando um homem faz mudança de si, muitas vezes pelo seu ou por outro conselho, erra. Se ele pudesse ter outro tal espelho como o de Sócrates para ver o que se seguiria, poderia acertar. Mas como tudo depende do que está por vir, não se pode o homem melhor prover senão por regimento de livros, como Demétrio dizia, o rei que governa, o juiz que julga, o capitão que milita, o advogado que aconselha, o médico que cura e todo outro de qualquer profissão, é justo que tenham regimentos do que hão-de fazer, e os leiam, e vejam como espelhos. Pois

se estes para darem conta dos negócios que lhe são encomendados hão-de ler livros, com mais razão todo homem para de si mesmo dar conta os deve ler, porque não aproveita o que não sabe para si. Tales de Mileto, grande astrólogo, um dos sete sábios, indo hũa noite pelo caminho, olhando para as estrelas, caiu numa cova onde jazia, queixando-se e, passando hũa velha se riu dele, dizendo que não via o que tinha junto de si e queria ver as estrelas. Exemplo singular de velha que denotou que toda pessoa primeiro deve saber o que lhe cumpre. Por isso, como quer que hũa das principais cousas em que os homens se mudam, e às vezes mal, é quando casam, eu quis compilar este livro em que se vissem a modo do espelho de Sócrates, e assim lhe chamei Espelho de Casados, porque assim como Séneca diz que o espelho foi para que o homem se conhecesse, do qual se toma doutrina por que o formoso procura de evitar a infâmia, o feio procura de ter virtudes que supram o que desfalecer ao corpo. E também para que o mancebo visse que era tempo de aprender e o velho visse que era tempo deixar as cousas vergonhosas, a si mesmo a intenção deste livro é para isso e para que cada um por ele conheça seu erro, e se saiba mudar de maneira que não erre, e saiba viver na ordem por Deus instituída como convém para ser bem-aventurados, porque pela maior parte os homens se não conhecem e são maus juízes de si, por isso estava escrito no antigo oráculo de Apolo aquela palavra grega que dizia: conhece-te, a qual palavra Juvenal muito celebrando dizia que viera do céu. Muitos livros há em latim, assim de direito como de humanidade, que ensinam esta matéria do modo de casar e da excelência do casamento. Mas estes não os entendem senão os que os aprenderam e ainda alguns juristas se satisfazem com as ordenações e os mais livros tem por cerimónia. Os humanistas zombam das leis e chamam aos nossos doutores bárbaros, porque os não entendem. Por isso, eu tomando de tudo um pouco, quis compilar este tratado para os que não sabem em linguagem a modo das disputas e argumentos que se fazem em latim por direito, pondo primeiro as razões falsas e contrárias e depois as verdadeiras e depois responder às falsas e concluir como costumam os argumentadores. Muitas vezes determinava de o não manifestar temendo os detractores e praguentos, especialmente, os que sabem pouco que tem por ofício reprovar o que não entendem. E uns me dirão que fui comprido, outros curto, outros mal elegante, outros que não me atrevi ao latim. E contudo, deixando isto me atrevi lendo ao glorioso Doutor Senhor São Jerónimo,

o qual tão velho, tão prudente e tão barbado muitas vezes temia aos maldizentes, porque o que escreve toma muitos juízes. Que farei eu logo homem tão baixo em tudo, mas estes digo o que diz Marcial que faça outro melhor ou não leia este, porque cada um faz o que pode. Confesso que não fui em todo tão curioso que isto começasse, mas foi o caso que um meu singular amigo e companheiro de Salamanca me escreveu hũa carta, porque eu lhe cometi certo casamento, em a qual ele se escusava largamente da maneira que vai adiante e ele tirou muita parte dela de um tratado que novamente ao tal tempo viera que se chama *Silva Nupcial* e tendo eu esta ocasião determinei dar lhe a resposta e, por isso, na primeira parte se acharam algumas graças e facécias e razões, que se depois reprovaram, porque como diz o filósofo: as cousas contrárias postas a par melhor aparecem. E por isso na primeira parte e ainda nas outras tudo o que se achar, submeto a discrição de quem melhor o entender, especialmente os pontos que tocam a consciência que tudo remeto aos teólogos, porque eu me fundei em brevidade e não se pode tudo disputar tão largamente, porque as razões primeiras, como digo, as reprovo diante, posto que vão por quaisquer palavras. E muitas cousas irão dentro e incertas que podem aproveitar aos leitores, porque este é o modo que os juristas tem no seu escrever e, por isso, os que o não sabem não se espantem, porque minha intenção vai fundada em concluir na verdade mas a voltas de tudo meto graças e cousas aprazíveis, assim como autoridades de poetas e de filósofos e outras que se disseram e ainda muitas se deixam de dizer no propósito que não soam mui bem na linguagem que escrevem doutores mui autênticos e as escritas podem incitar aos lentes a ler e saber algũa cousa das historias e cousas verdadeiras e deixar de ler fábulas e fingimentos sem fruto. Quando os mancebos começam a ter entendimento do mundo, gastam o tempo em livros mui desnecessários e pouco proveitosos para si nem para outrem, assim como na fabulosa história de Amadis nas patranhas do Santo Grial nas sensaborias de Palmeirim e Primalião e Florisendo e outros assim, que haviam mester totalmente exterminados, que já de nenhuma cousa servem onde há tantos outros de que se pode tirar proveito, assim como de Santo Agostinho e de São Jerónimo e de Séneca e para passar o tempo em mores façanhas que as de Esplandian, leiam a Lívio, Valério, Curcio, Suetónio, Eutrópio e outros muitos historiadores, onde se acharam maiores façanhas proveitosas para os que desejam saber, e ainda avisos e mui necessárias

doutrinas. E como quer que diga Salamão que o caminho do mancebo totalmente não sabia devem os mancebos aprender o caminho por onde hão-de começar sua vida. E este livro, em algũa maneira, vai a esse fim posto que para isso se requeria mais alto saber que o meu. Mas como diz Plínio, não há livro por mau que seja que não tenha algũa cousa boa. E, por isso, a intenção me recebam e se a obra tal não for, me perdoem, a qual eu começo. Em nome de nosso Salvador Jesus Cristo e da gloriosa Virgem Santa Maria, sua mãe, e do bem-aventurado Senhor São Domingos, meu padroeiro, a quem peço enderece minha pena em seu serviço e proveito dos leitores e o tratado vai desta maneira, repartido em quatro partículas.

### **PRIMEIRA PARTE**

Em a qual se põem doze razões contra o casamento e se metem nelas muitas sentenças e autoridades verdadeiras e falsas que tudo se há-de reprovare e declarar depois pela razão que já disse.

### **SEGUNDA PARTE**

Em a qual se põem outras doze razões pelo casamento com outros fundamentos grandes e verdadeiros.

### **TERCEIRA PARTE**

Em a qual se responde aos fundamentos contrários primeiros e se reprovam e destroem e absolvem pelo casamento. E se mostra quão excelente seja e quão necessário com outras muitas cousas.

### **QUARTA PARTE**

Em a qual se põem doze declarações e requisitos para que seja bom o casamento e em maior perfeição e assim acabo.

### **COMEÇA O TRATADO.**

## PRIMEIRA PARTE

Mulier, quam dedifti mihi  
Fociam, dedit mihi de ligno,  
& comedi. — Genefis capitulo  
.iiij.

Começa a primeira parte deste Tratado em o qual se põem doze razões que desfavorecem o casamento, as quais se puseram aqui para se reprovarem, por maior favor dele.

Marco Tulio em seu Tratado de Amizade, entre muitas leis e preceitos que manda guardar os amigos entre si, esta pôs por primeira como mais principal: que o amigo faça pelo amigo todas as cousas lícitas e honestas e as que tais não forem, que nem os amigos as peçam, nem as façam se lhas pedirem. Não me atrevi eu mui prudente Senhor responder à vossa carta, sem me estudar com este broquel e autoridade de Túlio, porque posto que eu seja em verdadeiro conhecimento quão certa e pura é vossa amizade acerca de mim e que por esta causa vos Senhor vos moveis a me ver bem casado e como dizem vizinho em bom lugar, contudo, lembra-me que praticando eu cá algumas vezes convosco sobre o discurso e fundamento de minha vida, vos dizia que minha intenção e desejo era seguir a igreja e não ser casado e esta foi a causa por que vindo nós ambos dessa terra a estudar, eu me passei aos cânones e vos às leis e creio que já quando de cá partiste eu começava a ouvir alguma lição de teologia e, por isso, me espanto muito como vos não veio à memória aquilo de Santo Tomás que diz que o que estorva algum da religião que não pode ser absolto senão pagando por ele. Eu não quero dizer que hei-de ser frade nem creio que já ninguém me chegara a isso, porque por meus pecados o não mereço. Mas para ser casado, posto que o casamento seja santo e bom, digo Senhor que nunca determinei de o ser, nem o desejei, nem é de minha condição, porque quanto mais nele cuido, maiores inconvenientes para

mim vejo. E para que não vos pareça que da minha pertinácia me dura esta intenção, determinei fundar minha razão e mandar-vos tudo aqui em que pareça prolixo, porque as cousas dos amigos não enfadam. E as minhas razões são principalmente doze que se seguem.

### **Razão primeira por causa das cargas do Matrimónio.**

Primeiramente, quero logo pôr diante as grandes cargas do matrimónio. Nas leis achareis e os antigos assim o diziam que falando nele punham logo *Onus Matrimonij* que quer dizer carga de matrimónio, porque não há maior carga que ver-se um homem casado. Dizia Marco Aurélio, queixando-se dele, que trinta e seis anos fora solteiro que lhe pareceram dias e seis que fora casado lhe pareceram seiscentos. Onde diz um decreto: que os que casam são como os navegantes, porque não combatem tanto as ondas e a tempestade e os ventos ao navio e navegantes como a mulher combate seu marido. E assim como os que navegam desde que saem o Porto contam com admiração o que lhes aconteceu no mar, e como se houveram de perder, e os perigos que passaram, assim o que casa nunca acabará de contar quantas fortunas lhe sucederam depois de casado com a mulher, com os filhos, com a fazenda, com os criados, com as necessidades e com outras diversas fortunas e trabalhos. E assim, mesmo como aquele que navega sempre anda em perigo e incerto do que lhe pode acontecer, assim o casado sempre anda em grande perigo com sua mulher, em que se é mui formosa corre risco por ser desejada e cousa é mui difícil de guardar aquilo que muitos desejam, e sendo muito virtuosa não é ainda segura, porque Séneca diz que até assim podem desfalecer. Se a mulher é feia também não carece de trabalho, porque não pode ser maior que viver contra sua vontade. As mulheres desejam todas formosura, casamento e haver filhos, porque o marido tem todo o trabalho, e então fadas más a costas alheias que ele lhe há-de dar todo o necessário e ainda o desnecessário, porque há algumas que como vêm a outra hũa jóia nova não duram nem sossegam até que os maridos lhe dêem outra tal. Causa certo estranha acontece a muitos que se tem por bem honrados não ter outra tanta fazenda quanta suas mulheres tinham

em vestidos. Eu ouvi dizer a um juiz que fizera inventário a um homem honrado e que se não achara mais fazenda senão quarenta mil reis em vestidos de sua mulher, porque não se contenta a mulher que faça seu marido quanto pode, quanto deve, e que de sua fraqueza tire forças e que se remedei com grande trabalho que enfim nunca é contente. O quanto trabalho e carga é sofrer o marido o que diz sua mulher, o que pede, o que quer, o que não quer, o que faz, o que deseja. Que este é um tão grande trabalho que não pode ser maior. Assim que as cargas do matrimónio são mui grandes e, por isso, foi ordenado que as mulheres levassem dote para seus maridos e ainda assim são mui más de suportar. Daqui dizem as moças solteiras, quando motejam dos casados, que têm os joelhos furados, porque por mais forte e robusto que um homem seja tanto que é casado quebra toda sua condição. Também daqui veio que se disse a o moinho ou a o mar que se foram casados não andaram tanto. De maneira que é tão cansado o casado que está sempre ardendo em fogo como diz um decreto. E é tanto o trabalho do casado que em nenhuma outra cousa o casado pode bem entender senão em sua mulher, filhos e casa. Túlio dizia que era impossível entender em o estudo da mulher e da filosofia, porque não concorda bem a cítara com o saltério. Assim que concluindo digo que como quer que as cargas do matrimónio sejam tantas, escusado é a mim haver-me de casar.

**Razão II Por causa dos filhos e de sua morte. Trata-se aqui do amor do pai e de alguns que mataram seus filhos.**

Sucede outra razão segunda e fundamento para meu propósito e é por não ver o homem a morte a seus filhos. Tales, filósofo, não se quis nunca casar, perguntado por que, disse que por não ver a morte dos filhos, porque o pai e mãe com mui grande trabalho e fadiga os criam e se lhe morrem grandes ou pequenos não há dor igual a esta, porque o pai ama seu filho mais que a si mesmo, e não há amor que vença o do pai. E algumas vezes lemos que os pais quizeram antes morrer por dar a vida a seus filhos, porque tendo o Imperador Carlo Magno presos um pai e um filho por morte de um homem, pôs primeiro o filho a tormento

perante o pai, o qual por não ver atormentar seu filho, confessou o delito e quis antes morrer. Conta Valério Máximo que Octávio Balbo foi encartado em tempo do cruel Sila e sendo-lhe a casa cercada para o matarem, ele ia escondido por um postigo e ouviu hũa vizinha que fingia matarem um filho do mesmo Balbo e quando ele isto ouviu, saiu e foi morto. E prezou mais ver seu filho vivo que sua vida. Muitos também com grande dor se mataram por seus filhos. Assim como a sogra de Pompeio que se enforcou, porque ele deixara sua filha Antistia. Gordiano, Imperador, fez outro tanto quando soube que seu filho era vencido de Maximino. Outros fizeram grandes extremos por filhos. Seleuco, Rei, deu sua mulher a seu filho Antígono, da qual ele era tão namorado que veio adoecer a morte e de vergonha nunca o descobriu a ela nem a ninguém e, estando muitos físicos espantados de não entenderem sua doença, um deles, tomando-lhe o pulso, lho sentia alterar e desfalecer, assim como a madrastra se chegava e apartava dele e então apertando, com ele, o físico lho veio a descobrir, o físico o disse a el-rei, o qual por lhe dar a vida consentiu o adultério que dizem que é maior dor que a morte dos filhos e que a morte própria. De maneira que sem conta são as dores que os casados tem com seus filhos que assim como muito os amam assim sentem sua pena. Pelo qual Sólon de Atenas, posto que fizesse leis para todas as cousas, não fez lei de parricídio, porque teve por impossível poder haver filho que matasse seu pai, e alguns que se cuidou que os mataram, depois se achou que o não eram. Mas já aconteceu o filho matar sua mãe e, contudo, também alguns mataram seus próprios filhos, assim como Torcato o seu, porque passara na guerra seu mandado.

Também el-rei Saul mandava matar seu filho Jonatas por que contra a lei comera o favo do mel.

Postumo Romão matou outro filho também. Trar, Rei dos Bisanteos, mandou tirar os olhos a seus filhos, porque ajudavam a Xerxes contra a Grécia. Bruto o primeiro açoitou seus filhos e depois os cortou com um machado, porque queriam tornar os Tarquinos a Roma. Aulo Fulvio mandou no caminho matar seu filho, porque se passava a o exército de Catelina. Espúrio também mandou matar seu filho Casio, porque sendo Tribuno do povo, ordenara a lei Agrária.

Epaminondas, Rei de Tebas, assim matou seu filho, porque passou seu mandado no exército. A mãe de Pausânias o ajudou a matar, porque foi contra sua terra. O mesmo fez Dematrona Espartana a outro seu, porque era cobarde. Herodes, Rei dos Judeus, matou em cárcere seus filhos Alexandre e Aristóbulo pelo qual Augusto disse que queria antes ser seu porco que seu filho. Tigranes, Rei de Arménia, matou seu filho, porque vendo-o jazer derribado o não quis levantar Leonegildo, Rei godo de Espanha, matou outro seu filho, porque deixara os Arianos. Clotario, Rei de França, porque seu filho rebelou contra ele, o queimou com a mulher e seus netos.

Irene, Imperatriz de Constantinopla, por outra tal fez tirar os olhos a seu filho Leão. Federico II, Imperador, a seu filho Henrique e outros fizeram o mesmo. Mas estes e alguns que isto fizessem, fizeram-no por castigo de justiça e por executar sua lei e porque é melhor a morte que a vida desonrada. Mas os outros é de crer que antes dariam a morte a si que a seus filhos com o grande amor. Pois quando são mancebos, em especial se são travessos, quanta dor e pena é para seus pais, que assim como o filho bom alegra seu pai, assim o mau lhe dá muita dor e o entristece. Aconteceu em Bolonha que um homem principal e insigne tinha um filho revoltoso e incurável, e não lhe achando o pai remédio, ordenou com o corregedor da cidade que o fizesse prender, e preso que o sentenciasse por seus erros à morte, e que fosse levado ao lugar da justiça para que ali rogassem ao pai por ele e ficassem alguns fiadores simuladamente prometendo que seria bom para que com tal medo tornasse a bom caminho. Foi tudo feito e ordenado e o filho preso e sentenciado à morte e trazido ao lugar da justiça e sendo posto naquele instrumento com que pelo estilo da terra se cortam as cabeças aos homens, vieram os rogores com seu pai fazendo cumprimentos e dissimulações em tal caso necessárias, de maneira que imperada já a licença do corregedor para o tirar, quando o tiraram o acharam morto com medo que houve da morte, porque já a outros aconteceu com outro tal medo morrerem. Agora vede que dor seria para o triste do pai que lhe acarretou a morte, cuidando que lhe faria haver siso.

Pois os trabalhos e fortunas que se levam com os filhos pequenos em suas doenças, e as mezinhas e romarias que lhe buscam suas mães, não o pode crer

senão quem o passa, porque o que não tem filhos, quando vê um pai o que lhes sofre: na mesa, na cama, na casa, os choros, os descontentamentos, zomba do pai e mãe dizendo que em que tivesse mil filhos tal lhe não sofreria e desde que os vem a ter é muito pior. Por isso, el-rei Antiocho andava um dia em seu pomar só, folgando com seus filhos que tinha pequenos, e tomava lançinhas e fazia cavalos de pau com eles, acertou de o ver um privado seu, conheceu el-rei nele que o mesmo privado se correra de o ver assim e el-rei a houvera também e então lhe disse: rogo-te amigo que a ninguém não descubras o que me viste fazer, até que não tenhas filhos como eu tenho, dando a entender que desde que os tivesse, haveria aquilo por nada. E quanto amor tenha o pai ao filho se mostra, por exemplo, de David o qual posto que seu filho Absalão determinasse tomar-lhe o Reino e matá-lo ele chorou muito e fez sobre ele pranto grandíssimo. Grande certo é o amor do pai que chorava o filho que o queria matar. Segue-se logo que por o pai não ver esta dor não deve casar e escusar-se disso, pois está no seu arbítrio.

**Razão III contra o Casamento por ser espécie de servidão. E contém algumas cousas a que o marido é obrigado.**

Bem propriamente para meu propósito e fundamento do que digo, acho outra razão e é que não há cousa mais de estimar que a liberdade, a qual se não vende bem por todo ouro do mundo. Como diz Esopo, falando do cão que estava preso e tinha o pescoço safado da prisão e queria convidar o outro que viesse viver com ele, porque comia melhor e estava mui gordo e, estando assim, o cão lhe perguntou por que tinha o pescoço pelado e como outro disse que às vezes era preso, respondeu o outro que não queria, porque sem liberdade não tem nenhum gosto, nem presta o comer, nem todos os deleites do mundo. A servidão é comparada à morte e na liberdade consiste toda honra e resplendor do homem e o servo em direito é reputado por nenhum e os direitos escreveram muitas cousas em favor da liberdade, porque a servidão é cousa tão aborrecida que mais não pode ser.

Pois o matrimónio não é outra cousa senão espécie de servidão, como quer que o marido não possa fazer de si nenhuma cousa sem consentimento da mulher, e é ainda servidão dura e mui dura, porque são dois numa carne e o marido não tem poder em si sem a mulher. E, por isso, fez Deus a mulher da costa de Adão e não do pé nem da cabeça, por denotar que não havia de ser senhora do homem, nem serva, senão igual companheira da casa humana e divina e a mulher é mais que companheira, porque usa de toda a sua vontade e o marido a serve, buscando-lhe todo o necessário que é o maior serviço que um homem pode fazer.

Porque o marido não se pode ausentar-se muito da mulher sem sua licença, senão por voto de romaria ou em ajuda da terra santa e pelo casamento se entregou e se fez da mulher e lhe há-de comprazer e, por isso, não pode ser mui abstinente nem jejuador contra vontade de sua mulher, porque há-de concertar com ela antes que consigo. Conta Pedro de Palude no IV das Sentenças que um cavaleiro tudesco jejuara toda a Quaresma e em véspera de Páscoa lhe rogou sua mulher que se chegasse a ela e ele disse que já não tinha senão aquele dia que o não havia de quebrar. Foi em ela tal sentimento que bem como fora de si faltou com um irmão que tinha em casa, incitando-o ao pecado e como ele não quisesse ela desesperada tomou hũa faca e o degolou. Acudindo o marido disse ela: Tu me fizeste fazer isto e, por isso, tu o fizeste.

Isso mesmo, não pode o marido sem sua mulher dar nenhuma cousa, o que mais procede neste reino de Portugal onde tudo entre eles é comum, que é o melhor costume e mais favorável que entre todos os cristãos, porque em Castela e França e Itália perdendo o marido o seu, fica todavia o dote à sua mulher, que não se pode perder nem enlear. Mas aqui em Portugal, se um passa mal, lá vai a fazenda do outro. E a fortuna de um é a mesma do outro. Nem pode o marido andar com outra mulher, e tanto peca um como outro, e ainda ele peca mais que sendo homem havia de ter fortaleza para resistir. A pena é desigual porque a mulher não tem acção pública contra seu marido e foi assim determinado porque hũa fez, por isso, morrer seu marido sem nunca lhe querer perdoar. E é certo que se tal lei houvesse que muitos o fariam assim hoje em dia. Pode, contudo, a mulher acusar a manceba do marido mas ele fica também compreendido na querela e então, mal por ela e por sua fazenda. E, por isso, por não culparem os

maridos, deixam as mancebas. Pode também o juiz eclesiástico, a requerimento da mulher ou de seu ofício contra tais maridos e contra suas mancebas, proceder com censuras de excomunhão, por razão do pecado. Nem se pode o marido meter a frade nem em religião, salvo se sua mulher quiser, fazendo ela outro tanto. Nem pode o marido casar-se posto que a mulher seja cativa ou lhe fugisse até não ser certificado de sua morte. Nem menos pode o marido fazer contrato de bens de raiz sem outorga de sua mulher, tão adstrito há-de ser a ela. O mesmo é em juízo no qual não pode estar sem sua procuração sendo autor e sem ela ser citada sendo réu. Finalmente, não pode deixar sua mulher por cousa alguma senão por adultério, porque os que Deus ajunta não se podem apartar pelos homens. E posto que seja doente ou leproso há-de curá-la e não apartar-se dela. E pelo adultério a Igreja os aparta quanto a cama e viver, mas não que fique nenhum deles livre para se poder casar com outra. Isso mesmo podem-se apartar quanto à casa, quando a mulher fosse tão cruel e brava que nunca cessasse de bradar com ele e, às vezes, fosse pior como algumas fazem, porque o mesmo se guardara na mulher quando o marido a tratar mal e lhe fizer má companhia. E de outra maneira o marido há-de ser tão súbdito à sua mulher que há-de querer tudo o que ela quiser no que for lícito e honesto e obedecer-lhe como criado seu e servo. E certo, como um gracioso dizia, aquele é bem-aventurado, o qual como a mulher o manda ele lhe obedece, como lhe defende cala, como o ameaça treme, porque de outra maneira não pode viver descansado e se me disserem que o marido é homem e que pode fazer o que quiser em sua casa, isto não aproveita porque a mulher é de tal condição que não se contenta nunca, senão quando o marido em tudo lhe obedece. E se assim não faz, levam muita má vida e então se o marido a quer tratar mal, ela se pode apartar dele porque não passa em seu poder para que ele lhe possa dar cruelmente. E saindo, não é obrigada a voltar, se não lhe der fiança de a não ofender. E posto que se saia dele agora por culpa dela, agora dele, obrigado é o marido a dar-lhe de comer onde quer que estiver. Que mais servidão logo pode ser que esta em que às vezes indignado o marido de não achar remédio determina matá-la como pode e ela, se o sente, antecipasse com o mesmo e não se pode o marido guardar dela que como quer que seja inimigo doméstico não há outra peste maior, como diz Séneca, pois logo que maior servidão pode o homem ter que consigo guerra contínua. Pelo que se pode dizer que o que não tem a mulher qual

deve que cria o rato na alcofa, a serpente no regaço, a brasa no seio, concluo pois que espécie é de servidão ser adstrito à mulher, pois a morte é melhor que a servidão segundo Túlio e outros e a servidão se há-de fugir como a morte, segue-se de primeiro a derradeiro, o mesmo no matrimónio.

#### **Quarta razão contra o Matrimónio por a simpleza das mulheres.**

Ocorre-me à memória outra razão ou fundamento principal por onde se fortalece esta minha opinião. E é que Salomão diz que o homem se deve apartar da pessoa que tem pouco saber, para que não se faça semelhável a ela, pois o filósofo nas políticas diz que o conselho da mulher é inválido e fraco. E Platão duvidou se ajuntaria a mulher com os homens, se com os brutos. E quando Deus fez o homem não fez logo a mulher, mas ficou por derradeiro com as outras cousas mais baixas. Alguns praguentos assacaram que Deus fez à mulher tudo o que bem parece assim como rosto e tudo o mais aprazível, mas que a cabeça mandou fazer a outrem. E, por isso, foi ordenado que não governassem a República, por serem suspeitas a todo segredo que até o seu não podem calar, como aconteceu a outra a que o marido descobriu em segredo que parira um corvo e ela foi logo dizer que foram dois. E foi ordenado que não julgassem porque são apaixonadas e irosas como a rainha Joana que fez degolar seu marido. E foi ordenado que não procurassem, porque a Calfurnia que fez em juízo grandes desonestidades deu causa a isso. E foi ordenado que não pregassem nem dissessem missa, porque nunca acabariam. E assim foi ordenado que não confessassem pelo que dito é e dizem, posto que é facécia que o Papa experimentou hũa religiosa que lho requereu, metendo-lhe na mão hũa boceta fechada com hũa ave dentro, a qual ela não podendo sofrer que não abrisse, fugiu e então o Papa se escusou: nem podem elas ter ofício de tabelião, nem de porteiro, nem outro nenhum ofício público, por sua inconstância e variedade e mudança contínua da qual a miúdo usam. Assim que digo que as mulheres têm mui pouca constância e muitas delas são vãs e de sua natureza tem no princípio presunção, no meio desacordo, no fim vergonha. E, comumente, vivem por paixão e não

por razão. E não deixaram de falar ao som de sua vontade em que as matem e dizem que não têm outra arma senão a língua. Como de feito não há víbora que tenha tanta peçonha como a língua de hũa mulher quando está merencória, porque como Marco Aurélio dizia: a natureza deu à mulher toda sua força na língua. São mui crendeiças porque o que cuidam, afirmam, dizem, juram, crêem, testemunham, blasfemam, praguejam, somente em o cuidar, isso mesmo por pouco saber são algumas tão simples que fazem feitiços e dão amásios a seus maridos para que lhe queiram maior bem e às vezes erram a tempera e os matam ou fazem cair em grande doença, e não pode a mulher fazer a seu marido maior mezinha para lhe querer bem que confirmar-se com sua condição e aprazer-lhe em tudo e não lhe dar nojo e não curar de outros amásios pelo qual dissemos que não há maior mal que insipiência e que nenhum é pobre senão de siso e que mais dano faz o parvo que o mau, porque a ignorância é mãe de todos os erros. Diz o eclesiástico que melhor é o mal do homem que a mulher que faz bem e, por isso, os homens se tornam assim como elas, porque a cabra safrosa corrompe todo curral e quem trata o pez há-de se pegar com ele. Cuidam elas que tudo sabem e que não há outra cousa senão o que elas dizem. Diz Terêncio que não há cousa mais injusta que a pessoa que sabe pouco e que tal cuida. O geral das mulheres, tirando muitas em que se acha virtude e excelência, são mui opiniáticas, soberbas e enganosas. Por elas se disse: armado diabo, cabeça de pecado, destruição do paraíso. Marco Aurélio se lastimava delas muito, e dizia que se soubessem os homens quantos males se lhes seguem de tratar com elas que não somente as não servissem mas nem nos olhos as olhassem, nem com o pensamento. Assim que não se pode negar a ousadia grande de algumas, especialmente das que sofreram antes a morte, que deixar de responder o que lhes apraz a seus maridos, e sendo-lhe melhor responder com graça, porque como diz Salomão: a palavra doce multiplica os amigos e mitiga os inimigos e a palavra humilde triunfa na casa, não o querem fazer e então quando o marido não lhe pode ter a língua tornasse a o receptáculo dela que é a cabeça. E as mulheres buscam conselho contra seu proveito, que é casar que além de tudo as traz a perigo de morte quando parem. E este vício seu como seja natural, não tem nenhuma cura. E sendo isto assim, nenhuma cousa tanto empece ao homem como a má companhia, como dizem do frade que anda com o ladrão. E, por isso, o estudante pode lançar fora o

companheiro que não faz boa companhia, e o vizinho o outro que vive mal, e o letrado ao ferreiro que o estorvar com os malhos. Pois logo, o homem sabendo que é contagiosa a companhia da mulher a deve escusar pois pode e por conseguinte, por isso, escusar de se casar.

### **Razão V por causa da inconstância das mulheres**

Mui conhecida cousa é quão várias e inconstantes são as mulheres. Vária e mudável cousa é a mulher que três vezes se muda na hora. E não faltou quem disse, e não fui eu, que quando carecer o mar de ondas e os rios de peixes, então cessará a mulher de enganar e de se mudar e portanto pintam a fortuna em figura de mulher em cima de hũa bola a denotar que logo se revolve e muda. Terêncio diz que quando queremos não queremos e queremos quando não queremos, o que lhe contente agora lhe aborrece depois. E seu engenho se volve como ave no ar e seu entendimento não é sempre em um lugar. E com sua inconstância podem fazer muito mal a quem com elas tratar. Que a pessoa que não é constante nem tem firmeza em suas obras, não tem crédito nem reputação, nem se pode fiar dele cousa de substância. É mui suspeita a todo segredo, porque logo o há-de descobrir que não é em sua mão encobri-lo. A inconstância das mulheres as faz não ser verdadeiras e as faz de duas línguas, e de duas faces, e de dois corações. As quais mal diz o eclesiástico dizendo: mal hajam os que tem dobrado coração. E diz mais: que melhor é o pobre justo que o rico mentiroso e que a língua enganosa não ama a verdade e a boca que escorrega aparelha muitas quedas. E David diz: destrui Senhor aqueles que falam mentira e não há pessoas mais aparelhadas a isso que algumas mulheres por sua inconstância e portanto por esta razão se devem deixar.

### **Sexta razão fundamental contra as mulheres que trata da incontinência.**

Já parece tempo de corroborar esta minha opinião com mais evidentes razões e mais aprovadas. E portanto, neste lugar, ocorre outro fundamento para provar quão duvidoso e perigoso seja o casamento, o qual é por respeito da incontinência e impudicícia de muita parte das mulheres, porque são mui perigosas em sua castidade. Diz Platão que a mulher e o homem foram juntamente feitos e que a mulher deseja tornar-se a perfeição em que antes era, posto que isto é falso. Mas, por isso, são menos continentes e menos sofridas, segundo diz Aristóteles. Tales, filósofo, quis experimentar em sua mãe que era castíssima, e desde que conheceu que com porfia se podiam violar, nunca em sua vida mais falou. A história é vulgar. A razão é por causa da porfia que vence a castidade, e que sejam menos continentes que os homens mostrasse porque a mulher de doze anos é hábil e potente e o homem de catorze, e antes de doze muitas são mulheres e por serem assim grande fadiga é ao homem ter esse cuidado, maiormente, ausentando-se ele de sua casa para o que lhe cumpre, deixando sua mulher só, que é tesouro mui perigoso de guardar, porque é notório nesta fraqueza caírem todo género de pessoas, assim altas como baixas e ainda com pessoas de menos sorte que seus maridos. Pois logo, para que se quer meter o homem em ventura de tamanho perigo.

Verdade é que não há maior bem nem maior tesouro que as boas e virtuosas, e deviam todas procurar de ganhar tal nome, e deviam olhar que não há maior dom dado pela natureza que a castidade e pureza da mulher, a qual depois de perdida, não se pode mais cobrar. E ainda dizia Santo Agostinho que Deus não podia restituir a virgindade perdida.

Deviam também cuidar que não há cousa tão secreta que não se descubra, como diz o Evangelho, posto que os namorados o não cuidem, porque o amor, e o fogo, e a tosse, não se podem encobrir a quem os tem e não se acha minguia que cousa desta matéria durasse sem se descobrir ou por descuido, ou pelos terceiros, ou por eles mesmos, porque, como diz Aulo Gelio, a verdade é filha do tempo e por ele se descobrem todas as cousas.

E deviam de cuidar que a boa fama é tesouro inestimável e como lírio que dá cheiro suave, e não há cousa mais nojosa que a má fama e que mais empeça e

quanto mais passa por boca das pessoas tanto mais se acrescenta, porque não há cousa mais fácil de correr e que mais presto se mova e muito mais a má que a boa. E as mulheres infamadas como quer que disso tenham muito grande dor, queriam que todas as outras o fossem assim, porque são como o demónio que deseja ver todos no inferno. Deviam também olhar as mulheres quão pouco dura aquele vício e o mal feito dura muito, onde Séneca diz que ainda que soubesse que Deus havia de perdoar e os homens o não haviam de saber que antes queria morrer que fazer contra o bem da virtude.

E também deviam considerar que as mulheres que mal vivem, que perdem sua nobreza e fidalguia, e que lhe dão curador como a pródigo, e não podem fazer testamento e perdem os privilégios, e podem ser prezassem que sejam mulheres.

Isso mesmo, considerem as mulheres que aqueles que as cometem, têm mulher ou amiga, ou amigas, e desde que aquilo passam nenhum outro desejo têm senão como lho hão-de contar, como lhe aconteceu, como a enganou, onde lhe falhou, e tudo muito por extenso. Maiormente, quando elas por alguma via os anojam, especialmente por ciúmes que então não fica cousa que senão palre em que seja mui vergonhosa. Deviam também de cuidar que logo após o vício vem o arrependimento, como diz o filósofo, e que o preço da mulher má é escassamente um pão, segundo diz Salomão, e quão pouco é o deleite em comparação da grande desonra e infâmia. Que por derradeiro os namorados desde que têm o que querem são como justadores que desde que quebram a teia não curam mais dela. Não deviam crer as mulheres as palavras doces dos homens pois não vão dirigidas a seu proveito, senão para sua desonra e dano, e fugir de suas práticas e cumprimentos, porque tanto que a mulher fala ao homem, logo é perdida e não quer ele mais. Assim como dizem do Alcaide que guarda o castelo porque como vem a falar ao inimigo, logo dá a menagem e a mulher que se põe em práticas ou escusas dai-a por vencida, porque logo dá ousadia ao homem e ela vai despedindo a vergonha e sucede pouco a pouco às lágrimas falsas. E se a mulher é mui seca e mui recatada não tem os homens coração para cometer, mas elas fazem crescer aos homens os desejos, em maneira que o que eles começam de burra põem-se a cavalo de verdade e as palavras chorosas que no princípio fingiam, depois prosseguindo as dizem mui verdadeiras, e com isto vem a cousa a todo mal e pela

maior parte elas como mais fracas ficam vencidas, infames e destruídas. E se mais se estimassem mais valeriam e seriam mais altas. Mas, segundo diz o Florentino, três cousas são de mui grande preço que se hão por nada: a fortaleza do cavalo, o conselho do pobre, a formosura da má mulher.

Isso mesmo devem olhar as mulheres que qualquer cousa que aos homens levam, é mal levada e são obrigadas elas à restituição maiormente se levam a homem casado que o roubam à sua mulher e filhos, porque nenhuma mulher pode levar nenhuma cousa com consciência. Salvo as que estão publicamente, porque estas em que recebam torpemente retêm-no com direito e podem disso dar esmola e convertê-lo em seus usos. Mas as outras que estão nos becos que fingem de boas e outras tais estas não lhe podem levar nada e são obrigadas a restituí-lo.

Item as casadas muito mais deviam cuidar que não podem fazer maior pecado que adultério e além disso, se o sabe ou suspeita, o marido já que possa ter paciência, concebe-lhe grande ódio que já nunca com ele vivera em paz, porque o sente mais que se lhe desonrassem a filha, e mais que se o acautelassem à morte, e mais que se perdesse toda sua fazenda, e mais que a morte dos filhos, porque como a mulher seja osso de seus ossos e carne de sua carne, sente-o como sua mesma morte, por onde Policrato dizia: ser dor sobre todas as dores, onde nasce o tal que chamamos cornudo, quase homem que tem sempre nudo ou nó no coração, porque naturalmente e de direito natural todo homem com isso se indigna mui muito, ainda que seja sua amiga ou manceba quanto mais da mulher, e o que não sente muito é insensível, porque tal sentimento ou ciúmes são naturais quando são verdadeiros que até as alimárias têm aquele sentimento.

Outro se deve considerar a mulher quanta desonra faz a seu marido e aquela tacha e mácula passa a seus filhos, e lhe dizem que não têm pai certo, e às vezes faz a mulher que os filhos do adúltero levem a fazenda do marido e vêm juntamente com os outros herdar, por onde fica a mulher mui carregada em sua consciência, porque ainda que depois diga que não é filho do marido, não se lhe crê segundo direito, porque se presume pelo matrimónio ainda que ela estivesse na mancebia, presume o direito ser filho daquele que tem a mulher mais à sua vontade. Alguns tiveram que como as mulheres pela maior parte amem mais aos

adúlteros que aos maridos, o que parece, porque os conhecem com pecado e medo de perder vida e honra que antes havíamos de presumir que fosse filho do adúltero e não do marido, porque com tal amor mais facilmente concebera dele, porque o marido que sempre tem na cama, em que o não aborrece, ao menos às vezes se enfadara pelo muito costume que não a cousa tão prezada que não aborreça pelo muito uso, porque a muita familiaridade causa menosprezo. Os judeus se enfatiaram do muito maná no deserto, sendo tão gostosa que tinha todo sabor. Os clérigos e letrados, por serem muitos, aborrecem como dizemos das sardinhas. E o que é pouco é mais precioso, como dizemos do ouro, e o fruto mais doce é aquele que com muito perigo se busca e aquilo amamos mais que ganhamos com mais trabalho, e as romarias raras se fazem com mais devoção e, por isso, as mulheres encerram suas filhas para que sejam mais desejadas. Por onde parece que o filho de tal mulher seja antes do adúltero de maneira que se a mulher ousadamente o confessasse, maiormente na hora da morte, cousa era para crer posto que a primeira opinião seja mais provada. Conta Petrarca que jazendo hũa mulher doente para morte fez perante si vir dez filhos que tinha e disse ao marido que lhe fazia saber que nenhum era seu filho. Espantado do caso o marido lhe roga que pois não eram seus filhos que lhe dissesse quem era o pai. Então ela começou a repartir e assinar a cada um seu pai, de maneira que cada filho tinha um pai e, estando ela assim, estava o filho mais pequeno ao redor e quando viu que não era filho de quem cuidava alçou as mãos e disse: o mãe os rogo por amor de Deus que me deis algum bom pai e então o bom homem ficou assim só sem filhos, tornando pois ao propósito, por estes e outros infinitos exemplos, se pode coligir quanto são incontinentes as mulheres e que por esta razão, tão urgente os homens devem delas fugir e por conseguinte não casar nem desejar o casamento.

### **Razão VII contra o Casamento por respeito da discórdia entre o marido e adúltero.**

Muito certa cousa é que havendo a incontinência de que agora antes falamos que se segue grande diferença entre o marido e adúltero e inimizade entre

eles e entre seus parentes, porque como Platão diz não há cousa que cause mais discórdia que hũa mulher de muitos desejada e, por isso, fundava ainda que mal Platão que fossem elas comuns e não próprias. Assim que com isso o marido e parentes se sentem mui injuriados onde se seguem mortes e grandes escândalos, porque assim como o marido pode por si matar o adúltero e adúltera, sendo compreendidos em tal auto, assim pode para isso levar parentes seus e amigos que o ajudem sem terem nenhuma pena, onde se segue revolta no povo, maiormente quando são pessoas de qualidade e o homem não somente por amor de si, mas por amor da República para a qual também nasceu. Como diz Túlio: há-de procurar de não haver dissensões nem revoltas em ela que maiormente sucedem quando tem tal mulher. Que para não haver estas revoltas está em direito ordenado que as mulheres que mal vivem se possam lançar fora da vizinhança, e aqui em Salamanca, como se lhe prova, logo as mandam ir ao lugar público, não a outro fim senão por amor de não haver pejejas nem discórdias na rua. Acontece pela maior parte haver entre alguns concertada paz mui firme e depois vir-se a quebrar só por causa de hũa mulher ou filha, porque segundo direito é ofensa e grave por onde a paz se quebra. Outras vezes, acontece um homem mui baixo de que não se cuidava temer matar um fidalgo nobre, isto mais acontece em Portugal que cá em Castela, geralmente dizemos que a lei julia de adulterijs é prescrita, porque nunca se acha maiormente aqui em Salamanca onde isto acontece que mulher fosse punida por pena ordinária de adultério, fazem-no porventura temendo a consciência, porque posto que haja tal lei não se pode fazer sem pecado mortal, segundo comumente concluem os teólogos e canonistas, assim que por causa de tais revoltas e brigas escusado me parece haver-se de casar o homem.

### **Razão VIII contra o Matrimónio: por não viver com a adúltera.**

Após este inconveniente sucede logo outro quase semelhante e é porque tanto que o marido sabe que sua mulher é adúltera, logo a deve lançar de si e não tê-la mais, porque o que mais a tem sandeu é mesquinho como diz Salomão. Onde vem que se a mais tiver é visto perdoar-lhe e não pode mais acusá-la. Assim que

nem há-de tê-la nem se há-de casar mais, e não pode ser maior inconveniente, porque deseja o marido tomar a vida que deixou e já não pode. Alguns quiseram dizer que podia casar-se com outra e alegam aquilo de São Mateus, cap. XIX, onde se diz que todo o que deixa sua mulher, salvo por adultério e se casa com outra é rufião, segue-se logo que por adultério o pode fazer. Porém, a verdadeira opinião é que o não pode fazer sendo ela viva e assim se entende o evangelho. E já que o marido a quisesse suportar e reter prometendo-lhe ela porventura ou seus parentes de ser em diante boa. Que trabalho tamanho era o triste em a haver de tornar ao caminho que parece quase cousa impossível, porque mudar do costume é parelha de morte que o costume é outra natureza. E aquele que castiga a mulher é como o que lava adobe ou tijolo que sempre lança água à volta, porque quanto mais a castiga, tanto mais no amor a liga. E não há pior cousa para afastar hũa mulher disso que defender-lho, porque então o fazem pior que Ovídio diz: que sempre fazemos aquilo que nos defendem e sempre mais o desejamos. E não há cousa mais veemente que o furor do amor, o qual não se pode cerrar em termos devidos, porque tem seus dardos com que fere e seus agulhões com que punge. E o amor vence todas as cousas, até os deuses diziam os poetas que foram namorados. Pelo qual duvidam e argüem os doutores se poderá o namorado fazer testamento, porque o presumem fora de seu siso. Assim que estas dissensões e promessas que se fazem cumprem-se mal e há muitos que as tomam por comadres e tornam a elas e não se podem ter, porque os que hũa vez se conhecem há sete anos se saúdam. E por isto, diz Barbacio que não se há-de tomar juramento ao clérigo de não tornar à manceba, porque o amor e a humana fraqueza lho farão quebrar. A mulher é mui mole e disse-se mulher a molícia que é brandura que qualquer cousa lhe faz andar com a cabeça ao redor e volver o sentido. Onde dizem os doutores que se não deve dar penitência de perpétua castidade nem a tempo certo, senão aqueles que são já velhos, posto que se diz que um homem pode gerar até que não possa erguer um alqueire de farelos e é perigosa a continência que São Paulo diz que a carne é o agulhão do espírito de Satanás. E Aristóteles diz que as que o costumaram sendo moças são mais dissolutas, de maneira que é grande trabalho apartar disso hũa mulher. Alguns quiseram dar a isso algum remédio assim como Frei Ludovico em seu Tratado da Contrição onde diz que é mui bom exercitar-se a pessoa em outros autos corporais de trabalho,

assim como jogar, espairecer, praticar, passear, andar descalço e apartar o coração daquela pessoa ou tomar outro novo amor que um cravo tira o outro. Porém, esta II razão não é boa, pois assim há-de estar o coração em outro lugar cativo. É logo mui bom encomendar devotamente à concepção de Nossa Senhora doendo-se do pecado e tirar todas as cousas propícias assim como cartas, recados, práticas, visitas e outras cousas que acordam e incitam e deixar aquele auto pelo menos por um mês e depois por dois e assim pouco a pouco se vem a esquecer de tudo. Mas a isto responde João de Mena dizendo que quando o amor é fraco, então se pode obrar esta descrição. Mas o verdadeiro então se acende mais quando mais defesa lhe põem, porque como diz Terentio, a destempera dos namorados os confirma mais no amor e as mulheres dizem que os eclesiásticos, quando eram santos, ordenaram isso assim e fizeram de couro alheio largas correias. Pois logo, quando isto não aproveitasse, não seria mal usar de medicinas que há muitas e mui boas para isso. Michel Sanavarola na sua prática põe algumas, assim como Torciscos de Camphora, que são mui apropriados e dormir em ruim cama e dura. E dormir em leito feito de pau de ano casto, que é o zambujeiro, que dizem ter para isso maravilhosa propriedade e quando isso não aproveitar que fará o coitado do marido, que guerra terá consigo, e com sua mulher que se queria antes ver morto que casado, quanto mais casar. Onde concluo que por esta razão se não deve fazer.

### **Razão nona contra o Matrimónio: por as tachas e manhas das mulheres.**

Ainda não são de todo satisfeito, porque fica muito que dizer acerca dos vícios das mulheres e eu serei mais cortês que não direi tudo o que se escreve. Dizem que em poucas se acha bondade de coração senão por força ou se forem santificadas posto que são mais sagazes que os homens em guardar suas cousas, porque são de natureza avaríssimas. Sozino em um conselho diz que não são todas firmes e que muitas são más e que tem infindas malícias. Diógenes e Terêncio dizem que não há nenhuma tão boa em que não se ache algum mal. Erasmo fez um provérbio que começa: *Femina nil peffilentia* que quer dizer que não há maior

peste que a mulher. Muitos sabedores escreveram grandes pragas delas e tudo deixo. Mas nomearei alguns livros que fizeram. João Alexandrino fez um Tratado que intitulou das Malícias das Mulheres. O arcepreste de Talaveira fez outro contra elas em castelhano. O que fez a Celestina qualquer que foi agora fosse nosso mestre Loarte agora outro não foi outro seu fim senão dizer mal das mulheres. O livro dos Sete Sábios de Roma que foi tornado de tudesco em castelhano também foi contra as malícias das mulheres. Ludovico Ariosto fez outro que se chama Campainha de Mulheres. João Bocacio fez muitas novelas contra as mulheres e delas diz mal no livro da Caída dos Príncipes. Na Bíblia Áurea há um c. XVII das tachas das mulheres. E outro livro a que chamam pandeiro de mulheres. E não faltou quem disse que quando Deus lançara Lúcifer com os anjos maus fora do paraíso que houve entre eles alguns que não eram anjos nem diabos, os quais quis que ficassem na terra para atormentar os homens e que estes são as mulheres. Outros dizem que há na mulher sete propriedades: santas na igreja, diabos na casa, anjos na prática, bufos na janela, pegas na porta, cabras na horta, enfadamento na cama. Outros repartem as idades, as más digo, de sete em sete anos, porque nos primeiros sete anos, é menina e para servir; nos segundos sete é virgem, até catorze; nos outros, até vinte e um é namorada; nos outros, até vinte e oito, é mulher de prole; nos outros, até trinta e cinco é má cousa; outros até quarenta e dois vêm a ser alcoviteira que para isso presta; nos outros até quarenta e nove é remendadeira; nos outros pede por amor de Deus; nos derradeiros, que é em idade setenta, torna-se estria. E assim acaba sua idade. O Arcebispo Florentino, da ordem dos pregadores, que foi canonizado pelo Papa Clemente VII pouco há e se chama Santo Antonino, na sua Suma Geral fez um título contra as mulheres onde por ordem do a, b, c, põe a cada letra muitas condições das mulheres e ali se podem ver. Outros muitos há que o dizem, que quero deixar. Abasta que a mulher não é feita à imagem de Deus senão do homem, é de mais imperfeita virtude e de mais fraca natureza, posto que se diga que é pior de morrer que o homem e que recebe maiores chagas, que tem sete folgos, todavia menos vive a mulher que o homem, segundo físicos. Tem a mulher a cabeça dissemelhante à do homem que não tem mais que um miolo ou hũa comissura e o homem tem três. E, por isso, são mais fracas do miolo por onde não podem reger nem governar. E diz Santo Agostinho que em toda a Sagrada

Escritura não se acha que mulher sucedesse no reino. E diz Lucas de Pena que quando os reinos se regem por mulheres, que toda a gente brada, e as mesmas mulheres conhecem isto, porque quando parem filha ficam mui tristes. E tudo o que digo não se entende das boas e virtuosas, senão pelas outras, porque por elas se deve recear o casamento.

### **Razão X: pela pobreza, doença e velhice.**

Venhamos mais particularmente aos inconvenientes que há no matrimónio, os quais são que maior parte dos homens têm um destes males: pobreza, doença e velhice. E onde houver estas cousas, são mui contrárias ao casamento, porque o que é pobre não pode suportar as grandes cargas do matrimónio para manter sua mulher e criar seus filhos, porque a riqueza nos livra e defende de todo mal e a ela obedecem todas as cousas, e o pobre onde quer jaz, e é perdido, e desprezado seu conselho como a lenha no monte ermo, e se a mulher sente seu marido que é pobre e que não tem que comer aborreceu muito e não lhe pode querer bem, e dá-lhe muito má vida, e nunca cessa de bradar com ele, porque é de tal condição a mulher que como o homem não lhe dê tudo o necessário lhe perde todo o amor, porque por maior parte não querem bem senão interesse, ainda que o marido seja um santo. Agora se o marido é enfermo mui asinha, abreviara sua vida, porque não há cousa que mais impeça ao doente e ao são que o uso da mulher. E diz Aristóteles que a galinha que põem muitos ovos vive pouco e as árvores que dão muito fruto cedo se secam e isto é destruição do corpo e abreviação da vida. E o marido sendo enfermo há-de dar o débito à sua mulher e não tem para isso escusa salvo se se pusesse em perigo de morte assim como se fosse ferido na cabeça que é ali o acesso mortal, ou se fosse ético ou tísico, onde em tais casos é mui perigoso. E já ouvi duvidar se o marido tivesse acesso a sua mulher, estando ferido, e ele morresse disso, (como já aconteceu) se haveria ela pena de justiça quando claramente pela devassa constasse que disso morrera e concluiu-se que não por muitas razões que seriam largas de contar.

E sendo o marido velho, que maior doença pode ser? Que Terêncio diz que a velhice é a mesma doença e portanto todos os velhos se podem chamar enfermos segundo os juristas. Busto no seu Rosário diz que a moça que casa com o velho pode levar logo consigo a enxada para lhe fazer a cova, porque os velhos são mui fracos e frios. Posto que presumem de mui louções e há alguns mui dissolutos. O que lhe parece mal que Túlio diz que a luxúria é em toda idade reprovada, mas a dos velhos chama-lhe fedorenta. Séneca diz que o moço luxurioso peca, mas o velho ensandece, porque o amor milita nos anos novos e na velhice é zombaria. Porcio diz que assim é auto o velho para as bodas como a geadá para os meses. E as mulheres aos velhos maiormente são infidelíssimas e diz Terêncio que a velhice é mui odiosa às moças. E os velhos (diz o filósofo) que não são bons para geração e que fazem os filhos mui debilitados. E pela maior parte, as moças os aborrecem, porque a outra que o amava muito e, por isso, o mandou pintar tanto que casou com o mancebo, dizia que não o queria ver nem pintado na parede. Ovídio diz: O quão mal vem ao arado os jovens desiguais que assim faz a mulher moça, casando com seu desigual. Se a velha casa com mancebo, esta é outra guerra pior, porque sempre entra interesse de fazenda mais que de amor. E, por isso, a Lei do Reino proveu contra as que se casam sendo de idade de Lanos. E pela maior parte, tais maridos querem buscar outras de sua idade com que folguem e as velhas são mui ciosas como bem experimentadas e tudo querem para si e, por isso, há em casa guerra contínua. Muitos há que por amor das riquezas casam com velhas dos quais às vezes nenhum vive mui contente de si.

E é muito nocivo o trato da mulher velha e faz ao homem viver menos. E, por isso, dizia o filósofo, que pois não conhecera mulher velha que porque havia de morrer, dizem delas que a cabra nova come o sal e a velha come sal e o saco. E é maior pecado ter acesso a mulher feia que não a formosa, segundo os teólogos. Assim que concluindo, digo que por estas três enfermidades é o matrimónio escusado.

### **Razão XI contra o Matrimónio: por causa da mulher pobre ou rica.**

No mesmo matrimónio em quanto dura, há ainda outro inconveniente, porque o que casa há-de ter mulher rica ou pobre e com qualquer que seja tem muita fadiga e trabalho, porque se é pobre não lhe quer bem e pois lhe não ajuda a suportar as cargas do matrimónio nem trouxe consigo com que o ajudasse, se é rica é soberba e não há cousa mais má de sofrer. Por isso, Licurgo fez lei que as mulheres casassem sem dote. Marcial diz: Se me perguntais por que não quero casar com mulher rica, porque não me quero subjugar a ela, mas ela a mim, não quero casar-me a ela, mas ela a mim, porque como a mulher é rica, não somente os casados mas outros assim, como solteiros e clérigos, se lhe subjagam por respeito de sua fazenda. Na Rota em Roma foi acusado um clérigo dizendo que tinha manceba e ele provou que antes ela tinha a ele e assim foi absolto. Aureolo diz: que o que põe em casa mulher pobre que põe pobreza e o que põe a rica põe tempestade. Plauto diz: vendi o poder se tomei em dote muito dinheiro. A mulher se é boa e bem doutrinada assaz é dotada sem dinheiro, porque nos grandes dotes comumente há mui grandes despesas. Juvenal diz que do dote vem as festas e que a mulher com se dotar bem compra para si por servo a seu marido e, por isso, mais deve procurar o homem por bons costumes da mulher que por muito dote. Um Rei tinha um filho perguntado por que não o casava, disse que uns lhe ofereciam filhas formosas, outros generosas, outros muito ricas e que nenhum lhe oferecia filha virtuosa que, por isso, não o podia casar. O amor honesto depende do coração e não do ganho. Assim que casar com mulher rica é mui grande trabalho e com pobre é muito maior, segue-se logo que assim devemos fugir de casar com mulher rica como com mulher pobre, e que hũa e outra devemos escusar.

### **Razão XII e final contra o Matrimónio**

Dizia Jasom Maino, lendo em voz, que esta parte era para sustentar por um fundamento evidente, que é este certo, é que de direito antigo imperial era permitido o repúdio entre o marido e mulher por muitas cousas, as quais conta o Imperador Teodósio que só se a mulher fosse adúltera, homicida, plagiária que é

vender o filho ou servo alheio, feiticeira, violadora dos sepulcros, ladroa, sacrílega, ou que vai aos convites sem licença do marido, ou ficar de noite fora, ou for aos teatros, ou ordenar a morte ao marido, ou traidora. Em todos estes casos era lícito ao marido repudiar sua mulher. E ainda entre outros muitos costumes conta o Relógio de Príncipes que tinham os Cíitas tal costume que, quando casavam, faziam fogo, o qual sempre haviam de ter acendido, e como lhes morria logo podiam desfazer o casamento. Mas como já nos é dito não podemos deixar nossas mulheres senão por hũa só causa que era adultério. Pois se estes que digo, tantas vezes e por tantas causas, podiam deixar suas mulheres e tinham dúvida se era bom casar. Quanto mais nós que as não podemos nunca deixar por nenhuma cousa que ou má ou boa já a havemos de suportar até a morte e considerado esta razão e como eles mesmos tenham o casamento por tão duvidoso, nós o devemos mui muito mais duvidar.

Outras muitas razões poderá dar para fundar esta minha intenção mas não quero ser mais comprido. Estas abastem. Pelas quais muitos e mui grandes doutos varões tiveram e sustentaram esta parte. Assim como Platão, a quem todos chamam divino, em cuja escritura se acha quase todo o Evangelho de São João I, *in princípio erat verbum*.

Francisco Petrarca, poeta singular, teve sempre esta opinião, o qual como em extremo amasse a Madame Laura, o Papa o casava com ela e lhe dava por isto muita renda, e ele não quis sendo tão perdido por ela, como parece por suas obras que em louvor dela fez, assim triunfos como sonetos e outros. A mesma opinião tiveram Aristóteles e Séneca e Jacobo Magno: *in suo sophilogio sapientie*. Pedro de Serrarrís na sua prática do direito civil. Policrato Livro VIII, c. XI, João de Treschel (?) abade Panormitano. Henriquo e Preposito, doutores canonistas nesta opinião foram. Túlio o mesmo quer. São Jerónimo, doutor glorioso, nesta opinião foi e traz aquilo de São Mateus, aos XIX capítulos, onde desde que nosso Senhor Jesus Cristo disse que se não podia deixar a mulher senão por adultério, e que tendo adúltera não se podia casar. Disseram os discípulos: pois logo Senhor se isso assim é, não convém casar. Respondeu Cristo: não entendem todos esta palavra senão aqueles a quem foi dado. E do que mais se segue parece que dá a entender Cristo que não seja bom casar.

Item São Paulo diz: se és casado não deixes a mulher, e se não o és, não a queiras nem busques. Pelo qual eu me entendo chegar antes a estas intenções que tiveram tantos e tão virtuosos e santos varões, que escolheram vida só e contemplativa e com eles tenho que o homem se não deve casar senão por remédio e quando al não pode fazer. Mas o homem letrado, estudioso, e que por outra via pode viver e servir a Deus clérigo, mui sobejo lhe é casar e eu assim o entendo fazer. E portanto, é escusado falar em al posto que a Vossa mercê pagarei sua boa vontade em outra cousa, porque se já não fôreis casado, muito fizera por trazer a esta minha opinião de religioso. Mas rogo a Deus que o sejais por muitos e mui compridos anos. E contudo, pois o fores, procurai de o serdes em tudo, porque não há cousa mais estranhada ante Deus e ante o mundo que o casado que não vive como casado, porque ao tal sempre lhe é contrária a fortuna e nunca vão suas cousas para diante. Encomendo-me Senhor mil vezes em Vossa mercê. Desde Salamanca.

A doze de Janeiro

MDXXIX

**Fim da primeira parte deste livro.**

Non est bonum esse hominem

Folum: faciamus ei adjutorium simile sibi.

Genesis, Capitullo secundo.

Segue-se a Segunda Parte deste Tratado. Em a qual o autor prova por doze razões evidentes e muitos fundamentos, quão excelente e proveitoso e necessário seja o Casamento. E é resposta da carta atrás.

Egrégio e mui prudente Senhor: deu-me vossa carta tanto contentamento e glória que vo-lo não sei aqui escrever, porque sei bem que me a escreveste não tão somente por vos escusardes, mas para com ela me mostrardes e ensinardes tanta doutrina de que há bem guarneceste. Agora conheço que o ofício do bom amigo é não ter para si cousa nenhuma própria. E posto que eu não esteja tão ocioso como vós pois sou casado, não deixarei de vos responder e se poder pelos consoantes, contra à vossa intenção e opinião, a qual posto que mui fundada e autorizada seja e sobretudo mui razoada e elegante, como quer que seja ponto que a mim toque. E vós quereis tão largamente confundir os casados com vossa opinião, eu pelos casados e pelo que minha intenção me dita são em mui contrária opinião e parecer. Antes digo que necessária e justa, e santa, e proveitosa cousa é ao homem haver-se de casar quando mui bom religioso não poder ser por estes fundamentos e razões seguintes.

### **Razão I: por parte do Matrimónio.**

#### **Por se perpetuar o homem.**

Nenhuma cousa viva que a natureza produzisse ou criasse, pode ser, neste mundo, perpétua. Tudo é temporal, tudo acaba, tudo fenece em mui breve tempo. Especialmente o homem que como dizia Job vive mui pouco tempo cheio de

muitas misérias, sai como flor e seca-se e nunca em um estado, pois como quer que isto seja assim, e o homem saiba tão certo que há-de morrer, e como David dizia em setenta ou oitenta anos, porque o mais é trabalho e dor. Ordenou de buscar alguma maneira para se perpetuar ou lho ordenou Deus e a natureza para que posto que ele morresse, ficasse dele memória. E naturalmente, nenhuma coisa mais deseja o homem que perpetuar-se. O que não pode ser senão por seus filhos e por sua geração. E não somente o homem mas todo animal irracional deseja de se perpetuar. Vede quanto faz o homem por seus filhos, quanta necessidade, quanto trabalho recebe somente porque lhe fique sua cabeceira. Que naturalmente o homem em seus filhos virtuosos põe toda sua bem-aventurança. Quanto faz por os criar, por os doutrinar para lhe adquirir fazenda, para os casar e honrar e tudo isto, porque sente o homem que não fenece se deixa filho depois de seus dias, porque este conserva a família, a casa e a fazenda. E é hũa mesma coisa e carne com seu pai. Pois para se haver filhos e se fazer esta perpetuação não pode ser bem sem matrimónio, porque por ele se fazem os homens imortais. E a geração humana é por ele restaurada e imortal como os doutores dizem. E não somente os homens e animálias, mas ainda as plantas e ar desejam sua perpetuação, porque todas lançam semente. E na fruta nasce logo a pevide para se perpetuar. E se me responderem que isto podia ser sem matrimónio, como diz Platão, seria grande confusão pela incerteza que os pais teriam de seus filhos, porque como fossem vulgo quesitos que assim lhe chamam em direito, não poderiam haver certo pai nem os desejariam assim. Não sendo de legítimo matrimónio, nem seus pais lhe teriam amor. De maneira que digo que assim como as outras cousas todas têm suas sementes para não acabarem, sua substancia e natura, assim o matrimónio é semente da geração humana. Pois logo, se guardarmos as sementes de todas as cousas para se perpetuarem e não perderem, com muita mais razão devemos guardar o matrimónio que é causa da geração humana, porque com ele se beatifica e acrescenta e sem ele se não poderia fazer.

**Razão Segunda por parte do Casamento  
por causa de quem o ordenou.**

Injusta cousa e razoada nos pareceu sempre dar autoridade e louvor às cousas feitas por causa de quem as fez, se foi pessoa nobre ou insigne, porque assim como desprezamos a cousa se é vil o autor dela, assim a louvamos e autorizamos pela autoridade do autor, maiormente quando é pessoa a quem tenhamos amor ou afeição. E é isto tanto assim que se vê, às vezes, hũa cousa mui boa maiormente escrita e se não lho conhecemos o autor ou lho conhecemos que não é mui aprovado, logo desprezamos a mesma cousa e vendo-se cousa que seja de amor aprovado, e conhecido em que mui boa não seja isto, só abasta para ser com muita vontade vista de toda pessoa. Pois logo, a propósito digo que havemos com muita razão de amar o matrimónio por amor de quem o fez. Que foi Deus que o fez no paraíso entre nossos primeiros pais Adão e Eva e pois que Deus o fez que é máximo e bom não pode deixar de ser bom, porque foi por ele instituído por saber que era conveniente e necessário ao homem e foi obra de sua mão. Que só por isto devemos seguir, por ser por ele feita e inventada. Item por ser feito no paraíso e em tal lugar. E por ser feito no tempo da inocência, e foi o primeiro sacramento que se instituiu, pelo qual o devemos nós aprovar e seguir.

### **Razão III: Por causa da glória e alegria do Casamento.**

Todos os homens naturalmente desejam viver alegres e contentes de si, porque o espírito triste disseca os ossos. Pois para o homem viver alegre não há melhor aparelho que o matrimónio no qual é tanta glória e deleite que mais em outra cousa não pode ser, onde dissemos que o que não tem mulher não sabe que cousa é bem e que onde não há mulher ali geme o enfermo. Grande glória é ao marido ver sua mulher como lhe tem governada a casa e concertada e regida, como lhe aparelha o comer, como lhe cria os filhos, como lhe aproveita a fazenda, como descarrega ao marido dos cuidados e os toma sobre si. Que na verdade dizia um homem que não havia cousa que mais lhe pesasse que trazer hũa chave consigo. As quais cousas a manceba nos faz, senão para si só e a fim de seu proveito. Como aconteceu a um que a mulher tirou os cabelos pretos para parecer mal à manceba e a manceba lhe tirou os brancos para lhe parecer bem. De maneira

que lhos tiraram todos e ficou pelado. A mulher conserva seu marido em seu ser, por amor dele e para que a governe e ame e a seus filhos. Mas a que não é mulher não o conserva senão por seu próprio interesse e não pela honra nem proveito dele. E, por isso, não há tanta doçura em um como no outro. O homem pela manceba se infama e por ela destrui o corpo e consome sua fazenda. Por ela vive em pecado contra a lei de Deus que o defende. E, por isso, com a manceba não pode haver gozo perfeito, mas mui imperfeito e falso. Antes os danos e males que procedem da manceba sobejam os contentamentos que podem dar, porque como não tem em si sujeição não tem lealdade. E portanto não pode haver glória perfeita sem o casamento. Pelo qual é necessário e proveitoso casar.

**Quarta razão pelo Casamento que é  
por seguir os nossos antepassados.**

Muito presume o direito pelas cousas dos antigos e muita autoridade lhes dá, porque eles foram mais sabedores do que são agora os modernos, segundo bem se mostra. Que seria agora impossível achar outra eloquência de Túlio, outro poeta como Virgílio e Ovídio, outro filósofo como Platão e Aristóteles em leis, outro Acúrcio Bartulo ou Baldo e assim outros muitos. Pelo qual sempre nós havemos de chegar e seguir aquilo que os nossos antigos seguiram. E depois do começo do mundo para cá todos os antigos de toda nação casaram, assim como gentios, judeus, caldeus, egípcios, alarves, mouros e todo outro género. Logo segue-se que nós também o devemos fazer. Rómulo que edificou Roma, acolhia para si muitos homicidas e outros para povoarem a cidade, e como não tivessem mulheres, achou que se não podia sustentar sem elas à República. Ordenou então grandes festas a Neptuno, Deus do Mar, às quais vieram folgar os povos comarcões de Sabina e de outras terras do redor trazendo suas mulheres e filhas, e então desde que foram todos juntos, ele ordenou que cada morador escolhesse a sua, qual lhe melhor parecesse, e dado seu final, se levantou com sua gente e tomaram as mulheres aos Sabinos, e se casaram com elas e o próprio Rómulo o fez também. Pois quando estes o aprovaram e viram que não era possível sustentarem-se sem matrimónio sendo como eram gentios que não tinham

condenação nem salvação. Que faremos nós que somos cristãos. Naturalmente o que não é casado, pela maior parte, há-de buscar manceba com que vive em pecado, pois logo muito melhor é buscar mulher.

### **Razão V e fundamento: por seguir os modernos.**

A experiência é mestre de todas as cousas e, por isso, outra evidente razão por que nos devemos casar é, pela experiência geral que vemos entre todos os modernos que se casam de qualquer género, e lei, e nação, que sejam por verem por experiência que não podem sem isso viver, e o uso, e a arte, nos ensina o que havemos de fazer e aquilo que se mais comumente pratica, aquilo é de crer é mais justo e mais certo. Agora se algum homem passa de idade e se não casa logo, é mui tachado e assinalado entre os outros e se cré que não é senão por algũa tacha insigne. Ao tal mandam os direitos que não seja recebido na República em os ofícios dela, e por lei deste Reino, é estatuído que todo oficial seja casado. Deixo o costume da lei velha que mandava que o homem e mulher estéreis fossem lançados fora do templo. E certo aquele que sendo em idade comprida está por casar, algũa incomportável condição tem, porque não o faz, pois vemos por experiência que outros que se casaram e enviuvaram, se tornam logo a casar e dar a seus filhos madrastra, e porém fazem-no por se casar, e por lhe não dar manceba, posto que um dizia que este tal era como o que joga as cartas e perde que logo torna ao jogo. Filemón dizia que não se maravilhava de quem hũa vez entrava no mar, senão do que lá tornava outra e contudo se os homens mal se achassem dos casamentos, não casariam outra vez, que então seriam piores que as alimárias que desde que as tomam hũa vez no laço nunca mais tornam ali. E portanto, esta tamanha experiência nos amostra que seja bom o casamento, que pois os próprios casados que o foram e deixaram de o ser, tornam a sê-lo e ainda três e quatro vezes como vimos alguns. Quanto mais quem nunca o foi. Assim que, falando dos modernos, achamos agora que todos, cristãos e mouros, turcos, judeus, gentios, gregos, índios e todas outras nações estão em esta opinião e todos são casados

neste tempo e por isto nós assim o devemos ser por ser cousa tão aprovada por tantos.

**Sexta Razão por parte do Matrimónio,  
por causa da geração.**

Hũa razão mais principal e das mais fundamentais em este caso é o bem da geração, porque três sacramentos há no matrimónio: fé, geração, sacramento. Que cousa possuem no mundo os homens mais doce que a geração pela qual de si deixam longuíssima memória. Naturalmente, é dado ao homem um cuidado de sua posteridade e geração que se demonstra pelo cuidado que de seus filhos tem. E o mesmo tem a mulher que, por isso, desejam ser casadas, e parem muitas vezes muitos filhos. Assim como dois e três e cinco e sete, segundo já houve algumas. Eu conheci hũa que houve três de um ventre que todos viveram e foram bons homens. Aristóteles conta que em Egipto foram trazidos a Alexandre cinco filhos todos de um ventre e que todos viveram. Célio, no livro das lições antigas, conta que em Alemanha foi hũa mulher que fez aborto de vinte e duas crianças figuradas todas de um ventre, e conta de outra que lançou setenta. E para que mais a maravilha cresça diz que outra lançou numa bacia cento e vinte figuras de embriões tamanhos, cada um como um dedo mindinho. Jacobo Capela conta que em seu tempo hũa sua avó em França, por nome Iolanda Baliva, sendo mulher de noventa anos, em sua vida viu produzidos de si entre filhos e netos cento e noventa e cinco. E conta mais que em Florença hũa Helianor, mulher de um nobre cidadão, parira cinquenta e dois filhos e que de cada vez não paria menos de três. E por esta razão de perpetuação os pais amam grandemente a seus filhos e mais que a si mesmo. E o pai ama mais fortemente e a mãe mais docemente. Posto que Pico, doutor, lendo dizia que nunca pudera crer que o pai quisesse mais a seus filhos que a si, e ele o podia bem saber, porque os houvera. E este amor é tanto por amor dos filhos como por amor de seus pais, que levam grande contentamento em os ver formosos quando são pequenos, que tem muita graça que até os bácoros naquela idade parecem bem, de maneira que não há cousa que melhor pareça ao pai que seus filhos, que nem que sejam mui feios lhe parecem mui formosos,

como parece da história da raposa com a águia. E com eles brinca o pai e passa muitas cousas, que não sentem os que não sabem que cousa é amor de filho, onde saiu o provérbio, teu filho teu Senhor. Não se nega, contudo, que não seja mui grande o amor de mãe, mas não tal como o do pai, porque o amor do pai é por amor de si e do filho e a mãe não ama o filho tanto por amor de si como dele, porque lhe parece bem. Como quer que nela se acabe e comece sua geração segundo dizem as leis, porque a mulher como casa, toda se trespassa ao marido e aos parentes dele, e nele se começa outra nova geração, e se acaba a antiga onde ela procedeu. E, por isso, comumente dizem os nobres, que havendo de casar seus filhos desigualmente, que antes darem um filho a hũa filha de um plebeu rico, que não hũa filha a um seu filho, porque a filha toda se trespassa e sogiga ao marido o que o filho não faz. Outros dizem que ama mais a mãe o filho que não o pai, e trazem aquilo que dizia David, que assim como a mãe amava ao filho único, assim ele amava a Jonatas que chorava por sua morte. Porém, a mais certa opinião é que nenhum amor vence o paternal, porque posto que alguns que dissemos matassem a seus filhos também algumas mulheres mataram os seus. Assim como a Imperatriz de Constantinopla que já disse, por experiência vemos quantas se casam e quantas dão mui má conta deles. Quando o pai se casa segunda vez não quero negar que não faz ofensa aos filhos em lhes dar madrasta, a qual naturalmente aborrece os filhos da primeira mulher. Porém esta ofensa não chega à que a mãe faz, dando a seus filhos padrasto, porque a seus filhos faz injúria e ao marido também, que com isso se entristecem seus ossos na terra e a alma no inferno, porque naturalmente o pai e filhos aborrecem ver sua carne possuída por pessoa estranha. Mas, às vezes, casarão os pais e mais tão acertadamente que satisfarão assim a seus filhos que tudo pode acontecer. Outrossim alegam outros por parte das mulheres que amam mais seus filhos. A o turco de nosso tempo, o qual mandou matar mais de vinte filhos seus que tinha, tirando o maior para que o deixassem viver pacífico no reino. E dizem que de mulher nunca outro tal se ouviu, mas isto não se deve considerar por ser feito de turco, que naturalmente são como alimárias brutas mui cruéis e fora de toda razão, gente que por má e ruim. Alexandre os não quis conquistar e os encerrou nos montes Ripheos e agora de pouco para cá por nossos pecados vieram a tomar nossa terra de Constantinopla onde vivem, os quais outras maiores crueldades, e mais feias, fazem. Porém, para

meu propósito agora seja maior o amor da mãe, agora do pai, qualquer deles é grande, e por qualquer se perpetua a geração, e por amor dele que é por amor dos filhos, conclui-o eu que se deve fazer o casamento.

### **Razão VII Pelo Casamento por causa da honra.**

Duas cousas sobre todas as outras desejam os homens, convém a saber: vida e honra, porque se o homem vivendo, vive desonrado, este tal não é vivo mas havido por morto, porque mais vale morrer com honra que viver desonrado. E é em tanto estimada a honra que é comparada à vida. E assim podemos ferir e matar por conservar a honra como por conservar a vida, pois nenhuma cousa abre tanto o caminho ao homem para ser honrado como ser casado, porque grande é a autoridade que dá hũa mulher a seu marido. E o casado se prefere ao solteiro, em todas as cousas. E enquanto um homem é solteiro, em que tenha cãs, sempre tem costumes de mancebo e tanto que casa logo sucede a gravidade. Em casa faz a mulher ao homem muita gravidade por muitas razões. A primeira, porque o aparta de ter conversação com muitas, que diminui muito a honra do homem. A segunda, porque lhe governa sua casa, porque onde não há mulher não há boa governança em casa. A terceira, que o ajuda, a quarta, que o faz regado na terra e abonado. E, por isso, diz o provérbio: donde és homem, donde é minha mulher. Aconteceu-me sendo julgador vir um homem de cinquenta anos, citado porque não queria servir de jurado. Alegava ele que era solteiro e que por ser solteiro que não havia de servir e por esta causa havia mais de vinte anos que não servia com seus vizinhos. Julguei que ele servisse, pois seus vizinhos queriam, porque aquilo era em favor deles, e em ódio dele, e que antes devia servir dobrado. Pois havia tanto tempo que fora inútil a seus vizinhos, muito acrescenta na honra do homem a boa mulher. Assim que digo que por amor da honra é justo ao homem haver de casar e mui necessário.

**Razão VIII por parte do Casamento por respeito  
da amizade da qual aqui se trata singularmente.**

Hũa das cousas que são mui necessárias ao homem para viver e se poder conservar esta vida a fim é a amizade, porque dois podem muito e um não pode nada. E por conservar esta amizade, dizia Salamão que era melhor o vizinho achegado que o irmão alongado. O grande Catão dizia que o homem havia de ter um só amigo e nenhum inimigo, porque mais vale bom amigo que o ouro na arca e em direito aquilo que se presume que podemos que podem nossos amigos, e onde há amigos, há riquezas. E é mais necessário o amigo que o fogo e água, porque o amigo é a própria pessoa de seu amigo. Túlio, falando da Amizade, dizia assim: eu vos rogo que anteponhais a amizade a todas as cousas, porque não há cousa mais conveniente à natureza para as cousas prósperas e contrárias. Onde diz o provérbio antigo do irmão que quem o não há, não tem pé nem mão, porque o bom amigo é irmão e parente. El-rei Dário tinha um amigo por nome Zopiro o qual por enganar os babilónios cortou a si mesmo os narizes e a cara. Por ele dizia Dário que queria antes prender um tal Zopiro que cem babilónios. E abrindo hũa romã de muitos grãos, perguntado de que queria tantos, disse que tantos Zopiros. Dionísio Tirano como tivesse presos a Damão e Pitias amigos singulares, destinou a um deles o dia da morte, os quais porfiaram entre si muito, porque cada um queria antes morrer que ver morrer o outro. Maravilhado, Dionísio não tão somente os soltou, mas ainda lhe rogava que o recolhessem em sua amizade. Egas Moniz, barão ínclito e português, em tanto amou a el-rei Dom Afonso Henriques, que ele criara, que para que não fosse súbdito a el-rei de Castela se lhe foi oferecer com a mulher e filhos que os matasse. A história é vulgar. Nicocles discípulo de Fócion, filósofo, tanto amor lhe teve, que vendo que não se podia escusar que Fócion não bebesse a peçonha, ele a quis primeiro beber e morreu. Conta Diodoro Siculo que os egípcios tinham tal costume e tanto amavam o seu Rei que se ele era debilitado de algum membro, eles por si se aleijavam doutro, crendo ser mal viver seu rei doente e não o serem todos seus amigos. Outros muitos desta sorte conta Valério e outros por onde se mostra quanto vale a amizade. Pois vindo a propósito deste meu fundamento, não há cousa onde mais se conserve a amizade que entre o marido e a mulher, porque se vê por experiência que por mais nojo que um

homem tenha, se conforta com sua mulher. E em as fadigas e infortúnios não há outro maior socorro que o da mulher: se o homem perde a fazenda, consola-se com sua mulher; se lhe morre o filho? Também se consola com ela; se adoecer, outro tanto. Acontece também muitas virtuosas porem por seus maridos a vida. Valério e outros escrevem grandes façanhas. Artemisia tanto amou seu marido Maufeolo que lhe fez a mais solene sepultura do mundo, que foi contada entre os nove grandes milagres, onde ela esteve bebendo a cinza dele até que morreu. Penélope, castíssima, quantos anos esperou seu marido Ulisses e quanta lealdade lhe teve, é muito sabido. Júlia, mulher de Pompeio, caiu morta quando viu umas vestiduras dele, cheias de sangue. Paulina, mulher de Séneca, com amor maravilhoso o quis acompanhar na morte, ao qual como o péssimo Nero desse escolha que morte queria, e ele se mandasse sangrar em banho para sentir menos a morte. Ela, contra vontade do marido, fez outro tanto e, estando já quase morta, Nero mandou que lhe tapassem as veias, e assim se fez, e não morreu. Mas como perdesse muito sangue, ficou sempre amarela, demonstrando final de tão casto amor. Phila, mulher de Demétrio, vendo seu marido privado do Reino, com peçonha se matou. A mulher de Ligario Romão, com nojo que teve de sua morte, nunca quis comer até que morreu. Outro tanto fez Cecília Barbadica Veneta pela morte de seu marido Felipo. Valeria Romã, ficando viúva moça e mui formosa, cometida de muitos, nunca quis casar, e dizia que ainda que seu marido fosse morto ela o tinha para si por vivo.

Em nossos tempos, não há muito que em Pérsia houve um varão chamado Pandoero, o qual tinha hũa formosíssima mulher que o muito amava, e como ele rebelasse contra el-rei e fosse morto em Guerra e ela cativa, foi entregue a um grande Senhor, o qual por amor nunca a pode mover, e como ela o sentisse que queria usar de força, com hũa espada se matou, e não teve menos bondade que Lucrécia cuja história é mais vulgar.

E porque não se alterem as senhoras, direi também dos maridos. Theffalo e Emílio Sabaritaões, andando a caça, foram espreitados de suas mulheres por ciúmes que tinham e, estando escondidas no monte, os cães as mataram o qual por eles visto se mataram por si. Um lavrador em Nápoles andava com sua mulher no monte a qual, chegando-se ao mar, foi tomada dos mouros e, levando-a no batel,

ele se lançou à água, chamando que o levassem, e foram levados a el-rei de Tunes, que os soltou vendo o caso.

Pois logo, por alcançar esta tão suave amizade, devem os homens de casar, porque tem o marido com quem seguramente comunique seus segredos, os quais deve comunicar com sua mulher, e tomar seu conselho, porque em muitas cousas acertam. Posto que alguns dizem que as cousas mui graves se não devem de fiar delas, como fez Sansão com Dalila, sua mulher, que lhe descobriu o segredo onde tinha sua força, e ela o disse aos palestinos, e o mataram por isso. A amizade é cousa excelente entre todas as cousas, e se não se sabe dar razão, como há tanta entre os maridos e mulheres. E isso só devia abrir os olhos dos mouros, os quais tem sete mulheres e mais, e repudiam-nas três vezes, segundo o seu Alcorão lhes concede, porque o amor verdadeiro não se pode partir, como quer que a mulher seja carne e osso do marido. E quis Deus que por ele deixasse o homem seu pai e sua mãe, e o direito presume que um sabe os segredos do outro que são obrigados guardar e não descobrir. E, por isso, não tem pena a mulher que encobre o marido homicida, ou ladrão, ou encartado, porque é obrigada a remir seu sangue e nenhum aborrece sua carne, posto que se lhe ajudasse a encobrir o furto também seria culpada por encobridora e consentidora.

Isso mesmo não pode ser participante um da excomunhão do outro, e hão-de comunicar sem embargo dela. E maiormente este amor convém aos Reis e Príncipes, e a toda nobre pessoa, e assim também aos baixos e plebeus, e um deve suportar a fortuna do outro, porque são um corpo. Pelo que quis o direito que esta tamanha amizade se não pudesse partir por nenhuma cousa, tirando por adultério, porque a mulher há-de seguir seu marido preso, degradado, banido, doente, leproso, ausente, e não se pode dele apartar. Muitas vezes fui perguntado de mulheres, cujos maridos havia sete e oito anos que eram ausentes, se puderam casar. Aconselhava que esperassem cem anos, porque tanto se presume viver um homem como se não sabe da sua morte, porque já se aconteceu alguns que mataram outros que acharam casados com suas mulheres. Outros vimos, também no Porto, tomarem-nas e darem os filhos a seus pais e ficar cada um com os seus, e isto quando o Imperador tomou Tunes que saíram de lá cativos. Grande vínculo, grande amor, grande amizade é esta que pelo matrimónio se faz e, por isso,

antigamente, quando se casavam, metiam um anel de ferro no dedo aos noivos que tinha um diamante, a denotar que assim como o diamante é tão forte que traz a si o ferro da pedra de cevar, assim o marido tira o amor de seu pai e o põe em sua mulher, e a redondura do anel significa amor infinito e em partes se usa este anel. Outros muitos modos havia antigamente de copular o matrimónio. O nosso costume de agora é consentimento e palavras que fazem o nó, que não se pode desatar, e amizade para sempre. A qual, sendo verdadeira, antes os bem casados não há outra no mundo maior. Desta dizia Salomão, bem-aventurado é o varão que tem boa mulher, o conto de seus anos é dobrado. A mulher forte deleita seu marido e compra seus anos em paz. Parte boa, é a mulher boa, e o que lança desta boa mulher, lança todo bem, e quem acha boa mulher acha todo bem, etc., porque de mil homens achei um, e de mil mulheres nenhuma. Assim que concluindo digo que por causa desta grande amizade que de necessidade se segue entre os casados é mui proveitoso e necessário o casamento.

### **Razão IX por ser o Casamento em favor da República.**

Sentença foi de Platão, e depois muito celebrada de Cícero, que o homem não nasceu para si só, mas para si, e para os amigos, e para a República. E para este derradeiro que é o nosso propósito, nasceu o homem, o qual é obrigado a ajudar e pugnar por sua terra, e os que o não faziam, eram havidos por traidores, e mandavam as leis que deles se não fizesse memória nem pranto, assim como agora fazemos aos que se matam por si desesperados. Diz o Túlio, no II da Retórica: nenhum perigo se deve temer, nem nenhuma inimizade, pela verdade, pela qual e pela terra, e pelos parentes e amigos, se há-de pôr o homem a todo perigo e trabalho. Valério e outros conta alguns que por sua Pátria se ofereceram à morte e eu brevemente direi alguns. Dois varões de Lacedemonia, por sua vontade, se foram a el-rei de Pérsia que os matasse, para que cessasse a peste na sua terra, porque tinham por resposta de Apolo que não cessaria de outra maneira. Porquanto por eles foram mortos dois legados de Pérsia, e como fosse el-rei espantado do amor seu e grandeza de coração, lhe perdoou, rogando lhe

quisessem viver com ele. Ao qual eles responderam: Oh Rei, como poderemos viver contigo contentes fora de nossa terra, parentes, e amigos, pelos quais viemos tão longo caminho oferecer-nos à morte. Curcio se lançou na cova vivo para que se cerrasse, e outro tanto fez Ancaro, filho de el-rei dos Lidos. A história é vulgar. O atrevimento de Scevola, todos o sabem, e como determinou morrer por matar a el-rei Proseno, porque tinha cercada Roma. Assim também, provou um mouro em tempo do duque Gotifredo, que dentro no exército dos cristãos matou a Conrado, filho do Marquês de Monteserrato. Quase o mesmo fez outro mouro de Granada que veio ao cerco para matar a el-rei Dom Fernando, e houvera de matar ao Senhor Dom Álvaro de Portugal, que naquele tempo andava em Castela. Estas cousas, e outras, fazem os bons cidadãos por sua terra e, por isso, convém haver casamentos para com a nossa geração ajudarmos a República em que vivemos, porque o matrimónio é fundamento da geração humana e sem ele não pode haver boa República. Do matrimónio nascem os bons cidadãos, porque os bastardos, às vezes, não são tão fiéis, e em direito são havidos por pessoas indignas e incapazes, e os venezianos os não admitem em seu conselho, em que sejam legitimados. O mesmo costume há em Milão, no Colégio dos Doutores. Cá em Espanha, mais levemente o passamos. Que muitos vêm a ser grandes Senhores. Antigos também muitos houve que foram Papas, Reis e grandes Senhores e excelentes varões.

E, começando nos Papas, digo que Graciano refere nove S. Dionísio, Bonifácio, Agapito I, Teodoro, Silvério, Deusdedit, Félix, Gelásio, Agapito II, todos estes precederam de pessoas eclesiásticas. Dos Imperadores direi somente Octaviano que se conta entre os melhores, do qual se não soube quem fora seu pai e, rogando ele ao poeta Virgílio que com seu grande saber lho adivinhasse, ele disse que lhe parecia filho dalgum moleiro, por quanto lhe acrescentava sempre a moradia em pão. Dos Reis, o primeiro da monarquia dos Romãos que foi Rómulo, espúrio foi, e lançado ao rio para que morresse, e sua mãe Tlia morta por justiça. Doutros menores senhores, barões, filósofos, letrados, antigos e modernos, é o mundo cheio. O nosso Bartulo, insigne barão em leis, espúrio foi, e dizia que quando lhe lembrava Frei Pedro que o criara, que chorava do coração. João André, pai dos canonistas, espúrio foi. Não se nega, contudo, ser falta, e o nome o

demonstra, porque espúrio quer dizer sem pureza e, por isso, é necessário o casamento para haver na cidade legítimos e não espúrios.

### **Razão X pelo Matrimónio por causa da ajuda da mulher ao marido.**

Em todo ofício e exercício é necessária ao homem ajuda doutro. E assim, Deus ordenou que todas as cousas, e os homens principalmente, para que se ajudassem uns a outros, porque nenhum por si pode tanto que escuse a ajuda alheia, e nenhuma outra é mais própria a o homem que a ajuda da mulher, porque para se bem governar e preparar hũa casa é necessária, para olhar e prover cousas miúdas e outras que o marido não pode.

E onde não há mulher, ali geme o enfermo, porque quando o homem é doente, uns entram por diante e outros por detrás nas casas, onde há postigos que ninguém devia de ter, porque destroem a casa. Maiormente, desde que o homem é velho que não pode olhar por sua casa, porque logo os criados tiram cada um para si e, por isso, presume o Direito quando fogem que furtaram o que se acha menos em casa. E havendo em casa mulher é remédio para tudo. A razão é que assim como para boa governança de hũa cidade há mester muitas cousas, assim como juízes, cavaleiros, nobres, mecânicos, mercadores e letrados, como diz o filósofo nas políticas, assim para se governar hũa casa há mister homem, mulher, criados, bestas e outras cousas. Hesiodo diz que a casa consistia em homem e mulher e boi de arado. E, por isso, dizia Marcelo numa oração: se nós pudéramos fazer vida sem mulher, de boamente careceríamos desta tristeza, mas pois a natureza ordenou que nem com elas, nem sem elas, se viva proveitosamente, havemos de aconselhar à perpétua saúde e não à breve glória. Assim, que em todo caso necessária, é a ajuda da mulher ao homem, e mostrasse por que quando Deus fez nosso primeiro padre Adão disse: Não é bom que o homem seja só, façamos-lhe adjutório semelhante a ele. Justo é que a mulher ajude o marido, como também ele a ajuda, porque o uso e razão repartiu o ofício a cada um.

Convém ao marido negociar, tratar, ganhar, defender, demandar, e fazer outras cousas que são necessárias para manter sua casa, e à mulher convém

guardar tudo e mandar concertar sua casa, ter o comer e a mesa prestes a seu marido. E ainda dizem os teólogos que lhe há-de lavar os pés e a cabeça, mas isto entende-se de amor mas não de necessidade, quando em casa há quem o faça, que não o havendo, não é inconveniente suportar um as cargas do outro como diz o Apóstolo. Assim mesmo, convém muito a mulher ter (como dizem) boa chave e ainda nas cousas mui miúdas e despende quando for tempo, porque como diz Ovídio: não é menos virtude guardar o ganhado que ganhá-lo, e a chave que se há-de ter, não é para que a mulher tolha aos seus o mantimento, mas para que o guarde, que o não furem nem destruam, porque o que se come com ordem e abastança em casa, nunca desbarata a fazenda, senão o que se gasta fora.

Isso mesmo, também ao homem convém não ser desperdiçado, nem desbaratado, mas despende em abastança, com temperança. Como se conta de Cosme Medicis que mandava guardar os cabos das candeias que ficavam em sua casa, e não tinha hũa mula, e emprestava a el-rei de França grande suma de ouro. E nisto há-de haver tanta advertência que um não se impeça no ofício do outro, nem um faça mingua para o ofício do outro, porque quando um entende nas cousas do outro, logo lhe podem dizer aquilo que Plinio repreendia a Sabato, seu amigo, dizendo que vivia a lei de Acaia, a qual era que o marido fazia as cousas de casa e a mulher as de fora, que não pode entre casados haver cousa mais vergonhosa. O marido há-de ter jurisdição no que a ele toca, e assim a mulher no que toca a ela, porque se cada vez se encontrar um com o outro, nunca viverão em paz. Assim que em conclusão digo, que por causa da grande ajuda que faz a mulher a seu marido, é justo o casamento.

### **Razão XI por parte do Casamento.**

#### **Por respeito da Polícia.**

A vida política e perfeita consiste em um de dois estados: casar ou entrar em religião, e o que não tem hũa vida destas, é visto viver sem ordem. E portanto, Platão se doía muito, porque vivera sem se casar, que era vida estéril, e pois todos não podemos entrar em religião e no casamento, há muita honestidade e é justo.

Melhor é casar que arder, como diz São Paulo, e posto que entre alguns doutores, teólogos e canonistas houve dúvida se era melhor a vida do casado, que é a activa, se a do religioso, que é a contemplativa, e alguns diferem ser melhor a vida do casado que é a activa. A verdade, é o estado da religião ser estado de mais excelência e perfeição, porque a razão com os doutores nos prova que a castidade conjugal é de menor perfeição que a virtual e virginal, em cujas duas casas entram os religiosos, e posto que estado em si da religião seja mais perfeito o casado em seu estado e vida activa, posto que não seja de tanta perfeição, pode obrar obras de tanto merecimento que se igualem ao religioso em seu estado e excedê-lo, posto que seja o estado em si de mais perfeição, porque o estado de casado não lhe taxa seu merecer, nem os constrange a pecar, nem menos o estado da religião lhe tira a liberdade de pouco merecer ou de muito errar ou pecar, porque se agora olhamos a vida de muitos, quantas cobiças, invejas e arrogâncias há entre eles, traz aos leigos muito escândalo e lhes da matéria de os repreender. Assim que digo que a ordem do casado é vida política e santa, em que muitos santamente viveram e santamente morreram, e posto que mais seguro seja o estado da religião, o do casado é vida política a qual, o que a religião não quer, deve tomar e seguir e não viver solteiro e sem ordem que é vida sem policia e estéril e, por isso, é proveitoso o casamento.

### **Razão XII e final pelo Casamento por se evitar o pecado.**

A final razão e fundamento evidente e urgente, neste caso, é por causa de evitar o pecado. Sabido é que toda fornicção, posto que seja simples, é pecado mortal, e é proibido em um dos dez preceitos decalogais, assim no testamento velho como no novo. E para evitar este pecado, introduz Deus o casamento, fazendo do vício santa virtude. São Paulo diz assim: se algum não se quer casar, não o devemos culpar por isso, mas se não quer casar, nem viver castamente, isto deve emendar, porque o direito divino defende a manceba por evitar o pecado. E pode o juiz eclesiástico proceder contra os concubinários casados, e contra suas mancebas, por razão do pecado. E de não ser casado o homem, se seguem muitos inconvenientes. O primeiro que o tomam, às vezes, com hũa que se diz ser mui

honesta, e fazem-no casar contra sua vontade, porque depois é muito mau de provar o medo.

O segundo, se segue que andam os homens após as filhas alheias, e algumas vezes, se aceita de corromper algũa, é obrigado a dotá-la ou casar com ela, e não sendo em consciência obrigado, às vezes lho fazem fazer por justiça. O terceiro, também de não ser casado, o homem se segue esta perdida pertinácia dos amores que reinam nos solteiros, e fazem-se moços perdidos e doidos que não sabem parte de si, porque o amor procede de ociosidade, e de não ter o solteiro cargo de outra cousa, e é um exercício que eles tem por bom e que com isso se fazem avisados, e dá-se em eles melhor que nos casados, porque os amores do casado com outra mulher são mui ridículos e elas zombam e riem deles mui bem, porque os não olham senão por amor das bolsas, e trazem em seu provérbio que o amor do moço é água em cesto, amor de clérigo, jogo sem burla, amor do casado é amor escusado, e nisto derradeiro dizem muito grande verdade. Pois o homem solteiro que perigos passa de noite, e de dia, quando anda namorado, em que, por isso, vem a cometer perigos: mortes, furtos, raptos e outras muitas cousas. Quantas fábulas, quantas mentiras diz e manda dizer, quantos afagos, quantos oferecimentos. E o pior é que as coitadas donzelas o crêem muitas vezes, e lhe tomam palavras de lhe não fazerem mal, e não lha cumprem. Assim como um que jurou a hũa de lhe não tocar da cinta para baixo e depois atou-lha nos pés. A lei antiga das Doze Tábuas mandava que se o homem houvesse algũa mulher por engano, morresse por isso, e se fosse por força que então lhe pagasse somente o casamento, de maneira que estimava mais o engano que a força. Mas por qualquer maneira que se conheça a mulher alheia é muito mau por que se é virgem, rouba-se-lhe um grande dom que lhe deu a natureza, se é solteira é pecado e a mulher vive torpemente, se é casada comete grande erro e crueldade de maneira que, por isso, necessário é ao homem casar, porque pela maior parte os homens não querem viver sem este vício, onde dizem que o mancebo casto é mártir sem derramar sangue, porque é grande sofrimento a continência no homem mancebo, a qual segundo a Escritura de só Deus pode ser ao homem dada. Assim que por se evitar pecado é justo e proveitoso, e necessário ao homem, haver-se de casar.

Outros muitos e mui grandes fundamentos e autoridades poderá alegar, por esta parte, que é muito mais verdadeira, mais aprovada e mais comum. Convém a saber ser mais proveitoso casar que não casar e melhor que tudo a religião.

Mas ao propósito, concluindo digo que a mulher não se deve temer, nem a recear por ser cousa tão necessária, tão proveitosa e tão comum. E esta minha opinião tiveram e têm doutores, teólogos, canonistas e legistas que nenhuns discrepam. E os que vós Senhor alegais, não cuido que o contradizem mas dirão, como eu também digo, e é claro ser melhor a religião. Mas que seja melhor casar que não casar, não é cousa verosímil nem que se possa sustentar, porque no princípio, e no meio, e no fim do matrimónio, sempre é proveitoso e aprazível, considerado o que dito tenho, e muito mais que deixo de dizer. Maiormente, os muitos e compridos privilégios que as leis e direitos concedem em favor do matrimónio, dos quais o nosso Baldo Novelo, por mandado do Papa Xisto IV, recompilou grande suma e outros muitos, e portanto concluiu que é conveniente e proveitoso ao homem, casar antes que viver solteiro, que é vida perigosa e sem fruto.

**Acaba-se a Segunda Parte.**

### **TERCEIRA PARTE**

Em a qual o Autor particularmente responde aos doze fundamentos alegados contra o Matrimónio, e reprová e destrui todos os ditos fundamentos e razões dadas contra ele e contra as mulheres, e amostra de quanta perfeição e excelência sejam e tratam-se mais muitas cousas mui proveitosas aos casados.

#### **Resposta e reprovação contra o primeiro Fundamento das Cargas do Matrimónio.**

E por quanto me não satisfaço de todo com as razões que tenho dadas, e também porque como diz o filósofo no quatro dos físicos, qualquer coisa se demonstra melhor não somente quando se declara por seus acidentes, mas quando se tiram seus contrários, e no sétimo das Éticas diz que não abasta dizer a verdade se se não declara a razão dela. Portanto, particularmente, responderei a cada razão e será pela maneira seguinte:

Primeiramente, não empece o primeiro fundamento em se dizer que é grande a carga do matrimónio, porque ainda que seja assim, não é para que, por isso, o homem se deixe de casar, porque nos havemos de propor a alma a todas as cousas do mundo, porque como se diz no Evangelho: que aproveita ao homem ganhar todo o mundo e a sua alma padecer detrimento. De modo que se agora vos quisesse conceder que com menos trabalho vive o homem sem mulher que com ela, não se pode negar que não viva com mais cargo de consciência, porque deseja as alheias e usa delas, que é pecado mortal e contra os preceitos da Lei, e para evitar este pecado justo é que nos tomemos este encargo. Quanto mais que o contentamento que têm os bem casados vence todas as riquezas do mundo, porque a pobreza se vem alegre é coisa mui rica, e não há nenhum que seja rico segundo sua vontade, porque as riquezas quanto mais se ajuntam tanto mais se desejam. E se quisermos viver segundo natureza, nunca seremos pobres e querendo viver

segundo vontade, nunca seremos ricos, como diz Sêneca, e a natureza nossa, como o filósofo diz, se contenta com cousas mui poucas. E vulgarmente dizemos que todo rico ou é mau, ou herdeiro de mau e, por isso, muitos Doutores Santos escrevem contra as riquezas, e as desprezam, e dizem que é dificultoso entrar o rico no reino dos céus. Os rústicos dizem que quem teme sua consciência, nunca é rico e quem teme seu corpo, nunca é ousado, porque pela maior parte as muitas riquezas se ajuntam por pessoas avarentas e de pouca liberalidade. Os pobres, em direito, têm maiores prerrogativas e privilégios, posto que Ângelo de Aretio dizia que de tais privilégios o livrasse Deus. E como Sêneca diz: onde há muitas riquezas há muitos que as comem e destroem e muitos fazem gastos mui desconformes à sua renda, porque sucede neste tempo há vaidade tanta nos gastos, como diz Erasmo na *Moria*, que há muitos que em casa morrem de fome e por fora gozam-se de parecerem ricos e, às vezes, não têm que comer e vestem-se esplendidamente.

Item os ricos, sempre temem e cuidam e sonham com o dinheiro, onde sempre tem colocado seu coração. Como diz o Evangelho e conta Francisco Petrarca, em um diálogo do filho do fidalgo que foi a Roma e deixou as arcas cheias de haver em poder de seu pai, o qual porque era comprido e magnífico lhas abriu, e esvaziou, e gastou todas antes que o filho viesse, e encheu-lhe as Arcas de terra; e ele quando veio que viu seus irmãos lustrosos, e casa do pai mais luzida, deu-lhe no coração o que era, e foi rijamente às arcas e, achando-as pesadas e fechadas descansou, e não curou mais de olhar. Dai a quinze dias, abriu suas arcas e, achando-as vazias do dinheiro e haver, chorou mui amargosamente. Ao qual, como seu pai visse assim, lhe perguntou por que chorava, e ele lhe amostrava as arcas como estavam cheias de terra, ao qual o pai respondeu que as tornasse a cerrar, que tanto lhe aproveitavam cheias para ele as arcas de terra como de ouro, pois ele o não havia de gastar e as arcas estavam cheias. Salomão rogava a Deus que não lhe desse riquezas nem pobreza, senão o que boamente para seu viver lhe fosse necessário. Item as riquezas não valem nada se não são comunicadas, e aos pais por amor dos filhos parece justo ajuntá-las e guardá-las, mas não ao que não é casado nem tem filhos. E ainda para eles, diziam alguns, que se não havia de tesarizar, porque se eles são bons eles o ganham e não hão mister nada, e se são

maus eles perdem e destroem tudo. Por que a mulher de Sócrates, quando estavam para o matar, lhe rogava que deixasse seus filhos encomendados a algũa pessoa, o qual lhe respondeu que a ninguém os encomendava porque se fossem semelháveis a ele não haviam mister ninguém, e se o não fossem não queria que se chamassem seus filhos. E, olhando-se mui bem tudo, nas outras profissões e ordens há tamanhos perigos e trabalhos como no matrimónio, e em toda parte há um pequeno de mau caminho. E ainda no matrimónio há menos trabalho, maiormente depois do costume que se converte em natureza e, por isso, facilmente se suporta. E como quer que o homem nascesse da mulher para os trabalhos, não pode fugir às misérias deste mundo como quer que ele viva. Dizem os Poetas que com trabalho nos vendem os deuses seus bens, e Deus disse a Adão que com suor de seu rosto comeria seu pão. E ao bom homem e diligente, a ociosidade lhe faz fastio e enfadamento, como vemos por experiência, e Séneca numa carta dizia que o ócio sem letras era morte. Como dizemos do bom estudante, que nunca lhe vaga tempo para estudar, que até na mesa e na cama não pode estar sem o livro, e o mau nunca acha tempo, e guarda, e espera pelos dias santos ainda não chegam. Bartulo dizia que nunca era bem são, senão quando estudava, e Azom nas férias era sempre enfermo e, portanto, melhor é trabalhar que estar torpe, porque o ferro em que não trabalhe contudo a ferrugem o consome. Os homens que não trabalham, como diz Salustio, são como as bestas do campo que passam seu tempo sem nenhum fruto, e David diz que comeremos os trabalhos de nossas mãos. Afirmaram-me que o grande turco Bajazeto, avô de Solimano, que agora é, lavrava por sua mão fio do ouro e fazia hortaliça, dizendo que todo homem havia tanto de trabalhar, quanto lhe abastasse para seu sustento. Assim que em conclusão digo, que ainda que alguns bradem contra as cargas do matrimónio, acontece-lhe como aos que criam as maçãs que nascem mui amargosas e depois são mui saborosas. E assim como a raposa que havia medo do vulto do leão e depois achou-o mui brando, porque depois há tanto bem, tanta glória, tanto descarrego e tanto proveito no casamento, que excedem e sobejam e pesam mais que as cargas que lhe achamos. E havido bom respeito e considerando o bem, é muito maior descanso, e portanto é justo que quem tem a rosa que a tenha com as suas espinhas. E o que for descarregado de hũa cousa, não é muito carregar-se em outra. E quem sente o proveito há-de sentir o dano, e quem se souber concertar

não há cousa mais leve de sofrer. E o que se faz por vontade é mui leve de acabar, e o que se faz contra vontade em que mui fácil seja não há cousa mais difícil, como diz Terêncio. E não sei como se possa dizer que haja maiores cargas no matrimónio que sem ele, porque se o homem é mui rico, ou grande Senhor, recebe mui pouca pena em ser casado e ter mulher própria, pois não pode escusar a alheia para casa e família nas cousas miúdas, e de ventura vive sem manceba, que o faz infame e lhe destrui a fazenda. E se o homem é de menor estado, também é menos fadiga, porque a mulher supre metade de seus trabalhos e aquilo que ele havia de gastar em dobro com mordomos e outras pessoas, despense singelo com sua mulher, porque ela tem ofício de despenseiro, ofício de tesoureiro, ofício de guardar a casa, ofício de criar os filhos, ofício de mandar fazer as cousas miúdas, e outras para as quais o homem há mister muitas pessoas a que bem o pague.

Item a mulher ajuda o marido como filho, como companheiro e como amigo, em todos seus trabalhos. Eu conheci hũa que tirou seu marido de poder da justiça. Contam as histórias que quando o Turco tomou a Cidade de Belgrado em Hungria, que foram achadas armadas muitas mulheres mortas, que então ajudavam seus maridos pelejando. O mesmo conta Paulo Jovio que aconteceu pouco há em Ásia, em outra Batalha que venceu o Turco contra o Sophi Ismael, assim que as cargas não são tais para se deixar nem temer o casamento.

**Resposta ao Segundo fundamento da morte  
dos Filhos. Trata-se aqui da Paciência  
e de que maneira devemos sentir sua morte.**

E quanto ao segundo Fundamento que se alega contra o Casamento, pela morte dos filhos, digo que é mui fraco fundamento, porque posto que a morte dos filhos dê a seus pais muita pena e dor, contudo não morrem por isso, e o tempo cura tudo. E como Túlio diz: não há dor que o tempo não diminua e abrande. Se a dor que tem o pai da morte dos filhos durasse sempre, cousa forte seria. Mas nós cristãos, pois sabemos que, levando-os Deus pequenos e baptizados, vão ao paraíso, não nos havemos de entristecer, que o Evangelho diz que os deixemos ir

que para eles é o reino dos Céus. São Paulo diz que disso nos não entristecemos, pois esperamos a sua ressurreição com a nossa, a qual não esperavam os gentios que faziam aqueles prantos mui solenes. Cipriano diz que chorar os defuntos procede de fraqueza de coração, pois sua morte para nossa é comparada aqueles que navegam, que chegam uns mais tarde que os outros, e todos chegam e, por isso, ordenou a Igreja que os enterramentos se façam com cantares de Salmos, a denotar que nos tira Deus da miséria deste mundo e que lhe devemos dar por isso graças. Não se pode negar todavia algũa dor que causa a humana fraqueza, mas não há-de ser tal que nos traga em desesperação e tentação dos juízos de Deus. O pranto se deve fazer pelas pessoas insignes os nove dias do direito, porque assim choraram os filhos de Israel a Moisés, quarenta dias, e a Jacob, setenta. E os discípulos Santos choraram a Santo Estêvão e fizeram sobre ele grande pranto. Nós costumamos nove dias que bem abastam e as Leis os concedem. Mas os filhos, quando nos falecem, devemos dar graças ao Senhor Deus e pôr diante a Job, ao qual faleceram seus filhos e ele dizia: que pois Deus lhos dera e lhos levava, que fosse seu nome bento. Não havemos de repreender os juízos de Deus mas deixar tudo a ele que rege e manda bem segundo sua providência. E havemos de cuidar que não havíamos de gerar cousa imortal, como disse Anaxágoras, do qual e dalguns que direi devemos tomar exemplo. Xenofonte, estando no Templo fazendo sacrifício, lhe veio nova que o maior de seus fora morto na Guerra, mas ele nenhuma mudança fez, somente pôs a coroa e perguntou como fora, e como dissessem que pelejara fortemente, tornou a coroa à cabeça e acabou seu auto. Péricles, príncipe de Atenas, sendo mortos em quatro dias dois singulares filhos, outro tanto fez. E assim também fez Horácio Puluilo. Quinto Márcio, no próprio dia que lhe faleceu seu único filho, acabadas as exéquias se foi ao Senado, porque era cônsul. Marco Bibulo, colega de César no consulado, como fosse descontente de César e, por isso, em todo ano nunca fosse ao Senado; contudo no dia que lhe deram nova da morte de seus filhos, foi ao Senado usar do seu ofício. Marco Aurélio, falecendo-lhe um filho mui bom e ficando-lhe Comodo mui mau, ele mandou que não cessassem umas festas que se faziam então e que não chorassem mais que cinco dias. Tibério, Imperador, no dia que fez as exéquias de Drusio Germânico, seu único filho, se foi ao Senado fazer o que à República pertencia. Lambas, capitão dos Genoveses contra os Venezianos, estando em Armada no

mar Adriático lhe mataram um filho, mas ele foi avante e a seu filho mandou lançar no mar, e disse que não podia haver melhor sepultura que onde morrera por sua terra. S. Filicita, cidadã de Roma, excedeu todos a qual perante si viu matar cinco filhos pela Santa Fé Católica, e ela os esforçava no tormento. Dion Siracusano, estando em prática com seus amigos, ouviu rumor, porque caíra um seu filho da janela, e ele chegou e mandou que o sepultassem e tornou à prática. Autores são do sobredito Valério Máximo e Baptista Fulgoso. Não é para deixar de dizer a fortaleza e paciência que mostraram os Católicos Reis de Castela, Dom Fernando e Dona Isabel, os quais tendo um só filho em que estava a sucessão de tantos Senhorios e Reinos, e vindo-lhe nova de sua morte, ao tempo que el-rei Dom Manuel, que haja glória, chegou a Valença de Alcântara a receber por mulher a Rainha Princesa, dissimularam tamanho nojo três ou quatro dias, de tal maneira que se lhe não enxergou, e fingiram um coração qual convinha para tal negócio que se foi fazer com todo modo de prazer e contentamento. Outros muitos exemplos desta qualidade, antigos e modernos, poderá dizer, estes podem abastar a qualquer bom e arrazoado juízo. Quando isto nos acontecer que quase escusar-se não pode discorramos por nossos parentes, amigos, vizinhos, presentes e passados, e acharemos outro tanto em cada um deles, e ainda pior, e então, solaz é ao mesquinho ter companheiros iguais na pena. Conta Valério Máximo que um mancebo se queixou muito a Sócrates dizendo-lhe como era desventurado e triste. Foi Sócrates e levou-o numa Torre muito alta e dela lhe começou a mostrar todas as casas da cidade e em cada hũa apontava as desventuras dela, e quantos em ela morreram, e achou que ele era menos atribulado que os outros.

Item dizia que se se ordenasse que todos juntassem seus males em um monte e que se repartisse o monte igualmente, que antes cada um se sairia com o seu que pôs, que não tomar igualmente do monte com os outros. De maneira que sem isso senão pode viver, porque o que não tem filhos, tem pais, parentes e amigos que lhe podem morrer, e quando isto nos aconteça devemos crer que Deus nos prova ou toca para que nos emendemos de nossos pecados e, por isso, o havemos de haver em paciência para que nos não aconteça pior. E que seja grande dor ver a morte aos filho, qual é de tão fraco ânimo que para se livrar desta dor deixe de casar, certo nenhum maiormente que o que não teve filhos e nunca casou,

não pode saber como dói a morte dos filhos. E se morrem uns ficam outros, e também se são filhas a muitos não lhes pesa tanto quando morrem que mais não lhes pese quando nascem, e acontecendo que morram todos os filhos a um pai tem, por isso, alguns privilégios em Direito e os pode fazer adoptivos, posto que dirão alguns que será esta maior dor. Mas contudo, não tal para que se tema o casamento, porque seria como se conta do outro que tinha o cutelo no cume da porta e chorava pelo que havia de nascer e cortar-se com ele. Não devemos tanto pesar a morte dos filhos como Tales, pois nasceram para cousa tão certa como é a morte, e louvar a Deus, contudo, tomando exemplo de Abraão que um só filho que tinha quisera sacrificar a Deus por ser obediente, e então por mandado de Deus, o Anjo lhe teve a mão. Assim que digo que devemos sofrer a morte dos filhos com paciência para que Deus com sua graça nos socorra. E, por isso, tal medo ou receio não é tal que impeça o casamento.

**Resposta e Reprovação do Terceiro Fundamento  
da Servidão. Trata-se aqui dos Ciúmes e como  
sempre o casamento é Franco e de toda Liberdade.**

Isso mesmo não releva o terceiro fundamento em se dizer que é o Matrimónio espécie de servidão, porque digo que em sua casa cada um é Rei. Como disse um lavrador a el-rei de Inglaterra, o qual entrou em sua casa desconhecido, e el-rei rogava-se com ele ao beber, e então o vilão lhe deu hũa grande bofetada, fazendo que o não conhecia e disse que cada um era Rei em sua casa que fizesse o que lhe mandava. E portanto digo que não é servidão à do matrimónio mas é liberdade, pois servimos com ele a Deus e não há maior glória da que se alcança servindo a Deus. Nosso Salvador dizia à Samaritana que quem bebesse da sua água nunca haveria sede. E não é servidão mas liberdade servir à razão. E não há mulher tão desarrazoada que se não concerte com a boa razão de seu marido, porque o al há lugar quando ambos são desarrazoados, porque não podem entre si viver concordes se ele é rijo e ela brava, porque hão-de temperar ambos a relevar um a paixão do outro, e então tal servidão é doce, porque se o marido ama sua mulher, não cuida que lhe faz serviço, mas com isso recebe

glória. Temos exemplo de Jacob que serviu sete anos a seu sogro Labão por amor de Raquel, e acabados os sete anos, Labão lhe lançou de noite a Lia, que era feia e leprosa, e vendo-se Jacob enganado, queixando-se tornou a concertar com ele que o serviria outros sete anos pela mesma Raquel. E assim o fez, e cumpriu catorze, que os não sentiu pelo grande amor que lhe tinha. Assim que não é servidão a que tem a mulher sobre o marido, antes em todo, ele o tem sobre ela e, por isso, perguntam os Doutores Juristas se o Cavaleiro e Doutor chamara suas mulheres Senhoras, e dizem que não. Mas segundo bom costume de Espanha e Portugal todo homem honrado chama à sua mulher Senhora quando com ela fala, mas não quando dela fala com outrem. O uso popular estendeu isto mais baixo assim como faz ao beijar das mãos. A mulher, em todo caso, deve chamar a seu marido Senhor que assim chamava Sara a Abraão. E antigamente se usava assim, como parece por muitas Leis dos Digestos. Diz São Inácio que as mulheres hão muito de honrar seus maridos no falar e em tudo. E se às vezes a mulher com sanha não quiser catar a honra devida a seu marido, os prudentes o devem corrigir e sofrer com descrição, porque havemos de honrar para que não nos desonrem como diz o provérbio. E com muita mais razão podemos dizer que o marido tem servidão em sua mulher, porque lhe usa de toda sua substância, honra, e fazenda, e lhe obedece em tudo. Portanto as mulheres trazem sua cabeça coberta, a devotar que são súbditas a seus maridos. Em Veneza, quando vão pela rua, cobrem todo rosto, em algumas partes cobrem meia cabeça, em outras usam sombreiro. Cá entre nós, têm outro uso que todas andam com o rosto descoberto. As solteiras podem andar sem grande touca, porque não têm maridos nem são sujeitas, e nenhuma deve cortar seus cabelos por sinal que se hão-de cobrir com eles, e a elas muito convém porque são grande parte de sua formosura. E homens há que disso muito se contentam, como foi Nero dos cabelos de Pompeiana que lhos contava e a cada um punha um nome e fazia um verso heróico. As Freiras hão-de cortar seus cabelos, porque são religiosas e as que o fizerem por sua saúde. E já houve tal necessidade que mulheres romanas fizeram deles cordas com que ajudaram seus maridos. São as mulheres tão súbditas a eles que sem sua vontade não fazem de si nenhuma mudança e se o marido não quer, não pode a mulher fazer voto de dormir na cama com camisa. Salvo se for doente, segundo dizem os Doutores. E não é servidão não dever o marido andar com outra antes hũa virtude a que ele é

obrigado por amor de Deus, e de si, e dela, porque não o fazendo, pode ela queixar-se com causa, porque em tal caso as mais castas têm disso mais áspera dor. E antigamente, por isso, se permitia o repúdio que somente de o sonharem e suspeitarem lhe vem grandes acidentes que não tem nenhuma paciência. E louvo os queixumes das que têm para isso alguma evidente causa, mas há muitas a que dos ventos vem a suspeita, e quando o marido for culpado o não deve culpar sua mulher se se queixar e fizer quaisquer fortes extremos, porque elas não tem nisso paciência, e não há cousa que pior suportem. E buscam para isso todo modo de vingança para que o marido não gaste a fazenda que na verdade grande indício é para isso. E, às vezes, procedem de tal maneira que cometem cousas terríveis como vereis por estes exemplos. Helena, aquela mui nomeada desde que veio de Tróia que por ela se destruiu, sendo falecido seu marido Menelao, esta fugindo dos filhos de Oreste, veio ter a Rodes onde foi agasalhada de Polizo, mulher de el-rei Tepolemo, e como quer que ela ainda fosse formosa e sempre haja briga entre a formosura e a castidade, parece que houve entre ela e el-rei alguns amores, os quais como entendesse Polizo, a enforcou por suas mãos numa árvore, e este foi o fim de tão formosa e tão famosa mulher. Laodice, mulher de Antiocho, rei de Síria, matou com peçonha Beronice, irmã de Tolomeu, porque Antiocho a amava e tinha dela um filho que ela também matou. Braciano conta no decreto que hũa mulher com ciúmes de hũa sua criada a matou com açoutes. Túlio II, dos Ofícios diz que Alexandre Phereo foi morto por sua mulher, por ciúmes que tinha dele. O mesmo conta Justino que fez Arfinnoe a seu marido Demétrio, porque andava com sua sogra Beronica. Alguns dizem que António, vero Imperador, foi morto por azo de sua mulher Lucília, porque ele amava a sábia. Apuleio conta também que hũa mulher de um lavrador tinha dele tais ciúmes que com raiva lhe queimou um celeiro onde tinha toda sua fazenda, e não contente disso, enforcou um filho que tinham e depois se lançou em um poço. Spinga mulher de Cadmo por ciúmes de Armonia se apartou dele e lhe fez guerra cruel. Dirsia como quer que suspeitasse que seu marido Lico amava a Antiope, mandou-a tomar e atar aos cornos de um touro e pôr fogo debaixo para que a despedaçasse em um monte. Medea matou seus próprios filhos que tinha de Jasom, porque ele a deixara por amor de Hisiphile. Prognés também por ciúmes de Filomena matou seu próprio filho e o deu a comer a seu marido, segundo dizem os Poetas. Eu vi presa hũa por

escaldar outra com tições por ciúmes. Deutera Rainha de França matou sua filha doutro marido por ciúmes de el-rei Teodoberto. E outras cousas desta qualidade, é certo que cada dia pelo mundo acontecem. Séneca diz que nenhuma força de fogo, nem de ventos, nem de armas, é tanto para temer como a mulher que se sente de ciúme, porque o monte Etna, que sempre está ardendo em fogo, não é tão forte nem mais espantoso. E fazendo disso menção, Ovídio, no II da Arte, diz que não é tanto para temer o porco-montês quando está cercado de cães e os lança de um cabo para outro, nem a leoa quando dá de comer aos filhos, nem a víbora quando está para morder, como a mulher que se sente da amiga do marido e Salomão diz ser dor sobre todas as dores.

Assim que por estes exemplos o marido pode considerar a pena que terá sua virtuosa mulher se o vir com outra envolto. E, por isso, os maridos devem escusar e guardar-se de cometer tal erro contra suas mulheres, porque não há cousa que lhe dê maior nojo, e que pior suportem, e tem muita causa, e não se pode isto chamar servidão nem sujeição, mas grande virtude, pela qual os homens honrados e discretos devem às suas mulheres mais.

Algumas houve que, mansamente, dissimularam isto e o sofreram a seus maridos. Assim como Júlia, mulher de César Augusto, da qual dizem que lhe deixava levar a cama moças pequenas de que ele era mui amigo, o que porventura seria para o contentar por ser Imperador.

Emília Tercia mulher de Cipiom Africano dissimulou com ele muito tempo que andava com hũa criada sua e, depois de ele morto, a surrou e casou honradamente.

No Génesis temos como Sara, mulher de Abraão, quando se viu velha de cem anos e que não tinha filhos, disse a seu marido que tomasse Agar sua criada e que com ela fizesse geração. Abraão fê-lo assim, e dele concebeu Agar, e como se visse prenha começou de se alterar contra sua Senhora, porque era maninha, a qual o não pode sofrer e não lhe fez mal nenhum, mas disse-o a seu marido, e ele lhe deu licença que a tratasse como quisesse, e então Sara dava má vida a Agar, a qual com isso lhe fugiu e topou com Abraão, e como lhe contasse o caso, ele a fez tornar, e disse que lhe obedecesse como soía, e ela fê-lo assim, e durou algum

tempo, e Agar veio parir Ismael com que Abraão muito folgava. Depois, por graça de Deus, veio a parir Sara Isaac e quando o menino cresceu brincava com Ismael, e Sara tornou a haver desprazer, e rogou a Abram que lho lançasse fora com sua mãe. Abraão, por não ver esta discórdia, deu-lhe água e pão que levasse e que se fosse com Ismael, e ela fê-lo assim e indo-se lhe faltou a água no caminho e ela deixava o filho para que o não visse morrer de sede, e então lhe apareceu o anjo e lhe amostrou a água, etc. Esta história está mais larga no texto e tem maiores mistérios. Conte a história de Sara, tão antiga e tão verdadeira, pois eu conheci outra que não foi Sara mas mulher deste tempo, a qual tinha marido de que não havia filhos e tinham hũa criada que criaram de pequena, que jazia sempre com eles na cama e havia filhos do amo, e a ama os criava como se foram seus com muito amor. Acertou de querelar deles um meirinho por Barregueiros e a ama encobriu a moça que a não prenderam. Perguntada como o podia comportar disse com amor do marido e por lhe ver filhos.

O mesmo fez Stratonica, mulher de el-rei Deiotauro, do qual ela nunca pode haver filhos e rogava-lhe que os houvesse por onde pudesse, e como quer que ele não curasse disso, ela mesma lhe deu hũa donzela muito formosa em que os houve.

Também Raquel, mulher de Jacob, vendo que não podia dele haver filhos, lhe rogou que os houvesse de sua criada Ballam e ele assim o fez.

Outro tanto fez outra sua mulher, Lia, que como fosse já velha e não parisse posto que já parira quatro vezes lhe rogou que houvesse mais filhos de outra criada e assim o fez. Estes próximos dois exemplos estão mais largamente no Génesis e significam maiores mistérios que não são deste propósito.

Agora eu seguro que com dificuldade se ache nenhuma, por mais velha e maninha que seja, que o consinta, quanto mais que o rogue, nem eu o teria a bem como quer que seja pecado que obriga os feitores, aconselhadores e encobridores, nem tão pouco obrigo a mulher a que se não queixe do marido culpado com temperança honesta, não sendo ele mui desonesto. Verdade é que quando o marido já fosse mui dissoluto e começasse de querer perder a vergonha à sua mulher e ela lho começasse a entender, parece-me que seria melhor usar com ele

de algũa boa cautela e afagos antes que de brigas, porque os homens obstinados em tal vício se perdem à sua mulher a vergonha fazem-se incuráveis, e aproveita então mais a boa palavra e o amor que não as brigas. Conta Erasmo em um colóquio que um cavaleiro honrado tinha hũa virtuosa mulher e ambos se queriam muito. Tinha ele hũa quinta onde, às vezes, ia folgar e caçar. Acertou de ver em casa do lavrador onde ia pousar hũa moça bonita, ordenou de a haver e houve-a, pelo qual ia e continuava mais vezes e dormia lá. E como quer que as mulheres logo suspeitam o que pode ser, lançou ela suas espias e soube parte do caso, e como o lavrador era tão pobre que não tinha o marido quando lá ia em que dormir. Tomou ela hũa cama de roupa e outros concertos, escondida do marido e desconhecida, se foi a casa do lavrador e disse que era hũa parenta do cavaleiro que ali vinha e porque ele não tinha que comer nem em que dormir, lhe deixava aquela cama e outro aparato para quando ele viesse achasse o que lhe cumprisse. Tornou-se para casa e ele daí a poucos dias tornou a casa do lavrador, e como lhe fosse dada a cama e outros concertos que sua mulher deixara, perguntando por isso, lhe disseram que hũa dona sua parenta os trouxera ali, mas ele a quem logo deu na vontade, tornando para casa perguntou à mulher se fizera aquilo, a qual lho não negou. Perguntada por que o fizera disse assim: Meu marido eu soube parte de vossas cousas e de vossa má vida, e como não éreis agasalhado como vós eu costume agasalhar, e curar, e doendo-me disso, me pareceu ser meu ofício não vos deixar padecer frio e outras mínguas, sendo vós em tal idade e ainda que duro me fosse, não pude comigo acabar de outra maneira. Vista pelo marido sua grande humildade e paciência nunca mais curou da moça nem tornou lá, o que por ventura não fizera se fora de outra maneira. Deste exemplo, podem tomar as senhoras para quando lhe cumprir. E dos mais sobreditos eles e elas. Assim que, em conclusão, digo que não é servidão a que dizem, nem tudo o que se mais alega são obrigações de virtude, de vontade, de proveito e de lei justa, e santa, e necessária, e para bem viver e, por isso, não se deve temer nem recear o casamento.

### **Reprovação do Quarto fundamento da Simpleza.**

#### **Prova-se como as mulheres são tão hábeis e tão sabedoras**

**como os homens e assim alguns exemplos.**

Muito menos releva o quarto fundamento em dizer que a mulher sabe pouco, o que não é verdade, porque muitas houve e há hoje em dia que sabem mais que seus maridos, em que se elas não fossem, iriam mal suas fazendas. E há homens tão desmanchados e gastadores, que suas mulheres os governam, e muitas houve que foram sabedoras e eficientes. Teodora, mulher de Justiniano, Imperador, regia o império e encobria as faltas que havia no marido. Joana de Inglaterra foi de tanto saber que alcançou ser Papa em Roma, depois de Leão IV, e houve nome João VII, e empenhou de um seu familiar, e indo para igreja, a tomaram no caminho as dores, e ali pariu e morreu. Autor é Platina. Proba Valleria foi mui douta em letras latinas e gregas, e por grande engenho, apropriou os versos de Virgílio à vida de Cristo. E dizia João André, Canonista, que sua mulher Milancia lhe ensinara que aos filhos se deviam pôr nomes formosos em que se comprassem por dinheiro. Plácida, mulher de Ataulfo, Rei Godo, foi prudentíssima que fez com que Roma não fosse por ele destruída e o reconciliou com os Romanos. Dona Mafalda, primeira rainha de Portugal, foi muito prudente, de cujo conselho el-rei se aproveitava, ela ordenou grandes edifícios assim como esta Sé do Porto, onde por sua memória estão hoje seus toucados. Lélia, filha de Sila, mulher mui eloquente foi que compunha as orações que seu pai dizia no Senado. Teoclea, irmã de Pitágoras, foi tal que diziam que ele aprendera dela a Filosofia. Policrata, sua filha, foi também mui douta e dizia que mais valia hũa boa mulher, fiando que cem rainhas, reinando. Zenobia, rainha dos Palmiranos, foi grande grega e Latina e escreveu muitas obras. Pela mulher de Lucano era tal que ajudou a ele a emendar os três Livros primeiros da Farsalia. Ginebra de Verona em tempo de Pio II foi singular em oratória e filosofia que por isso mereceu nome imortal. S. Paula Romã em seu tempo era chamada novo prodígio do mundo por seu grande saber e, por isso, São Jerónimo a estimava muito, em cujo tempo floresceram também Marcela e Sabiola que foram grandes sabedoras. Deixo dizer grande suma de antigas e modernas por não ser cumprido. Mas acabo este conto com que fora razão ir mais cedo que é Joana Vaz, natural de Coimbra, criada da Rainha, Nossa Senhora, por suas virtudes e doutrina mui aceita a ela nas letras latinas e outras artes humanas mui douta, de quem vi algumas cartas por que

bem se pode provar esta notícia que dou dela. Se as mulheres não sabem tanto é porque se ocupam em outras cousas mais próprias a elas, mas não porque lhes falte habilidade para tudo e como a mulher tirar de si a honestidade, tudo fará ao que se quiser dispor porque arte, engenho, subtileza e discrição não lhe falta. E se me disserem que há muitas que não são tais, digo que também há muitos néscios e desarrazoados. E posto que possamos dizer que não são geralmente tão prudentes as mulheres como os homens, não há nenhuma que para alguma cousa não aproveite. E os néscios têm, às vezes, grandes avisos e supitos mui singulares. Como dizem do testamento de Sempronio Tuditano, o qual posto que publicamente fosse furioso e doido, fez um testamento tão bem ordenado que foi aprovado por todo o Senado de Roma. Também se conta de um parvo que determinou a dúvida do hóspede e do estalajadeiro que lhe queria fazer pagar o cheiro da carne assada pois bebera sobre ele e o parvo, a quem o perguntaram, lançando um dinheiro para o ar, disse ao estalajadeiro que assim como o hóspede vira a carne e não a comera que assim se contentasse ele com ver o dinheiro e não o levar, e dizem que Túlio não pudera melhor decidir. Assim mesmo o doido que estava preso com os Orates, vendo passar o caçador e, tomando-lhe conta da despesa do falcão, e do cavalo, e dos cães, e da caça que poderia tomar. Disse-lhe: Foge daqui não te prendam que não sou eu tão doido e estou aqui. Assim que, às vezes, os que não sabem acertam, e como diz Santo Agostinho, ao menor se revela o que se encobre ao maior e que ele folgava de aprender de um moço pequeno. E algumas podem saber mais que seus maridos e portanto este inconveniente não é tal nem tão urgente para que por ele o homem se deixe de casar e, por isso, não obsta.

**Resposta ao Quinto Fundamento  
da Inconstância e prova-se aqui como são mui  
firmes na virtude e no bem as mulheres**

Quanto ao quinto fundamento contrário em se dizer que as mulheres são inconstantes e mudáveis, digo que esta fama lançaram delas os namorados, dos

quais elas mui importunadas e combatidas, porque lhe querem lançar a perder a honra e a vida, lhe prometem muitas cousas que não cumprem e não tem culpa, porque assim lhe fazem eles quando as requerem, que lhe prometem montes e mar de ouro e depois tudo fica no ar e com nenhuma cousa cumprem. Pois logo não é muito elas também serem mudáveis e não cumprirem porque o fazem por conservar seu direito, e a quem quebra a fé não é muito quebrarem-lha, e antes haviam de ter nisso mais rigor e elas andam para se guardar, e eles para as enganar e, por isso, elas lhe fazem estes enganões e estas variedades de que os homens comumente se queixam, e portanto lhe não devemos pôr culpa. Em as outras cousas assim se mudam os homens como as mulheres. Quantos há que o que prometem pela manhã, negam a noite, e agora querem, agora negam. Algumas vezes é bom o variar porque do sabedor é mudar em melhor o conselho, porque o que hoje parece bem depois por outra nova razão não parece assim, e cada hora temos novos pareceres e não havemos de haver vergonha de corrigir nossos erros. O variar é natural aos homens e às mulheres, porque nosso estado consiste em perpétuo movimento e não é de repreender se segundo a variedade dos tempos se variem os estatutos humanos e, por isso, os Doutores dão diversos conselhos e as Leis cada dia corrigem umas as outras. E em um Reino se guarda um costume e em outro, outro mui diferente. E hũa ordem reza um costume e outra reza outro, e tudo procede da mudança que fazem os homens aos quais, naturalmente, toda mudança e cousa nova apraz. E não pode menos ser na mudança das Leis e estatutos porque é tanta a malícia humana que para defraudar hũa lei cuidam e fazem mil malícias. Onde veio o provérbio: Feita a lei cuida da malícia. E, por isso, em cousas é necessária cada ano hũa lei e um corregimento. Assim que todas as cousas se mudam: homens, mulheres e tempos. E, por isso não nos devemos espantar das mulheres as quais por se guardarem de nossos enganões não é muito que nos enganem, como a que dependurou a Virgílio no cesto. Onde vem que dizem os Juristas que a mulher casada que for doutrem requerida, pode dizê-lo ao marido, e dar hora ao amigo para que venha e o espanque sem ter, por isso, pena, e portanto esta inconstância em toda parte se acha, e muitas houve que foram mui firmes. Assim como Lena de Atenas, mulher pública, mas mui louvada, a qual sendo mui atormentada, nunca quis descobrir o conselho de Armodio e Astrigitonio e cortou a língua com os dentes, e a cuspiu no rosto do que a

atormetava. E querendo por isso os Atenienses honrar esta mulher, fizeram hũa alimária a que puseram nome Lena como a ela, e na língua lhe escreveram o caso tão notável. Em tempo do péssimo Imperador Nero fizeram algumas conjurações para o matarem, sabido por ele, mandou prender hũa mulher libertina que sabia do caso, e com muitos açoutes que lhe deram até que morreu, nunca quis confessar, e muitos homens que ele, por isso, atormentou, não tiveram tal constância e confessaram, entre os quais foi o Poeta Lucano. Autor é disto Cornelio Tácito.

Quintilia, mulher mui formosa em tempo de Calígula IV, Imperador de Roma, como soubesse parte de outra conjuração, foi trazida para atormentarem e descobrir os conjurados e, passando por junto de um deles que era seu amigo, lhe deu a entender que não houvesse medo. E por mais que lhe fizeram até lhe deformarem o rosto e aleijarem, nunca descobriu nenhum de seus amigos, pelo qual depois o Imperador lhe fez mercê vista sua tamanha constância, pois no catálogo dos mártires quase tantas Santas foram martirizadas como Santos: Ágata, Lúcia, Felicitas, onze mil virgens e outras muitas. Assim que em conclusão digo que a mudança nas mulheres é como nos homens, umas mais e outras menos. Mas, por isso, não devemos temê-las, nem dar-lhes culpa, nem por isso reçar o casamento, sendo tão necessário e tão proveitoso como vemos que é.

**Reprovação e Resposta contra o Sexto Fundamento  
da Incontinência. Onde se prova serem menos continentes  
os homens que as mulheres e como por culpa dos  
homens se causa a das mulheres.**

Venhamos ao Sexto Fundamento em que se faz a maior guerra contra o casamento, e digo que por a maior parte não é verdade o que se diz da incontinência, especialmente o que dizem do rogar das castas, porque muitas se viram mui castas e rogadas e mui combatidas. Vede quantas Santas Virgens o foram. Vede a Lucrécia, Artemisia, Penélope, cujas histórias são vulgares mas algumas outras tocarei. Sofronia Romana como sentisse que não podia escapar a Decio, tomou hũa espada e por consentimento do marido se matou. Etelfrida,

Rainha, desde que pariu a primeira vez, apartou-se do marido e viveu casta perpetuamente. Baldraca, moça pobre e de baixo gênero, nunca quis consentir ao Imperador Ottom que lhe prometia grandes cousas. Edeltruda, Rainha de Inglaterra, a dois Reis com que casou, converteu de modo que nunca a tocaram. Fara, francesa virgem, tanto chorou porque seu pai a queria casar que cegou de todo. Rodope, filha de Dário, matou a sua ama por que lhe admoestava que casasse segunda vez. As mulheres de Pavia, de castas, soíam costumar não saírem fora senão com o rosto coberto. Timoclia Tebana tanto sentiu ser violada de um príncipe que por se vingar fingiu que lhe queria mostrar um poço onde havia muito haver, e como ele fosse diante dela, o lançou em baixo e ali morreu. Autor é do sobredito onde mais põe Textorna Oficina. Assim que se vê quantas são mui rogadas e castas. Também as que castas não são, não as devemos de todo desprezar, porque se podem arrepender e vir a bom caminho. E assim são mais humildes que as castas que, por isso, se alteram muito e muitas houve que foram depois santas e virtuosas, porque humano é pecar, diabólico perseverar. Onde quer o direito que posto que o pai possa deserdar a filha, que faz de si mal antes de vinte e cinco anos, se ela se arrepender e fizer penitencia, não o poderá fazer. E posto que algumas fossem más, não havemos de romper a rede pelos maus peixes.

Item se bem olhamos pela maior parte a incontinência das casadas vem por culpa dos maridos, e as que não os têm, por geral, culpa dos homens, que para as haver lhe fazem mil manhas, falácias, afagos, palavras e rogos importunos que segundo direito tem força de ameaças. E alguns, desde que não lhe aproveitam rogos, usam de ameaças e as põe por obra, de maneira que se vêm em grande fadiga que não as deixam com recados, com serviços e com outras mil importunações que quebram as pedras quanto mais a elas que são piedosas. E estes rogos importunos são de grande eficácia e, por isso, é estatuído em direito que não se confirme por morte a doação que o marido fez com grandes rogos da mulher. E não vale a revogação do testamento que faz o marido por rogos da mulher, e quem há benefício por preço, comete simonia. E o mesmo é nos ofícios de julgar, porque se comete crime de hábito. Assim que as mulheres com promessas semelhantes e com tais enganos se enganam e não com desejo de se desonrar, porque toda pessoa deseja de se conservar em seu ser. E vêem-se, às

vezes, tão forçadas e importunadas que lhe é forçado conceder com medo. Assim fez Apio Cláudio o qual namorando-se de Virgínia e não a podendo haver, ordenou com um seu criado que a demandasse a seu pai por escrava, e como quer que Apio havia de dar a sentença e a havia de julgar ao criado para que lha desse seu pai Virgílio, não o podendo estorvar por outra via, determinou de a matar, como de feito perante todos em juízo a matou, onde se seguiu divisão e grande discórdia em Roma. Como conta Tito Lívio: Tarquino quando não pode acabar por rogos com Lucrecia, usou de força e assim muitos outros que deixo. E quando para força não há lugar buscam alcoviteiras, geração péssima, tão dissimuladas e tão secretas que enganaram os homens quanto mais as mulheres. Depois entram dões e peitas que quebram os penedos e movem os corações dos homens mui constantes e fortes quanto mais as mulheres. Pois logo que fará a mulher vendo-se tão combatida que desde que não otram estas falácias, prometem-lhe que casaram com ela, e juram-no com solene juramento e depois o quebram. Assim que digo que a malícia dos homens é tanta e tão subtil para enganar as mulheres que não lhe devemos pôr toda a culpa, pois os homens têm dela tanta parte.

Item por outra razão os maridos são causa da incontinência de suas mulheres, porque esperam às vezes em mais do que em si são, e gastam o seu com umas e com outras, e depois não têm para o necessário de sua casa. E os homens não hão-de prover senão o que podem e não tomar carga sobeja, porque um homem pode honestamente prover hũa mulher e não duas nem muitas. E quando as mulheres isto sentem, ordenam de se prover doutro que as proveja, porque Avicena diz que quando o marido padece algum defeito natural, a mulher deseja o que seu é e busca outro perfeito e, por isso, o direito quer que os impotentes e frios possam ser apartados das mulheres. E como diz Horácio: hão os homens de atentar aquilo que posam suportar com seus ombros porque se querem muito voar, queimarão as asas no fogo, como Ícaro filho de Dédalo. E o homem que muitas mulheres tem, há-de satisfazer com a fazenda, comer, e vestir, e quando a mulher vê tamanho desbarato, vinga-se e também do marido e, por isso, é também sua a culpa. E dizem estes tais que querem melhor pão do que é o trigo, e que as mulheres próprias são como pão de casa, e que no alheio acham outra diferença. Como dizemos do agro alheio que parece sempre mais fértil, e a cabra de minha

vizinha é mais gorda que a minha, e dizem que o que com mais trabalho se alcança é mais precioso. Mas são cousas de homens mal regidos e há alguns que têm isto por honra e dizem que quantas mais hão, mais têm sujeitas a si. Mas deviam-se contentar com o seu e não curar do alheio, porque quem tudo quer, tudo perde, e quem muito abarca pouco aperta, e quem segue duas lebres perde hũa ou ambas, e quem ocupa o sentido em muitas partes não o pode ter perfeito em hũa. E como diz Ovídio: A mulher e o Reino não se podem bem partir. E não concertam bem dois toucados de trás de um fogo, nem a cítara com o saltério, nem um servidor com muitos senhores, como diz o Evangelho. E como quer que não haja ira sobre a ira da mulher quando disto se sente, não há quem com ela possa, porque diz Salamão: Três cousas teme o meu coração e da quarta me amareleceu a face. Dor grave sobre todas as dores, mulher ciosa e então com isto também imaginam como faz o marido para ver se há outra cousa melhor, porque a natureza sempre ajunta novas formas e a ira lhe impede o coração que não possa ver a verdade e, por isso, dizem alguns direitos que a mulher não pode ser morta pelo marido, posto que seja adúltera, se ele anda perdido com umas e com outras, porque com isso foi movida com justa causa e dor, porque as mulheres com tal fúria destruirão, se puderem, o mundo e dirão aos maridos que farão o que eles causam, e que ao que quebra a fé se lhe deve quebrar. E que tanta obrigação tem o marido quanto a Deus como à mulher de ser casto e tanto peca. E que um delito se deve compensar com outro. Torpe cousa é ao Doutor quando a mesma culpa o repreende, como diz Caton, e quando ao marido culpado tal acontecer, não se espante, pois é justo que por onde cada um peca que por ali seja atormentado, porque o que cada um semear, isso colherá, e quem semeia abrolhos não deve andar descalço, e pela medida que medirmos por ela teremos medidos. Exemplo de David ao qual por causa de Urias e Bersabe lhe disse o Profeta Namam por mandado de Deus: porque tu me desacataste, tomando a Urias sua mulher, eu te tirei tuas mulheres e as darei a teus próximos para que as tenham antes a face do sol, e posto que tu o fizeste escondidamente, o teu será em presença de todo Israel. Assim que os maus adúlteros e homens farisaicos se culpem quando lhe isto acontecer, porque o direito que cada um quer para si há-de querer para outrem. E quem quer corrigir os outros há-de ser mui corrigido. E é riso acusar os vícios que o homem em si tem, porque quem tem o argueiro no seu olho não pode ver a trave

no alheio, e como quer que seja sua mulher casta, o que anda com as alheias. De escarnecer é o que se deve repreender e repreende os outros, e o médico há primeiro de curar a si como diz o Evangelho. E os maridos não deviam cuidar que suas mulheres fossem mais constantes que eles, como quer que eles sejam mais fortes, porque contra razão parece que a fraqueza da mulher sobrepuje a fortaleza do marido. E o que faz o marido em sua casa se toma por exemplo, pelo qual quis o direito que pelo adultério do marido houvesse à mulher o acrescentamento do dote, e quando o marido é bom e fiel à sua mulher e ela o conhece por tal, ela tem causa para o não ser. Maiormente que há alguns tão perdidos, que tendo mulheres formosas vão buscar outras mui feias, que é estranha cousa e má de sofrer. E portanto, quem dá ocasião do dano e o recebe por sua culpa, a si o deve imputar, porque às vezes leve ocasião é de muito peso e de um pequeno inconveniente nascem muitos grandes, e pequeno erro no começo é grande no fim, e ninguém deve fazer o que não queria que lhe fizessem como diz o preceito. E devem cuidar os maridos que lhe podem acontecer o que eles fazem aos outros. Antiga lei era das Doze Tábuas que dizia assim: Aqueles que desejam ser amados de suas mulheres, amem-nas como a si mesmos, e não se ajuntem com outras. Dizia Sêneca numa carta a Lúculo: Gravíssima cousa é e injuriosa ter a mulher comborça, porque os maridos hão-de amar muito suas mulheres, como diz São Paulo, e se querem que sejam castas, sejam-no eles também, porque o marido que não faz o que deve, não recebe o que quer. E diz mais Sêneca: Eu te amostrarei como te ame tua mulher sem erva, sem feitiço e sem mezinha. Se queres ser amado ama, e Mena diz que aproveita o antecipar-se primeiro no amar. Grande medo devia de ter o marido que busca as alheias, porque cuidara que a si o farão os outros e, por isso, se deve apartar de tal erro, e portanto os que o fazem dão má causa às suas mulheres e, por isso, a eles se deve dar a culpa.

Item por outra razão a incontidência das mulheres vem por culpa de seus maridos, e isto quando eles são mui ciosos, como há muitos que se queimam disso, tanto que o causam às suas mulheres, porque as têm guardadas que não vão a janela nem a porta, nem a igreja, nem a folgar, e dos ventos as guardam e se temem. Diz-se que os Italianos são mui ciosos e, por isso, é provérbio em Roma que três cousas se vêem em ela poucas vezes: O Papa, ouro velho e mulheres

formosas por ciúmes dos maridos. E certo o que tem mulher formosa não é muito ter algum receio honesto e guarda, porque dificultoso é de guardar o que muitos desejam, mas não deve haver extremos fortes e desonestos, porque há tais que em todo um ano não deixam sair a mulher nem para igreja e dizem estes que a mulher não há-de sair fora de casa senão quando casa e quando morre. Outros as têm continuamente fechadas e enganam-se, porque a que se não guardar por si, não se pode guardar com nenhuns ferros. Salvo se lhe fizerem bragueiro de ferro, como fazem em Veneza. Nas Índias, em algumas partes, sujeitas a el-rei nosso senhor há tal costume, que como a moça é de dois anos a cosem de tal forte que se junta e solda de tal maneira que se não pode violar senão com hũa navalha, que o pai ao tempo do casar, mete na mão ao marido. Assim que os ciúmes no homem são por demais e por leve cousa não deve suspeitar mal de sua mulher, porque hũa mulher virtuosa não há-de aventurar sua vida e honra senão com mui grande causa. O marido não há-de ser mui cauteloso nem recatado porque, como diz Salomão, o que muito munge tira sangue e quem muito corrige, ofende. Muitas cousas pode ver o marido que pode lançar a má parte e não deve ser assim. Um houve que, porque sua mulher pariu um filho envolto numa pele, como às vezes acontece, cuidou que era filho de frade, e não lho podiam tirar da cabeça. E um Rei tinha hũa mulher a qual lhe pariu um filho negro, e sendo ela mui virtuosa, ele não podia crer senão que era filho de negro e então, especulando alguns matemáticos, acharam que na câmara do Rei havia pintado um negro do qual ela tomou imaginação no conceber, e o rei caiu na conta, porque os filósofos e médicos dizem que pode isto mui bem ser. Exemplo de Jacob quando fez partido com seu sogro Labão que as cabras que nascessem malhadas fossem suas e as que fossem todas brancas ou pretas que fossem do sogro, e Jacob se foi aos poços onde o gado ia beber, e ali lançava varas esbulhadas e pintadas, e quando o gado vinha beber, concebia todas as crianças de cores de modo que em pouco tempo, teve Jacob muito mais gado que seu sogro. Onde vem que também os Juristas dizem que não é verdadeira opinião dos que dizem que quando a mulher pare no décimo mês, depois da morte do marido, que se presume ser daquele com quem mais se parece, porque pode ser falso como dito é. A mim me afirmaram que não há muito que neste Reino hũa mulher formosa virtuosa parira um negro e que se achara ser imaginação. Concluindo digo que os homens neste caso não hão-de ser crédulos,

porque o muito crer é mau. E o que cedo crê é leve de coração, como diz Salomão, e a vontade súbita é madrasta da justiça. E tanto pode o marido isto imaginar, que a imaginação fará o caso. E contudo não deve deixar de crer o que é razão que creia. Nem crer muito como dizia a outra que não crê-se o que ele visse senão o que lhe ela disse-se e como a que fazia a conta dos ovos. E quando isto se diz ao marido já é fama pela terra e portanto em todo o marido há-de usar de prudência para que em tal caso se não queixe sem algũa causa aparente. E disseram alguns que três géneros de pessoas têm razão de serem mais ciosos. Os primeiros, são aqueles que não guardam fé às suas mulheres e que andam com outras, porque estes cuidaram que lhe pode acontecer o que eles fazem, como arriba é dito largamente, e eu certo o ouvi a pessoas bem experimentadas. Os segundos, são aqueles que têm as mulheres que não parem, porque como quer que a mulher deseje naturalmente haver filhos, achando o marido inútil, quererá mudá-lo, porque desejam as mulheres serem mães, e assim o fazia Ana, Rainha de Inglaterra, por não poder haver filhos de el-rei e algumas houvera pelo mundo a que isto aconteceria. Antes disse Bernardino de Bustis no seu Rosário ainda que foi dizer não mui considerado que bem-aventurado era aquele que não houvera senão um só espúrio. Os terceiros, que têm razão de ser ciosos, são os esposados em quanto dura aquele novo tempo, porque então todos têm licença de falar à esposada, e dizem que ao esposado do primeiro ano lhe há-de acontecer hũa de duas cousas: morte ou fogo. Morte, porque os esposados às vezes se lançam tanto a isso que vêm a adoecer e às vezes morrem, como dizem que fez um Príncipe de Castela. Fogo, porque os esposados se lançam a dormir e deixam pôr o fogo a casa, e já no Porto não há muito que assim aconteceu. Em conclusão digo que é tacha mui grande ser o homem cioso e com isso dá causa a sua mulher para que faça o que não deve.

Item por outra razão a incontidência das mulheres vem por culpa dos maridos, porque são, às vezes, alguns tão frouxos que deixam tudo à disposição da natureza e não olham o modo que nisso se deve ter, e deixam em sua casa fazer a mulher o que quer, e a negligência grande é causa de muito mal, porque na arca aberta o justo peca. Ovídio diz que assim peca o adúltero, como a adúltera, como o marido que lhe dá lugar. Não tem o marido necessidade de andar de noite fora

de sua casa e deixar a mulher, imaginando o que ele faz para que o cuide ela. Não tem o homem necessidade depois de casado de ordenar muitos castelos de vento e andar dois e três anos fora de casa e deixar a mulher só, maiormente sendo moça, mas deve tomar carga com que possa. E posto que haja muitas virtuosas que esperam seus maridos ausentes na Corte, nas Índias e na Guerra, contudo, estas têm muitos inconvenientes para o não serem, com muitas importunações e necessidades que lhe ocorrem. Ovídio diz que se atalharmos aos princípios que não haveremos mister mezinha e portanto o que depois de casado determina de andar ausente, melhor faria de se não casar que dar a sua mulher má vida. E a mulher deve escusar grandes afeites, posturas e vestiduras, quando sente que não contenta com isso seu marido, porque se ele se satisfaz com a água como dizem do cântaro, escusado é a Dragonshia. As posturas das mulheres cousa é mui antiga, mas segundo os Doutores Santos, geralmente dizem ser pecado usar delas, salvo para cobrir algum defeito ou disformidade do rosto ou corpo, ou se a mulher o fizer para contentar o marido não sendo demasiada ou desonestamente. Também as moças as podem pôr com intenção de contentarem a algum que desejam para marido, porque as que as põem por vanglória e para comoverem os homens, com má intenção pecam, e quando a mulher nisto se desordenasse, o marido o deve corrigir. Isso mesmo ir a mulher aos convites e romarias com pessoas estranhas é perigo, porque sempre a mulher vem com algũa novidade. A mulher vai a sua romaria com seu marido e família, porque os mais ajuntamentos não aproveitam para alma nem para honra. Eu vi muitos processos e demandas sobre casamentos clandestinos entre pessoas baixas, e os mais se ordenavam por romarias, que parece ser feitas a esse fim. Assim também deve escusar o marido que sua mulher converse com pessoas infamadas, porque hũa uva podre apodrenta a outra sã, e as mulheres más são como demónios que querem levar todos consigo ao inferno, e fazem quanto podem por fazerem as outras tais como a si. E quem conversa com má final é de pouca castidade e a má conversação faz indício de má fama, segundo direito. E para isso olhará o homem de sua casa pelas mulheres que lá entrarem desconhecidas, para que lhe não aconteça como a Plebério com Celestina. Nem se fie o marido muito em compadres, nem em hóspedes, porque algũa vezes quebram a fé e dizem que não puseram de vontade a mão no afilhado. E a mulher não devia falar segredo que lho marido não soubesse, porque é mau o

segredo que se encobre ao marido, porque como quer que por direito ele seja administrador da mulher não é bem que ela lhe encubra nada, porque parece que não é de seu proveito o que se muito encobre dele. Não digo nas cousas leves em que não vai muito saberem-se, mas em outras maiormente se as falam pelo escuro, porque quem mal faz aborrece a luz. Item andar a mulher em nenhum alvoroço nem revolta em que lhe possam tocar é muito desonesto. Isso mesmo, os serviços e presentes sempre consigo trazem interesse, e quem recebe benefício perde a liberdade, como diz Séneca. E quando o marido vir algum final destes então deve olhar por si e pela mulher e tomar-lhe o pulso, porque como diz Salamão: A luxúria da mulher na excelência dos olhos e das pestanas se conhece, e os que se bem querem entendem-se sem falar com só o movimento dos beijos como surdos e, por isso, é escusado a mulher andar vagando em convites entre pessoas estranhas, porque parece mui mal que ali se tocam e acenam, e onde há comer e beber reina a luxúria. Alguns disseram que se um clérigo abraçava hũa mulher que se presumia que a benzia, mas de tal bênção nos livre Deus, porque os abraços e beijos são sinal de adultério e é prova violenta e, por isso, Proménio mandava a sua filha em seu testamento que a seu marido não somente guardasse a virgindade pura mas ainda os beijos limpos. Grande indício de impudicícia são os beijos e, por isso, não é bom costume o de França e Inglaterra que todos, saudando as mulheres, as beijam na face, que não parece bem nem honesto, e os estranhos com isso, às vezes, se alteram, porque os beijos dão indício e mostra do mais e dão-se principalmente por causa da mulher, porque posto que digamos que ela os recebe, ela é a que os dá e por amor dela se dão e a que os consente tem pouca mais resistência. E quando a mulher se vir cercada de alguns destes inconvenientes, fuja deles o mais que puder, e pode passar sem o descobrir a seu marido quando ela nisso não consentir, porque posto que a mulher seja requerida não o deve dizer ao marido para lhe não dar paixão e pôr-lho em perigo de matar o tal homem, posto que alguns dizem que lho deve logo dizer. Porém, isto se entende segundo a qualidade dos amores e do marido e do namorado, porque se o marido o pode saber de outra parte, melhor é que sua mulher lho diga, porque não pareça que quem cala consente. Finalmente nesta matéria digo que o marido não há-de dar a entender à sua mulher que tem dela má suspeita, porque ela lhe não venha a perder a vergonha, porque em cousas os homens se hão-de fazer ignorantes,

segundo o filósofo, e o que dissimula a injúria, caladíssimo é. E os sabedores trazem os cornos no peito, e os néscios na testa. E usem os tais do conselho dos médicos que nas doenças desesperadas dão mezinhas para ajudar a natureza. Item por outra razão o mal das mulheres procede por culpa de seus maridos algumas vezes, porque há muitos que não tem cuidado delas, nem as provem do que lhe faz minguar, e as deixam passar e sofrer muita má vida, e com a pobreza às vezes fazem o que não fariam sem ela, porque a necessidade não tem lei e por ela se perdoa às vezes o furto. E o marido há-de prover a sua mulher do necessário, porque então terá ele também culpa, posto que ela muito mais erre, que por nenhuma cousa o devia fazer.

Isso mesmo por outra razão dão alguns maridos estrosos às suas mulheres causa, porque há alguns que como dizem folgam de comer o pão untado, e quando não tem dinheiro folgam que lho dê sua mulher. E em Itália alguns o consentem com algum Senhor ou Prelado e dizem que se pode violar a castidade por grande proveito. O Imperador Octaviano casou com hũa mulher de um seu vassalo que estava prenhe. Quase o mesmo fez el-rei Dom Fernando e porém os feitores e consentidores o fazem vilmente e deviam olhar que não há cousa que desta qualidade os Senhores grandes façam que se não descubra. E quanto eles são maiores tanto é a tacha maior, como diz Séneca. Assim que concluindo digo que pela maior parte por culpa dos maridos vêm a ser as suas mulheres desmandadas, as que o são, posto que também elas a têm muito maior. Pois logo, tendo eles parte dela a si a devem imputar e não todas as mulheres, porque quem dá ocasião do dano é visto dá-lo, e a pena há-de seguir ao fazedor dela. E os casados devem escusar a conversação daqueles de que têm má suspeita e que com cor de amigos entram em sua casa, porque são muitas vezes falsos e às vezes mudam a voz, como fez Jacob. E eu ouvi de um lavrador, o qual como soubesse que um seu vizinho cuja mulher ele desejava se levantasse cedo a regar os prados, ele lhe entrou com a mulher crendo ela que era o marido, e depois ela com nojo lhe punha cada ano o fogo para se vingar. Assim que cada um olhe de quem se fia. E, por isso, diz o eclesiástico: Não metas em tua casa todo homem, porque muitas são as manhas do enganoso. E diz Catão que quem tem boa mulher se há-de guardar, assim do amigo como do inimigo, porque havemos de tirar a matéria e

ocasião de pecar e não somente nos havemos de guardar do mal mas de toda suspeita dele. César ainda que nisso foi mui rigoroso, deixou sua mulher por hũa suspeita, porque dizia ele que os seus não haviam de ter nem presunção de maus. E São Paulo diz que de toda espécie de mal nos devemos guardar e seguro é temer a culpa onde a não há, e cuidar o que pode ser, porque não há cousa nova debaixo do sol. Tudo foi já, tudo se passou, e tudo aconteceu nesta matéria, quanto se possa cuidar que aconteça, e se o marido sentir algũa ocasião, à sua mulher mude o domicílio, porque com isso se mudam os costumes e as afeições se secam e se esquecem. E a mulher que não determina deixar qualquer paixão que tivesse não devia casar, porque mui desalentada será a que fizer outro fundamento e outro tanto digo pelo homem.

Pelo sobredito se mostra serem os homens menos castos e menos continentes que as mulheres e os médicos assim o têm, porque são de compleição mais quente na qual mais a luxúria reina e portanto a culpa não é tanta das mulheres que maior não seja sua e por esta razão não é tal que impeça ao homem haver-se de casar.

### **Reprovação do Sétimo Fundamento da Discórdia que se segue entre o Marido e Adúltero.**

Menos releva a sétima razão acima dita, porque eu pressuponho que o verdadeiro Matrimónio há-de ser puro e limpo de toda mácula, que se ele não for assim, melhor é não casar e, por isso, querem os direitos que alguns casamentos depois se desfaçam, assim como os que por medo se fazem, porque tais casamentos soem ser sempre danosos, e também não valem outros que se fazem por enganos e condições impossíveis e torpes, porque em os tais casamentos não intervém a graça do Espírito Santo, como faz nos outros que se fazem como devem. E para não haver nenhuma discórdia quando cada um se quer casar devia bem olhar pela condição daquela com que se quer ajuntar. Mas nosso costume é fazer o preço sobre o dote e não curar de mais e quando cuidamos que acabamos o preço nos parece que tudo é bem feito. E não devia ser assim. Mas a mulher que

for mui graciosa e zombadeira não havia de casar com marido cioso, e se fosse mui feia, fugir do marido loução. Isto digo de conselho e não de necessidade. Conta Tomas Moro em sua República que em Etiópia há tal costume que quando um homem se há-de casar, há-de ver primeiro toda a mulher despida à sua vontade, se porventura é manca, ou torta, ou doente de modo que se lhe não contenta, não a toma. E zombam eles muito de nós que quando compramos um cavalo não nos contentamos de o ver pelado mas ainda lhe tiramos a sela e o olhamos mui bem. Pois logo, dizem que se nós aquilo fazemos a um cavalo que dura tão pouco, em respeito da mulher, quanto mais o devemos fazer a ela que há-de durar sempre. Certo que se tal costume entre nos houvesse não haveria tantas por casar nem muitas mal casadas. Quero dizer que quando o homem casa com quem bem conhece e cujos costumes sabe, que este tal acertará para viver descansado. E sendo o casamento o que deve não há discórdia entre o marido e a mulher e portanto este fundamento é mui fraco e não tal para que empeça ao casamento.

**Reprovação do Oitavo Fundamento. Trata-se  
aqui de muitas penas dos Adúlteros.**

A Oitava Razão dada contra o Casamento em dizer que se deve lançar a adúltera, não releva, porque mui claro é que se o marido sabe que sua mulher lhe comete esse erro, que muito mais folgará de se apartar dela. E neste ponto de direito canónico e civil temos que o marido, que tem consigo a mulher que se não emenda mas está em público pecado e ele o sabe, que este tal comete crime de lenocínio, porque pois o vê e não castiga, parece que lho consente e que recebe disso torpe lucro, mas quando ele o não visse e não soubesse, ou sua mulher desde que pecasse se arrependesse e fizesse virtuosa e tornasse a bom caminho, então o marido a pode tornar a recolher, e não peca mas faz caridade, e certo eu vi alguns a que isto aconteceu e por intersecção de bons homens se reconciliaram e depois viveram mui bem, maiormente em Castela, onde se mais soe acontecer entre gente baixa, porque como é dito atrás, não pode a mulher ser morta sem pecado posto que o permitam algumas leis ou estatutos os quais de tempo antigo até agora

foram mui diversos, segundo diversidade e costume das gentes das quais direi algumas para os que as não sabem. No Deuteronomio, aos XXII capítulos, está a Lei antiga dada ao povo de Israel que dizia assim: Se o homem dormir com a mulher doutro, ambos morram, e tire-se o mal de Israel, e se a moça esposada dormir com outro dentro da cidade, apedrejem-nos a ela, porque não bradou, e a ele, porque abaixou a mulher de seu próximo, e se for no campo então morra ele e não ela, porque não havia quem lhe acudisse. Os Árabes antigos usavam de outra tal lei. El-rei Tonédio mandou que os adúlteros ambos fossem partidos com um machado, e executou em seu filho próprio, e a mesma lei houve em Lombardia. Os Egípcios mandavam dar aos adúlteros mil açoutes e cortavam a elas os narizes, e dizem que assim usam em Sicília ou em Frandes. Diodoro Siculo conta que em Partia cortavam ao adúltero os testículos. Seleuco, Rei dos Locrenses, mandou que ao adúltero tirassem ambos os olhos e como um filho seu fosse nisso, compreendido ele por satisfazer a lei, tirou um olho a si outro ao filho, autor é Valério. Os povos Lepreos prendiam os adúlteros somente três dias e depois eram desprezados em toda sua vida e elas estavam onze dias ricamente vestidas perante todo o povo. Os Atenienses por sua lei podiam fazer a adúltera toda injúria e mal, para que vivendo vivesse com pena. Os Lacidas tinham espantoso costume e vergonhoso que, por isso, o deixo de dizer. Em Alemanha, os maridos cortavam os cabelos às adúlteras e despidas, perante os parentes, as faziam açoutar por toda a cidade. Os Cortinenses coroavam os adúlteros com hũa coroa de lã a denotar que eram moles e fracos. Os Cumanos punham a mulher adúltera em cima de hũa pedra na praça e depois a subiam em um asno e andavam com ela por toda a cidade e ficava infame, e da pedra onde estivera fugiam como de cousa maldita. Platão em sua República mandava que fosse a mulher infame que o adúltero não fosse admitido em nenhum ofício. Vieram os Romanos e fizeram várias leis. Rómulo não fez lei de adultério, porque ele tomou as mulheres dos Sabinos. Numa Pompilo, Rei segundo de Roma, mandava que a adúltera não tocasse a ara da deusa Juno e, tocando-a, havia de ir com os cabelos fora oferecer-lhe um cordeiro. Como diz Festo Pomponio: Depois foi por eles ordenado que pudessem matar suas mulheres e tornaram a mudar isto, permitindo-o somente ao pai, porque se moveria mais à piedade. Sucedeu depois lei que permitiu matar o adúltero mas não de toda qualidade. César Augusto quis que se pudessem matar

indistintamente e ele fez a lei dos adultérios que anda no livro dos Digestos. Depois veio Domiciano que era mui mau e não castigava este vício e o permitia. O mesmo fez Heliogabalo que era outro tal perverso. Mas depois veio Macrino XIX, Imperador, e mandou que fossem queimados o adúltero e adúltera e estranhava muito este pecado, porque sendo-lhe dito que dois soldados, pousando em casa de um homem, lhe violaram hũa filha, mandou logo abrir dois bois e a eles meter em cada um até o pescoço, para que um visse o outro em final de tão torpe feito. Aurélio, Imperador, tomou um cavaleiro, porque violou a mulher de seu hóspede, e atado a duas árvores foi partido pelo meio. Sucedeu depois o Imperador Teodósio que mandou que a adúltera fosse posta em lugar público e que fossem a ela quantos quisessem, e que então tangessem uns chocalhos para que o ouvissem todos, mas o mesmo Imperador mudou esta lei. Justiniano mandou que as açoutassem e metessem em um mosteiro. Agora, em cada terra há seu costume e vão diminuindo em toda parte as penas. Em Perusi, o paga o adúltero ao marido trezentas libras se a tem hũa noite em casa e o mesmo em Bolonha. Em Florença, há pena de mil cruzados. Em Treviso, se confiscam os bens da mulher. Em França, dizem alguns que se castigam mal os adultérios. Em Castela, por lei, se entrega a adúltera ao marido que a mate ou solte. Cá em Portugal é mais áspera a pena e os maridos mais duros que muitos as matam e outros as acusam até a morte pela lei que o permite, mas como disse não sem pecado no qual a lei civil não pode dispor. Todas estas penas, dizem os Legistas, que não hão lugar em alguns casos. O primeiro é se a mulher for forçada. O segundo se o marido o consentir. O terceiro se lhe perdoar. O quarto se desde que o soube tornou a haver ajuntamento com ela. O quinto é se a mulher fosse conhecida, cuidando ser o marido como já aconteceu. O sexto se o cristão deixar à mulher infiel e ela se casa e depois fazendo-se cristã é obrigado o marido a tomá-la de direito canónico.

**Reprovação do Nono Fundamento que foi contra as mulheres  
em que se prova serem mais e maiores  
as tachas dos homens e se confundem todos os fundamentos contrários.**

Para haver de responder a este Fundamento como por razão, e pelo que somos às mulheres obrigados se requer, havia mister mui longa lição e um só livro mas como quer que minha intenção se funde em ser breve, responderei o necessário. E digo que os que assacaram tantas tachas às mulheres, não tiveram nenhuma razão, porque se elas se puseram a escrever também aos homens, muito piores e maiores lhe poderiam achar, porque não há tacha que se ache na mulher que se não ache também no homem se quisermos tomar tudo em extremo. Se no mundo há mulheres palreiras, mudáveis, néscias, vãs, também nos homens se podem achar citas mesmas tachas muito em abundância e ainda de vantagem das mulheres. Quem faz agora homicídios? Furtos? Traições, alvoroços, pelejas, falsidades, demandas, roubos, forças e outros males sem conto? Senão os homens e não as mulheres. Toda idade é mais pronta a fazer mal que bem, porque não há nenhum que não erre ou peque. Que o justo cai sete vezes no dia e, por isso, das mulheres nos não devemos espantar. Diz Horácio que nenhum nunca nasce sem alguma tacha e que ditoso é o que a tem pequena. E Salamão diz que de mil homens achou somente um bom. Egídio diz que quase todos os homens são prontos ao mal e toda carne facilmente corrompe seu caminho, maiormente na mancebia, porque é escorregável. Catão diz que nenhum vive sem pecado, porque o mal é fácil e o bem difícil, e o mal, pela maior parte, é mais gostoso e menos trabalhoso. E se todos os homens que têm más manhas e pecam houvessem de morrer, como diz Ovídio, em pouco tempo seríamos todos destruídos. Mas Deus é misericordioso e não quer a morte do pecador mas que se converta, e viva, e dissimula nossos pecados por amor da pendência. Em tempo de Josué, capitão do povo de Israel, Acham furtou do Exército certo dinheiro pelo qual pecado Deus lhe destruiu o exército. E sabida a causa e feita por Josué oração e pendência, mataram Acham e seus filhos e ceifou logo a vingança de Deus. Pois se agora cada vez que os homens matam, forçam e fazem outros grandes males logo viesse Deus com seu castigo, que seria de nós? Quão poucos escapariam de sua justiça. Dos Reis, não digo de todos, mas de alguns negligentes em acudir às guerras justas contra os infiéis e fazem outras escusadas entre si. Assim se queixava deles o Papa Pio Segundo ao tempo que foi tomada Constantinopla, e dizia que el-rei Dom Afonso de Portugal estava mui prestes para acudir com sua armada, e os outros nunca se quiseram ajuntar nem socorrer em tamanho mal com guerras que

tinham entre si, e sendo eles mui chegados aos turcos e mouros não curam de lhe fazer guerra nem fazer como faz el-rei nosso senhor e como fizeram seus antecessores de gloriosa memória, os quais desde que lançaram os mouros destes reinos, lhe tomaram grandes lugares e cidades em África e não contentes disso passaram por mar seus capitães às Índias e lá sogigaram à sua real coroa grandes terras e Cidades marítimas que seriam largas descrever, e agora o ano passado de quinhentos e trinta e nove, a frota e gente de sua alteza que eram os portugueses desbaratarem a grandíssima armada dos Rumes, de que era capitão um irmão do grande turco, que vinha com cem velas poderosamente para subjugar à Índia e os nossos, sendo muito menos os desbaratarem, e venceram, e lançaram fora como é notório. Pois vindo particularmente aos outros estados dos homens muito poucos há que careçam de culpa. Os julgadores não se escusarão muito de negligentes, especialmente dos presos que jazem muito tempo na cadeia sem haver despacho. Os procuradores de quanta arrogância e adulação usam com as partes, ainda que dou em meu escudo mas não deixarei de o dizer, quantos brados na audiência que já agora não é havido por mais sabedor o que melhor arrazoa, senão o que maiores brados dá com os quais se diminui a autoridade das letras, e lei justa seria se se usasse como em Castela, e França, e Itália, que não vão a audiência senão que advoguem de sua casa. Os médicos quantos modos têm para haver dinheiro, porque não há lei que lho defenda, dizem que o seu conciliador florentino não saia de casa com menos de cinquenta cruzados por dia, e indo visitar o Papa Honório levava por dia quatrocentos cruzados. Os tabeliães como dilatam o termo à custa do litigante e sobretudo quantas negligências e más respostas passam. Os mercadores buscam lojas mui escuras para enganar os simples e avisados com o pano e com a medida. Os rendeiros como se matam, porque vem o ano bom e como se alegram com o mau. Nós clamamos por chuva e eles por sol, devinham o mal ano até que venha e nunca o queriam bom para vender o pão caro. Como digo destes, podia dizer de outros muitos que deixo, que cometem piores erros que as mulheres e infindas malícias e, por isso, elas não são sós ainda que foram muitas delas quanto mais que há sem conta excelentes e boas. E ainda algumas prerrogativas têm as mulheres que os homens não têm. Rómulo ordenou que as mulheres tivessem o mais honrado lugar e que se algum malfeitor se acolhesse à mulher prenhe que lhe valesse como templo. Também a virgindade da mulher é

cousa excelentíssima e tem poder para amansar o unicórnio animal feroz que se não toma senão com hũa donzela virgem à qual por ele vista põe sua fúria e lhe adormece no regaço onde o matam. Nem temos razão de culpar às mulheres de incontinentes salvo as que o forem como também podemos fazer aos homens, antes as mulheres são mais frias que os homens, como concluem todos os médicos. E sendo mais frias não podem ser mais luxuriosas, porque com a quentura se acende a luxúria, e com o vinho, e comer, como diz Terêncio e porque nelas a mais humidade e frio são mais abundantes de carne da cinta para baixo que os homens. Assim que os quentes são luxuriosos, exemplo dos coléricos, que pela maior parte o são, e, por isso, os poetas fingiam a Vulcano Deus do fogo, marido da Deusa Venus. Os homens, neste caso, culpavam as mulheres mais do devido, porque tiveram liberdade no escrever e porque não infama canto a luxúria ao homem como à mulher que diminui de todo sua honra. Se pudéssemos com verdade dizer que todos os homens fossem mui castos, mui continentes, mui temperados, mui limitados, mui sofridos e mui honestos, teríamos razão de dar tanta culpa às mulheres, mas nós vemos ser o contrário e que há menos castidade em eles mas cada um se devia guardar em santificação e honra, como diz São Paulo. E não somente a mulher mas o homem há muito de fugir da luxúria que tem muitos males. O primeiro é que dispõe o corpo a muitas enfermidades e abrevia a vida do homem e por ela se evacua o nutrimento dos membros e a virtude do homem enfraquece-se e se seca, segundo diz Galieno, e os médicos dela procede ciática, podagra, dores de cabeça muito empece ao estômago, e ao miolo, e aos olhos, e já alguns no mesmo acto morreram, e os castos vivem muito, como dizem do eunuco, e o mesmo é nas alimárias assim como o elefante que, segundo diz Alberto, desde que lhe morre a fêmea, não cura de outra nem gera mais de hũa vez e vive trezentos anos. Hugo diz que a luxúria é peçonha doce. Séneca diz que não há cousa mais mortal ao engenho, cega o homem, e o faz néscio. Segundo Santo Tomás dana a fama e honra do homem e scandaliza o próximo, destrui todas as potências e virtudes da alma e consome a fazenda e, por isso, os homens e mulheres a devem fugir, mas como diz São Gregório, poucos há sem esta tacha que não é o moço de treze anos quando já nele reina esta malícia da luxúria. Conta o mesmo São Gregório em um diálogo que um moço de nove anos emprenhou sua ama. E São Jerónimo numa carta a Vital diz que foi verdade. Ele

mesmo conta que Salomão e Achaz, Reis de Israel, fizeram filhos em idade de onze anos, e Reboam e Ezechias geraram de doze. Hostiense diz que um moço de dez ou onze anos, Dioceli Siscariense, emprenhou outra sua ama. E, tornando aos casados, queria que me contassem os que dizem mal das mulheres casadas, os milagres que fazem. Quantos há que têm mulheres nobres virtuosas e formosas e andam buscando outras. Não sem causa se fizeram as leis contra os barregueiros porque os há e muitos como também dizemos pelas mulheres. Quantos agravos e enganos fazem os casados às suas mulheres para fazerem o que querem, estão os livros cheios e a experiência. Assim que de todo género de homens procede a incontinência como das mulheres e mais. Salomão incontinente foi isso mesmo David. Amom forçou sua irmã e Teseo sua cunhada e muitos antigos e modernos graves vícios fizeram desta qualidade. Pois logo por que razão argúem os homens as mulheres se eles são mais culpados. Diz Salustio que de todo vício deve carecer o que repreende a outro. Como quer repreender o ladrão ao que furta e impudico outro tal como si. Certo digo que os que toda esta tacha atribuem as mulheres não têm nenhuma razão. Se culpamos às mulheres de soberbas, também não temos razão, porque mais naturalmente a soberba grande reina nos homens, porque dizemos que pela soberba caíram muitos, assim como Lucifer e Nabucdodonosor, todos os doutores mais tacham este vício nos homens por neles mais acontecer. A soberba da mulher não é mais do que vontade e poucas vezes pode ser de obra, mas a do homem tem ambas estas espécies. Se a mulher formosa é soberba, como diz Salomão, os homens formosos e feios são mais soberbos. Alexandre mui pequeno era e feio e quando Dário lhe cometeu que casasse com sua filha e que partissem o mundo pelo meio respondeu que para ele só era mui pequeno o mundo todo. Quem não sabe a soberba de César, homem calvo e feio, e como Sila por ele dizia que era mal atado e que havia de dar um couce em Roma. Que soberba foi a sua, criado e nascido em Roma, havendo tantos anos que se governava por cônsules, ele quis com sua soberba usurpar para si toda a monarquia e fazer-se isento senhor do mundo, e dizia que para reinar se haviam de quebrar as Leis e, por isso, fez muitas guerras, estragos até se pôr em campo contra seu sogro Pompeio onde morreu quase a frol de Roma até que alcançou o que queria que lhe durou um ano.

Item culpar as mulheres de ingratas é ter que falar, porque quando os persas fizeram lei sobre a ingratidão, não a fizeram sobre os homens nos quais se acham maiores ingratidões. E às mulheres chamamos ingratas, porque não fazem o que queremos, mas não porque comumente o sejam. Digam-me em que mulher se achou outra tal ingratidão de Nero que matou sua mãe e seu mestre Séneca. Item culpar as mulheres de hipócritas e dissimuladas, não é bem porque os homens o são mais. Por eles disse o apóstolo que havia alguns que eram como lobos rapazes e isto sabem melhor os homens que as mulheres. Item não temos razão em culpar as mulheres de cobiçosas de honra, porque muito mais isto reina nos homens, porque posto que a mulher de Polidetes, irmão de Licurgo, matasse seu filho por reinar, como diz Plutarco, também houve muitos filhos que puseram guerra a seus pais, já disse Absalom, e em Castela por vezes aconteceu. E em vosso tempo o filho matou a mãe sobre suas heranças. Item culpar às mulheres de rixosas, não temos razão, porque mais o são os homens, porque a mulher dana às vezes com a língua e o homem com a língua e espada. E, por isso, diz David: impõe, Senhor, guarda na minha boca e porta nos meus beiços; a ira do homem é para temer. Pelo qual Salamão diz: Não sejas amigo do homem iroso nem andes com o furioso. Mas pela mulher, disse Catão, que suas palavras irosas não temêssemos. Item em culpar às mulheres de praguentas não temos razão pois que os homens o são mais que de ociosos se assentam nos bancos e dizem mal de si próprios quando não tem de quem e, saindo-se um dentre eles, os outros o ficam notando e já houve tal que quando se saia rogou que o deixassem ir em paz. As mulheres quando praticam ao menos têm outro exercício de roca ou agulha e, por isso, isto é falso. Os que tacham às mulheres por cruéis não acertam, porque em sua natureza é mais pronta a piedade que a nossa para pobres, para filhos, e para todo género de criaturas. Que como a comadre ou vizinha adoece logo todas lhe acodem e socorrem e, por isso, se visitam mais a miúdo nas doenças, nas pariduras, e nas festas. E ainda não parira a comadre de ai a um mês quando é destinado o dia da visitação, o que tudo procede de piedade e amor que não é assim entre os homens, não se lê que em mulher houvesse a crueldade de Nero, Calígula, Dionísio e de el-rei Dom Pedro de Castela, que matou seus irmãos assim que isto não releva. Item os livros feitos contra às mulheres que delas mal disseram entendem-se das más e não das boas e virtuosas e as más ainda o não são

tanto que os maus homens as não excedam e também quiseram os escritores usar de fábulas e graças que pela maior parte são falsas.

Respondendo aquilo falso que são demónios que caíram com Lúcifer, não é tal nem se prova por nenhuma autoridade, antes os santos Doutores têm o contrário. Ao mais das condições é verdade que são mais santas e mais devotas na igreja que os homens, e visitam melhor a Deus e com mais devoção. Diabos em casa é falso, porque posto que bradem têm razão contra os criados quando lhe furtam e queimam o sangue, que se os homens este cuidado tivessem mais bradariam. Anjos na prática é por respeito de sua formosura que é cousa excelentíssima que não se pode melhor comparar, tirando a divindade de que carecem os mortais. Da janela se entende por as que são nisso sobejas, posto que muito não pode ser, porque a mulher que nunca sai de casa, quando não tem que fazer, não é muito que esteja à janela para seu recreamento, que de outra maneira seria como presa e as virtuosas sabem bem o modo que nisso se deve ter. Ao que dizem das pegas é falso, porque as mulheres plebeias devem estar às vezes à porta para negociar sua fazenda. Cabras na horta, não é verdade, porque elas são grandes hortelãs. Ao mais do enfadamento claro, é a resposta que não há maior falsidade, nem sei quem em Itália fundou tão mau provérbio, sem nenhum fundamento nem razão, e não cuido que ninguém isto me contrarie, que os bem casados são disso grandes testemunhas. Ao mais da imperfeição digo que a mulher é da compleição e natureza do homem, e feita à sua semelhança, osso de seus ossos e carne de sua carne e, por isso, o contrário é falso. Ao contar das idades é provérbio sem autoridade de boca de pragueiros e, por isso, não releva.

### **Reprovação do X fundamento da pobreza e doença e velhice.**

Não releva o décimo fundamento das três faltas sobreditas, porque antes o pobre se deve casar, porque com o dote e com ajuda da mulher se faça rico, o que a alguns acontece com ajuda de suas mulheres e, por isso, a pobreza no homem não é causa para não casar, porque se é bom mais vale com hũa capa que outro

mau com muita riqueza. Quantos cuidaram que acertavam, dando suas filhas com grandes dotes a homens de muita fazenda, os quais depois tudo desbarataram e despenderam e quantos deram dotes a homens que não tinham nenhuma cousa e os guardaram e acrescentaram muito, assim que o ponto não vai nisso senão nos bons costumes e criação da pessoa. Isso mesmo o mal da enfermidade não releva, porque todos os homens não são enfermos senão os menos e o enfermo vem a ser são e não o sendo ou tendo doença perpétua, assim como lepra ou outra semelhante, melhor é não casar que danar sua mulher que a lepra é morbo contagioso. E quanto ao dos velhos assim digo que o não são todos e os que o forem podem casar com sua igual para viverem a seu proveito melhor que sós e o mesmo digo das mulheres e portanto não releva tal fundamento.

### **Reprovação do XI fundamento, contra o Casamento.**

O Fundamento XI é mui fraco, porque a mulher pobre pode ter outras qualidades que sejam, tais como a riqueza assim como linhagem, formosura e saber, porque estas três cousas ou hũa delas juntas com virtude e castidade e bons costumes fazem a mulher pobre mui rica. Da linhagem vemos que alguns como estes senhores da índia casam com mulheres de linhagem para terem parentes e riqueza. Da formosura já houve alguns que por ela se casaram e ainda em nosso tempo e no antigo. Ovídio diz que a formosura é dote. Do saber digo que com ele pode a mulher casar, porque é grande parte e com ele pode bem ajudar seu marido. Se a mulher é rica pouco inconveniente pode haver pois todos andam pela riqueza que muito aproveita como se vê por experiência que tudo obedece as riquezas e com elas se faz tudo: cobrem defeitos e se conserva a honra. São vida e sangue e entranhas do homem e valem para remir a alma e a virtude sem elas não aparece e a honra sem riquezas é caduca e diminuídas as riquezas se diminui a honra. E quem tem riquezas assaz é nobre, porque dão honra e dão amizades e o pobre onde quer jaz e os pobres pouco se honram e pouco se temem. E a família se conserva pelas riquezas e nenhum bem temporal se pode haver sem ouro e as gerações se extinguem pela pobreza e nenhuma cousa grande se pode fazer sem

pecúnia. E por Homero, dizia Ovídio, que ainda que viesse com seu saber carregado se não trouxesse nada que o lançariam fora. E por causa das riquezas vemos comumente os nobres casar com mulheres somenos porque se compensa hũa cousa com a outra, porque não há cousa com que se conserve o ser do homem senão com o dinheiro. E, por isso, a mulher rica é proveitosa pelo que não vale nada nem obsta tal fundamento.

### **Reprovação e resposta contra o final fundamento.**

Finalmente não releva o final fundamento e razão de Jasão, porque os antigos não tinham que pelo casamento se salvavam nem que escusavam o pecado. Somente haviam respeito a seu proveito e, por isso, se apartavam por muitas cousas e duvidavam o casamento. E assim tinham entre si maus costumes em seus casamentos. Os mouros e os egípcios podiam casar com quantas mulheres podiam sustentar e o mesmo faziam os Judeus e Índios segundo Diodoro Siculo. Os Citas têm as mulheres e os filhos comuns pela opinião de Platão. Os Agaptiros e Masagetas têm hũa mulher comum a todos. Os Baramantes não casam com nenhuma e andam vagando com todas. Os Árabes casam com hũa que têm comum com todos os parentes. Os Atenenses casavam com suas mães e irmãs e o mesmo faziam os Medos e Magos. Os Nasamonos, povos de Líbia, costumavam na primeira noite dormir todos os convidados com a noiva e depois guardava sempre castidade. Os Romãos desde que haviam filhos que lhe abastavam davam a mulher a outros que os não tinha para que os houvesse, segundo diz Celio. Os Lacedemonios se não tinham filhos de suas mulheres podiam havê-los em outras e a mesma Lei guardavam elas quando os não podiam haver dos maridos. Pelo que se mostra serem mui erradas as bodas das outras gentes e as nossas serem boas e santas e de muita perfeição e excelência e, por isso, se eles arreceavam o casamento, nós não temos para isso razão, e portanto não releva tal fundamento de Jasão, porque nós temos consideração a salvar-nos do pecado e à sua era mui diversa. Também as autoridades dos Poetas não relevam, porque seu ofício era mais fingir fábulas e mentiras que falar verdade

como por elas parece e, por isso, se desmandaram no escrever dizendo o que não era. As autoridades dos teólogos e canonistas não obstam, porque dizem ser melhor à religião, o que eu assim digo, mas o que a não aceitar muito mais acerta casando que viver solteiro cuja vida é perigosa, inútil, desgostosa, sem ordem, sem polícia, cousa por todos ou pelos mais nunca aceita. E portanto conclusivamente havemos de ter o casamento ser cousa excelentíssima.

**Acaba a Terceira Parte.**

## QUARTA PARTE

E final deste Tratado. Em a qual se põem doze Declarações e Requisitos que se requerem para que os Casamentos se façam bem e a serviço de Deus e para descanso e proveito dos Casantes.

Entre todas as cousas que os homens hão-de considerar para viver em esta vida presente, nenhuma é de maior peso e em que se mais deva atentar que no Casamento, porque todas as cousas que os homens fazem pela maior parte em que não sejam mui acertadas, nem feitas com grande conselho, podem ter remédio e escusa, mas o Casamento desde que é feito não se pode desfazer nem aproveitar o arrependimento, e quanto mais se arrepende o homem depois de casado, tanto mais acrescenta em sua dor. E posto que geralmente muitos se arrependem, contudo uns tem maiores desgostos que outros, e muitos houvera que não tiveram este arrependimento. Se o homem houvesse de fazer hũa casa, desfazer outra, sair de sua terra, comprar hũa herdade ou cavalo, ou fazer outro negócio semelhante em que por não tomar conselho não acertasse, podia ter remédio algum ou desculpa, mas o casamento é de tal sorte que o erro nele não se pode justificar, porque o homem tem arbítrio para discernir o mal do bem e tempo para cuidar o que deve fazer, e quando errasse parece que não tem escusa. As cousas que se hão-de fazer maduramente e com conselho, hão mister muito tempo do qual o casado se não pode queixar, porque antes que case tem tempo para escolher, como diz Ovídio, a quem diga tu só a mim me aprazes. O homem que se há-de casar sisudamente, há-de especular mui bem a condição e qualidades da mulher e o dote que lhe prometem, a natureza, criação e parentes, e então escolher e discernir o que melhor lhe estiver. E o mesmo pela mulher digo. E se então não achar o homem cousa de sua vontade e proveito de que se satisfaça, pudera esperar, que quando não se casar sua hora lhe virá, porque o que se há-de fazer hũa só vez, não há-de ser precipitadamente e sem bom conselho. Neste caso um homem para aconselhar a si só aproveita pouco, porque como Salomão diz ali é a saúde onde há muitos conselhos, e em cousa própria não é nenhum bom juiz. Mas então deve

o homem sisudo se tem algum amigo de que se confie, dar-lhe disso conta e ver seu parecer. Isso mesmo aos irmãos e parentes se deve dar esta conta em todo caso, porque como quer que os parentes participem da honra do parente honrado e assim também da desonra, justa cousa é que em tal caso onde se pode seguir hũa e outra cousa, eles sejam sabedores e participantes, porque um sabe o que não sabe o outro, e o que um não entende, alcança o outro. E quando o homem fizer estes cumprimentos de maravilha pode errar e não acertando seria a culpa da fortuna também, e não o fazendo assim teria duas dores toda sua vida: hũa, porque lhe succedeu o mal, e outra, porque tendo tempo não se soube prover. Muitas vezes acontece que os amigos e parentes se enganam, ou às vezes enganam, ou por algũa causa se conformam com a vontade de seu amigo e lhe falam e aconselham ao som de seu desejo e não do que entendem portanto neste caso convém que o homem sobretudo consigo se aconselhe com o que viu, ouviu, aprendeu e leu, e passar alguns dias antes que conclua, e posto que negar se não possa, que o casar se não escusa por ser tão justo e tão proveitoso. Contudo alguns casamentos se fazem como se não devem fazer, assim contra as leis divinas como humanas, e às vezes saem mal acertados e tal mulher se pode acertar que fora melhor viver sem ela e a mulher com tal se pode casar que fora mais seu proveito viver solteira. E pois vemos que há casamentos bons e outros melhores e outros que não são assim, necessário me pareceu pôr nesta parte as cousas que se requerem para que o casamento seja bom e acertado a serviço de Deus que o ordenou, porque todos os prudentes deram nisso diversos conselhos e doutrinas, que eu reduzi em doze por conseguir a ordem que comecei as quais são as seguintes.

### **Idade conveniente**

Primeiramente o homem para se haver de casar há-de ter, para isso, idade conveniente. Quero dizer que nem seja muito moço nem velho, porque o moço não tem distinto para se governar e o velho tem outros inconvenientes. Segundo direito pode casar o moço de catorze anos e a mulher de doze e ainda sem licença de seu pai. Mas Aristóteles no VII das Políticas diz que o homem se não case

menos de trinta e seis anos e a mulher de dezoito e que sendo assim serão iguais. Sobre isto houve muitas opiniões, e diziam que no tempo dos filósofos viviam mais os homens e que, por isso, esperavam tanto, mas não é assim, porque já então os homens viviam cem anos pouco mais ou menos, e depois do dilúvio Deus limitou a idade a cento e vinte anos, e David dizia que setenta anos eram longa vida, e por espanto se contam muitos daquele tempo que viveram muito.

Plínio, livro VII, cap. XLVIII, conta que Argantonio reinou setenta anos, Masinisa sessenta, Gorgias viveu cento e sete, Valerio, Corvino e Metelo cem, Livia noventa e sete, Perpena noventa e dois, Statilio noventa e nove, Terencia cento e dois, Clodia cento e quinze, Samula cento e dez. Autores são Valerio e Fulgoso, e agora muitos se acham que vivem cento e dez e cem anos, posto que a maior parte da gente faleça em sessenta e três, porque ali faz nossa vida grande termo. Mas agora sejam cem, agora sessenta, parecia bem o casar nos trinta e seis anos. Como quis Aristóteles o que vemos, que comumente se não guarda, antes vemos que a maior parte dos homens casam primeiro, e se passam dos quarenta, logo vão decaindo, e logo lhe assacam tachas. As mulheres esperam os dezoito e passam porque não acham tão facilmente marido e porque é muito menos tempo. Mas deixada a opinião de Aristóteles, justo parece que o homem se case da idade de vinte e cinco anos e a mulher de dezoito ou vinte, porque neste tempo presumiu o direito que podia haver perfeito saber no homem e na mulher e isto é o que se guarda e aprova mais comumente. Duvidasse entre os juristas, se algum for tão velho que não pudesse gerar, se poderia casar e muitos tiveram que não, porque hũa das intenções do matrimónio é por haver geração, e não havendo este fim, não vale o matrimónio. Assim como dizem que não valera o matrimónio ao que se casar estando no artigo da morte, se estava em tal passo e tão fora de si, que não era para se juntar com a mulher, e dizemos assim do eunuco que não pode casar, nem o frijo ou impotente. E ainda dizem que o matrimónio se faz por dois fins, convém a saber, da geração e de evitar o pecado, e se o homem tem um desses respeitos, não é matrimónio quanto a Deus, falecendo o bem da geração assim o tem o propósito. E quiseram ainda mais dizer que se um com boa intenção disse palavras de futuro, e depois com má conheceu mulher somente por desejo que não é matrimónio, em foro de consciência de maneira que por estes Fundamentos e

outros que a Silva refere, tiveram alguns que o tal velho decrépito não podia casar mas outros tiveram o contrário, maiormente os teólogos, e é melhor opinião e dizem que além do bem da geração concedeu Deus aos casados hũa glória na família e contentamento do estado e, por isso, dizem que entre os tais velhos pode também haver matrimónio, porque o filósofo Aristóteles no VII das Políticas diz que pode um homem gerar até setenta anos e Solino conta muitos mui velhos que geraram. Dizem que pela maior parte, até sessenta anos e sessenta e cinco pode acontecer, e alguns nos oitenta geraram, e Bainero, médico, diz que um de noventa anos gerou. Eu tirei a limpo e soube como um fidalgo dessa comarca falecendo de cem anos deixara hũa filha que houve de sua mulher de dois ou três anos e portanto esta opinião se há-de ter. Mas quando estes casamentos assim se fazem sempre há algum outro respeito, porque como já é dito não há cousa mais imprópria que o velho para a moça, porque cada cousa em seu tempo e o velho se faz filhos por sua morte fica a moça com eles desamparada. Quando ambos são de idade igual e correspondente é glória e prazer e de outra maneira acontece como ao que lavrava com o boi e com o asno, porque o amor verdadeiro há-de ser um querer e um não querer, e o amigo verdadeiro há-de seguir a condição de seu amigo e com ele gozar-se e entristecer-se em tudo, e havendo costumes vários não se conserva o amor, e o velho em tudo por tudo desconcerta muito com a moça e a moça também com ele, porque têm condições e opiniões mui diversas e mui diferentes um do outro, onde vem que o amor poucas vezes se acha entre os dissemelhantes, porque o fidalgo aborrece o letrado, e o clérigo ao frade, e o escudeiro ao lavrador, e o lavrador a todo género de pessoas, porque a dissemelhança de costumes dissemelha as amizades. Túlio diz que os costumes desiguais seguem diversos desejos de maneira que o que facilmente se despreza pouco se ama, porque não há tal bem como o voluntario e pela maior parte vemos que de tais casamentos se causam escândalos e repúdios e às vezes pouco serviço de Deus. A semelhança é causa de muito amor, porque as idades têm diversos instintos e cousas a que mais se inclinam e segundo são as idades assim se querem as cousas convenientes a elas. Os mui velhos se haviam de contentar antes com as liberdades que o direito dá à velhice honrada que são muitas, e as bodas deixar aos mancebos, e não meter a foice na messe alheia, e todavia se o fizerem que é bom ser com suas iguais na idade olhem por si que às vezes os filhos da primeira

mulher levam tudo, e ele e a segunda, ficam enganados assim que digo que neste caso se requer idade conveniente e própria para o casamento.

### **Riqueza no Homem.**

A segunda cousa que parece que se requer para o homem casar proveitosamente é que tenha com que suporte a mulher e sua casa ou ofício por que possa viver, que o que não tiver nada melhor se suportara consigo só que com outrem. Que a natureza nossa, como diz o filósofo, com pouco se contenta mas contentar mulher e filhos é outro trabalho, e as mulheres se queixam dos maridos pobres e às vezes os difamam por isso, e o homem que não tem ser-lhe-ia bom servir a bom senhor ou ir à guerra, o estudo ou aprender ofício por que vivesse, porque casar-se um homem que não tem nada além doutros inconvenientes, fizesse servo de sua mulher, porque ela lhe dará com isso em rosto. Mas às vezes a nobreza de linhagem ou letras se compensa com o dote grande e também pelo contrário, o que não é de estranhar segundo a disposição do tempo que corre, porque lhe não vemos nenhum inconveniente posto que antigamente em Roma a lei das Doze Tábuas defendia que entre os padres e plebeus não pudesse haver casamento, e assim hoje em dia se guarda em Itália em partes assim, como também os guelfos não casam com os gibelinos entre os quais há muitas inimizades, como parece pelos decretos do Papa Bonifácio VIII que era guelfo e perseguiu cruelmente aos Cardeais Colunas que eram gibelinos. Mas cá entre nós não há estas inimizades e, por isso, se não estranha. Concluindo, logo digo que se pode fazer, mas melhor é em tudo aditamento de riqueza.

### **Que seja são.**

A terceira qualidade necessária para ser bom o casamento é que o que se quer casar não seja doente, grande engano faz a hũa mulher o homem que se casa

sendo perpetuamente doente, porque é cousa mui aborrecida a doença em casa se é contínua e longa. O que é enfermo logo deve presumir se será sua enfermidade longa ou curável e aconselhar-se com médicos, porque se tiver enfermidade longa e incerta assim como lepra, ética, tísica, engurria e outros semelhantes, que comumente se curam mal, antes não devia casar, ainda que assim pudesse durar alguns dias e antes o não devia fazer para não abreviar mais a vida, porque não há cousa que mais empeça ao doente e o mesmo entendo nas mulheres. Alguns se casam estando no artigo da morte para legitimarem alguns filhos que têm de alguma manceba, porque é de tanta força o casamento que por ele se legitimam os filhos havidos antes dele, e a este respeito é bom que se faça e melhor seria em vida que viver em pecado e não esperar tal tempo.

### **Que não tenha filhos.**

O quarto que se requer para ser bom o casamento é que ele nem ela não tenham outros filhos, porque algumas vezes os filhos do primeiro matrimónio vêm a discordar com os do segundo, e o homem que já tem filhos devia-se de contentar com eles e ensiná-los e não dar carga à outra, porque pela maior parte sempre os homens vêm a encarregar-se pelas segundas mulheres e por seus filhos delas, que como o outro dizia que sempre quisera bem ao mais pequeno. Quando o viúvo casa e tem filhos, poucas vezes lhe dão muita fazenda e, por isso, olhe por si, porque com filhos e já se for dos quarenta para cima, se deve com eles contentar e ainda sendo rico e tendo irmãs pobres é melhor que as case, ou suas sobrinhas, que é obrigado por direito sendo elas virtuosas e com isso satisfaria a sua consciência, mas o que digo não entendo de necessidade mas de conselho, posto que de outra maneira possa ser bom olhadas as qualidades das pessoas que eu não o reprovoo.

### **Virgem.**

Todos concordam que o bom casamento há-de ser com única e virgem, porque a mulher sempre se lembra do primeiro amor e o ama mais, o que é pelo contrário no homem que aborrece o primeiro acesso. Como diz Sócrates e, por isso, pela lei velha se haviam de mostrar os sinais da virgindade. Agora a boa fama da pessoa é sinal que bem se amostra a qual muito se deve conservar. Alberto e os médicos põem alguns sinais de fora assim como face vermelha. Despeito e vergonha do homem, peito pequeno e duro, contudo às vezes se enganam os olhos das parteiras.

Alguns se casam com as que tiveram por amigas, o qual casamento Nevizano não tem por bom, dizendo que se lembra o homem das doidices que fizera com ela andando de amores. A mim me parece outra cousa e digo que se este tal houve a tal amiga de sua honra que se deve com ela casar, ou casá-la como ela merece, e não sendo assim, então ainda digo que melhor é casar que viver em pecado, maiormente se tem filhos para que os legitime pelo casamento por matrimónio subsequente.

Quanto às viúvas diz São Paulo que as que não poderem padecer os aguilhões da carne que melhor é casar que arder. Porém, o estado vidual é logo após do virginal e melhor que o do casado e, por isso, às viúvas havíamos de aconselhar que vivessem na honra de seus maridos, os quais se diz que com isso se entristecem e aos filhos fazem injúria, e elas combatem sua honestidade que era maior viver assim que casar, maiormente a que já houve dois maridos que quando procura o terceiro ou quarto, como eu já vi, algumas não é visto viver muito honestamente mas é justo todavia que Deus ordena.

O homem com mais razão casa viúvo, porque não pode entender nos negócios miúdos de casa e porque lhe não é tão estranhado mas pois há tantas moças pelo mundo deixem os homens de importunar as viúvas.

Até o tempo de el-rei Dom Fernando neste Reino não casavam as viúvas sem licencia de el-rei e por privilégios se dava algum lugar que pudessem casar e pagassem hũa libra de cera, como eu vi alguns, mas depois se tirou esta lei. Contudo grande é a virtude da viúva honesta que vive na honra do marido que deixou com que teve os primeiros amores. E posto que as mulheres sisudas e

virtuosas, sendo viúvas, casando-se com bons homens, facilmente se lhe podem conformar, contudo sempre amam o primeiro do qual receberam sua perfeição e ainda o lugar e o tempo e às vezes querem parecer moças e caem em perigo, como conta o Cardeal Alexandrino de hũa senhora de Milão que fez tais cousas para muito contentar o marido que de todo se fez inútil para o acesso. Item o que com viúva casa incorre em bigamia. E perde a viúva quanto o primeiro marido lhe deixou, perde quanto lhe desse em vida o primeiro marido, e perde a substituição pupilar dos filhos e a tutoria deles que lhe logo devem tirar, e perde a viúva muitos privilégios que lhe dá o direito, e perde os privilégios que tinha pelo primeiro marido. E o que assim se casa olhe que não seja em tão breve tempo que vindo ela a parir não seja incerto cujo é filho e sobretudo faça que seja a contentamento dos parentes do primeiro marido porque não venha a ter com eles diferenças.

### **Mulher Rica.**

A sexta cousa que se requer para o bom casamento é que seja mulher rica e de bom dote, porque em dois extremos melhor é rica que pobre, porque como diz o filósofo nas *Éticas* que sem os bens da fortuna não acontece a bem-aventurança. A riqueza da honra cobre vilania e cobre os defeitos, é vida do homem, causa amizade, valia, poder, ousadia, temor, letras e a pobreza a tudo é contrária, porque o cavalo mal pensado mal passeia e o dinheiro é fiador da necessidade. Erasmo diz que para bem-aventurança do homem se requer saúde, abundância de bens temporais e especulação de entendimento, e, por isso, os ricos não morrem tão asinha, porque têm quem os cure e ainda para alma aproveita o dinheiro se se distribui como deve, por o qual é boa a riqueza.

### **Mulher igual.**

A sétima cousa em que muitos concordam para o casamento se fazer em melhor perfeição é que o homem se case com sua igual em estado e vida, como diz João Sabro, porque a semelhança é causa de amor. Quero dizer que o homem de baixo género não case com mulher mui nobre, porque facilmente o despreza, e o mesmo é na mulher e se o homem não pode haver o que quer contente-se com o que pode. Diz o Eclesiástico que não busquemos cousas mais altas que nós e Simacho dizia que a nossa natureza folgava e se abraçava com cousas iguais. E neste propósito quis Ternevizano que o nobre se não havia de casar com a baixa e dizia que o nobre tem necessidade de mulher e parentes nobres para ajuda de seu estado. Mas a mim não me parece inconveniente, porque se a mulher é mui rica, assaz é nobre, que as riquezas juntas com boas costumes fazem fidalguia e nobreza segundo teve por opinião o Dante que o nosso Bartolo largamente refere e com tudo é melhor a igualdade, porque a disparidade traz muitos inconvenientes. E, por isso, um rústico mandou a seu filho no testamento sob pena de privação da herança que não casasse com nobre e outro foi que mandou que não casasse senão com filha de mercador e assim que esta qualidade é mui conveniente ao casamento.

### **Formosa honestamente.**

A oitava cousa que todos dizem que se requer no bom casamento é mediana formosura. Ovídio dizia que nela estava maior graça e tal mulher traz a seu marido muita consolação, porque se a mulher é mui formosa é desejada e se é mui feia desapraz. Por onde disse Protágoras ainda que mal que a formosa havia de ser comua e a feia pena intolerável e, por isso, em meio se requer. A casada deve procurar de aprazer com virtude e bons costumes, porque como diz Crisóstomo: a mulher formosa se não é casta é sepultura pintada, assim que a formosa em meio é a que convém, porque a mulher pela maior parte tem nobres condições que o de fora amostra ao de dentro, segundo Ambrósio, e a disposição do corpo é semelhança de pensamento. Sócrates dizia que a boa semelhança demonstrava bons costumes, porque no corpo disforme assim é o coração, e no formoso reside

formosa alma, e Rasis teve que o que tinha o rosto disforme poucas vezes tinha bons costumes e por isto o disforme e debilitado pela lei velha e nova era indigno para o sacerdócio, e Michael Escoto diz que a má fisionomia é sinal de perverso entendimento. Diz Marcial que o Ruivo do cabelo negro da boca torto e pequeno dos pés é maravilha se é bom.

A formosura tem alguns efeitos que são estes que compilei: o primeiro que por ela pode a mulher casar sem dote e é bem dotada. O segundo que quando nascem dois de um ventre julgamos o mais formoso por primogénito, para herdar o morgado ou Reino ou prazo. O terceiro que se hũa rica mulher casar com mancebo plebeu formoso não casa indignamente. O quarto que ter acesso à formosa é menos pecado que à torpe. O quinto dizem alguns que posto que o filho não seja obrigado dotar a mãe se ela fosse mui formosa e ele rico, podê-lo-ia obrigar. O sexto, que é violenta presunção, se acham um com mulher formosa que a conheceu. O sétimo que se entre dois houver dúvida quem será capitão, julgasse pelo mais formoso. O oitavo a mãe formosa posto que seja rica não deve dotar a filha primeiro que si. Dizem que a formosura da mulher passa aos filhos maiormente, se é grande de corpo que assim saem eles, mas os pequenos têm melhor engenho e dizem que a maior parte dos Doutores foram pequenos de corpo, assim que é grande cousa a formosura em meio, com a qual poucas se contentam, em que a mui pequena busca tamanhos chapins que lhe acontece cair com todo aparato na rua e torcer o pé. A gorda apresentasse muito. A magra enchesse de panos que darão feição ao saco. A descorada busca logo remédio. A que não é mui alva também se provê porque a alvura cobre todos os defeitos, mas como disse mais se devem procurar as virtudes, porque para perfeita formosura se requerem trinta cousas que é impossível haver algũa a que delas não falte, e há-de ter três de cada um destes. Alva, pronta, vermelha, longa, pequena, estreita, larga, fútil, gorda, breve e isto abasta da formosura.

**Potente.**

A nona qualidade que se requer para o bom casamento é que os casantes sejam hábeis, que ele não seja impotente ou frio ou maleficiado de tal sorte, que não possa ter acesso a mulher como vemos cada dia demandas em este caso mandam os doutores que vivam por espaço de três anos para ver se se conformam que já se aconteceu apartarem hũa de um por ela não ser hábil e depois vir outro e habilitá-la e mandou o Papa que se tornasse ao primeiro, assim que os inábeis não podem casar e casados se devem apartar.

### **Bons costumes.**

A décima cousa que se requer no bom casamento é que o que se busca para casar, agora seja homem, agora mulher, tenha boas manhas, bons costumes, bom nascimento e boa criação, porque o que teve maus costumes e viveu mal poucas vezes se volve daquilo em que se cria. A mulher bem ensinada e bem doutrinada e discreta em tudo e por tudo traz ao marido muita consolação e, por isso, se deve assim escolher, porque de outra maneira acontecera como ao frade com o ladrão e, por isso, conveniente cousa são bons costumes.

### **Vizinha conhecida**

A undécima essência ou qualidade que alguns disseram que havia de ter o bom casamento é que seja com vizinha conhecida, filha de seu vizinho e natural, porque como diz o provérbio: a mulher e a vaca busca trás a casa. O vizinho conhece e sabe os defeitos de seu vizinho, e conhece os costumes e manhas de sua filha, e a estranha que nunca viu, às vezes, é mui diferente do que ele deseja e do que lhe compraz, e mais justo é casar o homem com sua natural que com estranha, porque com isso honra e acrescenta sua terra e à República em que vive e sabe sua vizinha de que qualidade é, de que género e de que costumes, e se é conveniente

aos seus ou discordante e também saberá se ela se contenta dele ou não, porque muitas casam contra sua vontade por obedecer a seus pais que lho fazem fazer. Outras casam com homens que nunca viram que lhe prometem mares e montes e depois tudo é nada e acham-se mui enganadas. E quando o homem e a mulher são vizinhos não podem enganar um a outro e é a vizinhança causa de muito amor. E o vizinho se presume que sabe os feitos de seu vizinho e dele diz Salamão que é melhor que irmão alongado e o direito ordenou muitas cousas em favor dos vizinhos que não podem torvar uns a outros, e hão-de fazer boa vizinhança, nem podem lançar cousa que penda sobre a casa do vizinho, nem fazer cousa que mal cheire e são obrigados a corrigir a fonte entre si e a casa do vizinho que se derribou por amor do fogo que não passasse por ela às outras suas e pela lei do Reino não pode fazer porta em frente da do vizinho e se sua casa estiver para cair, é obrigado a corrigi-la. Ao propósito digo que o casamento com a vizinha conhecida é bom e João Sabro diz que o que se casa deve ver se pode provar os costumes da mulher com que há-de viver e portanto o casamento da natural e vizinha é melhor e mais certo.

### **Não seja com parenta.**

A duodécima qualidade que há-de ter o bom casamento é que se faça segundo as leis divinas e humanas, quero dizer que não seja com parenta nem afim, nem comadre, nem afilhada segundo dizem os cânones sagrados. Dos tais casamentos, como diz Egídio Romano, nascem às vezes desventuras, porque o incerto é defeso de direito divino e positivo e natural. Divino, vede no Levítico aos XX capítulos onde se põe pena de morte. Positivo, em todas as leis dos homens se defende. Natural, vemos naturalmente quanto é contra razão e natureza, que nisso logo permite Deus grandíssimo aborrecimento, como parece de Tamar que desde que Amon, seu irmão, a conheceu por força, maior foi o aborrecimento que lhe teve que o amor que dantes lhe tinha e logo lhe mandou que se saísse da câmara e a um criado que lhe fechasse a porta. As alimarias neste caso também têm seu sentimento e se guardam. Conta o doutor João Lopez de

Palácios Ruivos que um homem pôs escondidamente hũa égua a um potro seu filho, o qual desde que o viu, cortou a si mesmo com os dentes os testículos. Não falo quando se faz por dispensação, porque o Papa o pode fazer e faz com causa entre os Reis e Príncipes no segundo grau porque estes não acham seus iguais, e por bem da paz como fez com el-rei Dom Manuel que Deus tem, e depois com el-rei nosso senhor, e com o Imperador que agora é. E o Papa Júlio dispensou com el-rei de Inglaterra que casasse com a mulher que fora de seu irmão, a qual ele repudiou, e dizia que o Papa o não podia fazer, o que é falso, porque pode por bem da paz. Assim como fez com um Rei de Aragão que era professo, que casasse para haver filho herdeiro, e o mesmo fez com el-rei Dom João de boa memória, que foi nosso Rei, que sendo frade professo da ordem de São Bento, casasse para haver geração. Também o Papa Clemente III dispensou com Constança, filha de el-rei de Sicília, que sendo freira professa casasse, e nela se extinguiram os Reis de Sicília desta maneira, ao tempo que nasceu um monge, Joaquim disse a seu pai que ela nascera para destruição do Reino. E el-rei, cuidando nisso, lhe pareceu que não podia ser senão por casamento e meteu-a freira, onde esteve até idade de cinquenta e cinco anos. Mas como as cousas que Deus ordena não se podem fugir, faleceu seu pai Guilherme sem haver outro filho por cuja morte ocupou o Reino Tancreto Tirano. O Papa e outros Príncipes doendo-se disso, ordenaram casar a dita Constança com o Imperador Henrique para que com ela tirasse o Reino a Tancreto, e sendo ela já velha de cinquenta e cinco anos maravilhosamente empenhou, e para que se não duvidasse, o Imperador mandou apregoar que quem quisesse fosse presente ao seu parto, e publicamente pariu no campo a Fedrico, o qual depois foi tal e tão perverso que o Papa Inocência IV o privou do reino e do império, e assim se cumpriu o juízo do monge Joaquim, mas contudo o que se faz por dispensação é bom, e santo, e justo, pois se pode fazer que antes em Castela há muitos morgados com condições que casem com parentes pobres de sua linhagem mas o que digo entendo dos que sem isso o fazem. Outras muitas qualidades se requerem e se alegam neste propósito, as quais e muitas destas comumente se não guardam nem buscam, nem eu obrigo a nenhum que sem isso o não faça mas digo que assim é melhor, especialmente para pessoas insignes, mas umas e outras, encomendando-se a Deus e endereçando se em seu serviço,

querendo casar acharão cousa de seu gosto e descanso o qual Deus queira dar aos que o desejam, e buscam, e esperam viver em seu serviço amém.

**Deo gracias.**

**O Licenciado João Mendez, médico, em louvor do autor e da obra seu mui familiar amigo.**

As obras romanas e gregas latinas  
que são fabricadas por dignos autores  
já temos sabidos seus grandes primores  
para as adorar por quase divinas  
e posto que sejam de essências tão dignas  
têm outro sentido diverso capaz  
mas não como esta que consigo traz  
sentenças tão claras, tão justas, tão finas.

Altas sentenças, facetos dizeres  
se mostra haver em este tratado  
de filósofos legistas canonistas ornado  
bom para homens e para mulheres  
ensina doutrina de grandes Doutores  
demonstra seu engenho de grande primor  
desfaz as falácias que traz o amor  
que merece, por isso, grandes louvores.

A fonte Castalia se pode chamar  
na qual os antigos achavam primor  
Pégaso se pode chamar o autor  
O Porto Parnaso para se fundar  
as musas se podem bem juntas achar  
na obra Castalia presente nascida  
a outra foi lá dos Poetas fingida  
mas nesta se podem as musas criar.

Mas eu não me sinto de tanto primor

Falece-me língua para algo escrever  
o que a vossa eloquência se pode dizer  
que outra merece de juro maior  
parece-me escuro querer dar louvor  
a quem o tem por si tão ganhado  
louvar a obra é bem escusado  
pois nela se pode ver muito melhor.

Bairros correste de tantos letrados  
em vossa memória se foi imprimir  
não sinto quem tanto pudera suprir  
de cousas que cumprem manter os casados  
não ficam alguns que não sejam tocados  
de graças facécias sentenças fúteis  
e outras sentenças em prosas gentis  
que cumprem a todos pra ser descansados.

Fim.

Louvemos leitores a este letrado  
Dando-lhe palma e coroa de oliva  
e todos digamos que Barros bem viva  
e com muita honra seja exaltado  
deixa-nos obra de grande ditado  
para saberem os homens casar  
devemos de seus exemplos tomar  
pois que em saber é tão esmerado.

Foi impresso este Tratado na mui nobre e sempre leal Cidade do Porto a  
XX dias do mês de Fevereiro ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de  
MDXL e foi acabado por Vasco Dias Tanco de Frexenal.

## INDICE

|                                                            |        |
|------------------------------------------------------------|--------|
| <i>ESPELHO DE CASADOS</i> - Proémio                        | pág. 3 |
| Introdução e declaração do presente livro para os leitores | pág. 5 |

## PRIMEIRA PARTE

|                                                                                                                                                                       |         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| Começa a primeira parte deste Tratado. Em o qual se põem Doze Razões que desfavorecem o casamento. As quais se puseram aqui para se reprovarem, por maior favor dele. | pág. 10 |
| Razão primeira por causa das cargas do Matrimónio                                                                                                                     | pág. 11 |
| Razão II por causa dos filhos e de sua morte. Trata-se aqui do amor do pai e de alguns que mataram seus filhos                                                        | pág. 12 |
| Razão III contra o Casamento. Por ser espécie de servidão. E contém algumas cousas que o marido é obrigado                                                            | pág. 15 |
| Quarta razão contra o Matrimónio por a simpleza das mulheres                                                                                                          | pág. 18 |
| Razão V por causa da inconstância das Mulheres                                                                                                                        | pág. 20 |
| Sexta Razão fundamental contra as Mulheres que trata da incontinência                                                                                                 | pág. 20 |
| Razão VII contra o Casamento por Respeito da discórdia entre o marido e adultero                                                                                      | pág. 24 |
| Razão VIII contra o Matrimónio, por não viver com a adúltera                                                                                                          | pág. 25 |

|                                                                     |         |
|---------------------------------------------------------------------|---------|
| Razão nona contra o Matrimónio, por as tachas e manhas das mulheres | pág. 27 |
| Razão X pela pobreza, doença e velhice                              | pág. 29 |
| Razão XI contra o Matrimónio por causa da mulher pobre ou rica      | pág. 30 |
| Razão XII e final contra o Matrimónio                               | pág. 31 |

## SEGUNDA PARTE

|                                                                                                                                                                                                       |         |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| Segue-se a Segunda Parte deste Tratado. Em a qual o Autor prova por Doze Razões evidentes e muitos fundamentos quão excelente e proveitoso e necessário seja o Casamento. E é resposta da carta atrás | pág. 34 |
| Razão I por parte do Matrimónio por se perpetuar o homem                                                                                                                                              | pág. 34 |
| Razão Segunda por parte do Casamento por causa de quem o ordenou                                                                                                                                      | pág. 35 |
| Razão III por causa da glória e alegria do Casamento                                                                                                                                                  | pág. 36 |
| Quarta Razão pelo Casamento que é por seguir os nossos antepassados                                                                                                                                   | pág. 37 |
| Razão V e fundamento por seguir os modernos                                                                                                                                                           | pág. 38 |
| Sexta Razão por parte do Matrimónio por causa da geração                                                                                                                                              | pág. 39 |
| Razão VII pelo Casamento por causa da honra                                                                                                                                                           | pág. 41 |
| Razão VIII por parte do Casamento por respeito da amizade da qual aqui se trata singularmente                                                                                                         | pág. 42 |

|                                                                |         |
|----------------------------------------------------------------|---------|
| Razão IX por ser o Casamento em favor da República             | pág. 45 |
| Razão X pelo Matrimónio por causa da ajuda da mulher ao marido | pág. 47 |
| Razão XI por parte do casamento por respeito da polícia        | pág. 48 |
| Razão XII e final pelo Casamento por este evitar o pecado      | pág. 49 |

### TERCEIRA PARTE

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |         |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| Em a qual o Autor particularmente responde aos Doze Fundamentos alegados contra o Matrimónio. E reprová e destrui todos os ditos Fundamentos e Razões dadas contra ele e contra as Mulheres e amostra de quanta perfeição e excelência sejam e tratam-se mais muitas cousas mui proveitosas aos Casados. | pág. 52 |
| Resposta e Reprovação contra o Primeiro Fundamento das Cargas do Matrimónio                                                                                                                                                                                                                              | pág. 52 |
| Resposta ao Segundo Fundamento da morte dos Filhos. Trata-se aqui da Paciência e de que maneira devemos sentir sua morte                                                                                                                                                                                 | pág. 55 |
| Resposta e reprovação do Terceiro Fundamento da Servidão. Trata-se aqui dos ciúmes e como sempre o Casamento é franco e de toda liberdade                                                                                                                                                                | pág. 58 |
| Reprovação do Quarto fundamento da Simpleza. Prova-se como as mulheres são tão hábeis e tão sabedoras como os homens e assim alguns exemplos                                                                                                                                                             | pág. 63 |
| Resposta ao Quinto Fundamento da Inconstância e prova-se aqui como são mui firmes na virtude e no bem as mulheres                                                                                                                                                                                        | pág. 65 |
| Reprovação e Resposta contra o Sexto fundamento da                                                                                                                                                                                                                                                       | pág. 67 |

Incontinência. Onde se prova serem menos continentes os homens que as mulheres e como por culpa dos homens se causa a das mulheres

Reprovação do Sétimo Fundamento da Discórdia que se segue entre o marido e Adúltero pág. 77

Reprovação do Oitavo Fundamento. Trata-se aqui de muitas penas dos Adúlteros pág. 78

Reprovação do Nono fundamento que foi contra as mulheres em que se prova serem mais e maiores as tachas dos homens e se confundem todos os fundamentos contrários pág. 80

Reprovação do X fundamento da pobreza e doença e velhice pág. 86

Reprovação do XI fundamento contra o Casamento pág. 87

Reprovação e resposta contra o final fundamento pág. 88

## QUARTA PARTE

E final deste Tratado. Em a qual se põem doze Declarações e Requisitos que se requerem para que os Casamentos se façam bem e a serviço de Deus e para descanso e proveito dos Casantes pág. 90

Idade conveniente pág. 91

Riqueza do homem pág. 94

Que seja são pág. 94

Que não tenha filhos pág. 95

Virgem pág. 95

|                                                                                          |          |
|------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
| Mulher rica                                                                              | pág. 97  |
| Mulher igual                                                                             | pág. 97  |
| Formosa honestamente                                                                     | pág. 98  |
| Potente                                                                                  | pág. 99  |
| Bons costumes                                                                            | pág. 100 |
| Vizinha conhecida                                                                        | pág. 100 |
| Não seja parenta                                                                         | pág. 101 |
| O Licenciado João Mendez, médico, em louvor do autor e da obra<br>seu mui familiar amigo | pág. 104 |

Nelly Barreto Moreira da Silva

**“A LITERATURA DE ESTADOS NO SÉC. XVI E  
O ESPELHO DE CASADOS (1540) DO DR. JOÃO DE BARROS”**



Folha de rosto da edição de 1540.

Exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto 2010